

Aline Santos de Brito Nascimento

Carnaval de Ilhéus

Identidade, Turismo e Sustentabilidade



IPHUS
FESTIVAL DE ILHÉUS

Carnaval de Ilhéus

Identidade, Turismo e Sustentabilidade



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADEUM HILÁRIO SAUER - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

LOURICE HAGE SALUME LESSA - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luiza Nora – Presidente
Antônio Roberto da Paixão Ribeiro
Elis Cristina Fiamengue
Fernando Rios do Nascimento
Jaênes Miranda Alves
Jorge Octavio Alves Moreno
Lino Arnulfo Vieira Cintra
Lourice Salume Lessa
Lourival Pereira Junior
Maria Laura Oliveira Gomes
Marileide Santos Oliveira
Paulo dos Santos Terra
Ricardo Matos Santana

Aline Santos de Brito Nascimento

Carnaval de Ilhéus

Identidade, Turismo e Sustentabilidade

Ilhéus - Bahia
2007


Editora da UESC

©2007 by ALINE SANTOS DE BRITO NASCIMENTO

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Alencar Júnior

FOTOS DA CAPA

Secretaria de Turismo de Ilhéus - SETUR

REVISÃO

Maria Luíza Nora

EQUIPE EDITUS

Direção de Política Editorial: Jorge Moreno; **Revisão:** Maria Luíza Nora,
Aline Nascimento; **Coord. de Diagramação:** Adriano Lemos; **Designer Gráfico:** Alencar Júnior.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)


N244 Nascimento, Aline Santos de Brito.
Carnaval de Ilhéus : identidade, turismo e sustentabilidade / Aline Santos de Brito Nascimento. – Ilhéus :
Editus, 2007.
180p. : il.

ISBN: 978-85-7455-131-9


1. Carnaval – Ilhéus (BA) . 2. Turismo – Ilhéus (BA). 3.
Festas populares – Ilhéus (BA). 4. Identidade cultural – Ilhéus
(BA). I. Título.

CDD – 394.25098142

Ficha catalográfica: Elisabete Passos dos Santos - CRB5/533



Aos meus familiares e em especial a Neuza, minha
mãe, que, através de incentivo e companheirismo,
contribuiu para que eu atingisse mais
objetivo de vida, dedico.





AGRADECIMENTOS



Aos Departamentos de Economia, Letras e Artes, e Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Santa Cruz;

à Dr.^a Maria de Lourdes Netto Simões;

à CAPES;

ao Prof. Dr. Hélio Estrela Barroco;

a Maria Hilda Baqueiro, Milton Araujo Moura, Evandro Sena Freire e Marília Ansarah;

a Maria Luiza Silva Santos;

a Maria Alice Accioly Dórea, Cristiane Cerqueira e Patrícia Argolo Rosa;

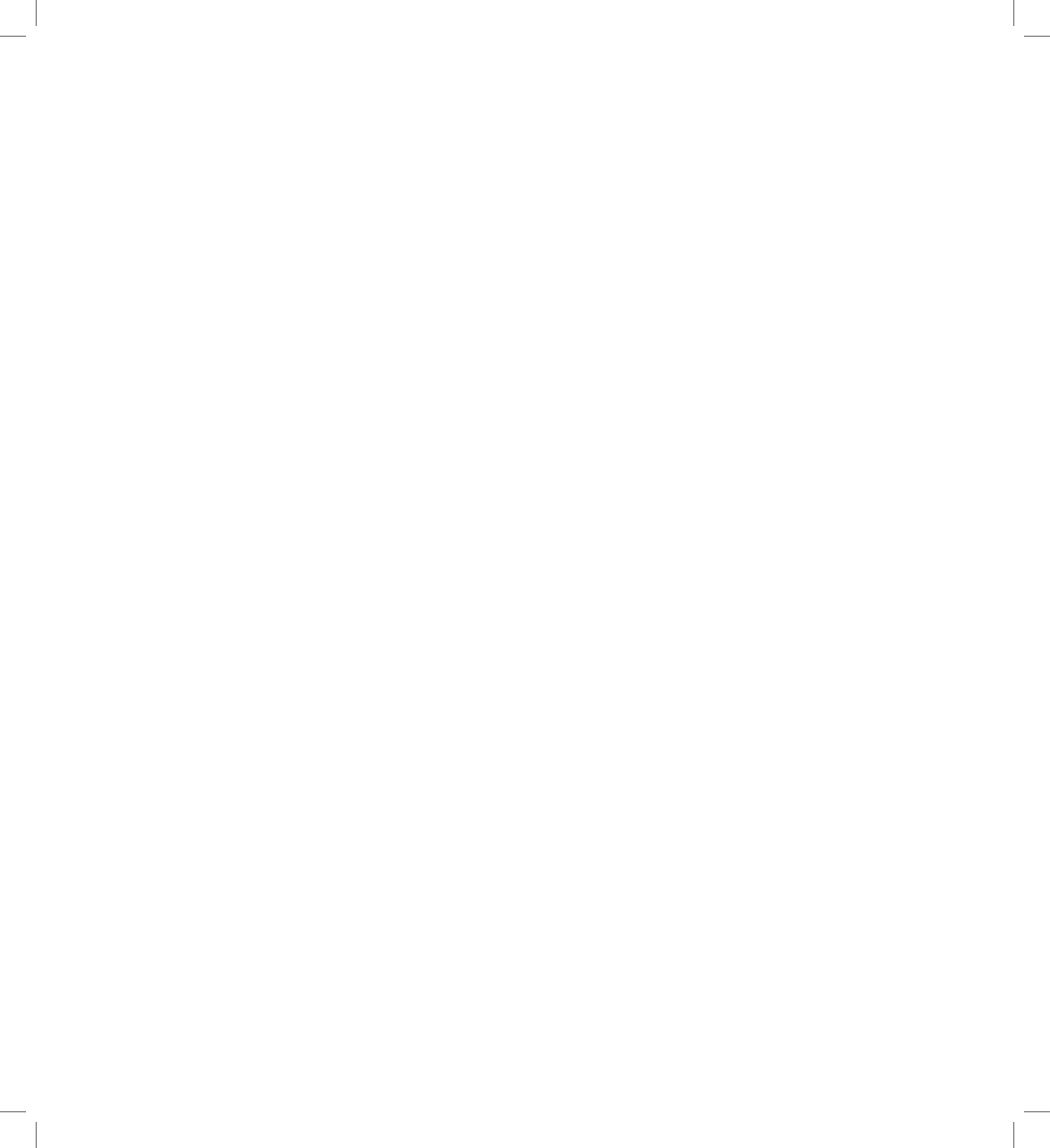
a Charles Nascimento Sá e Elson Cedro Mira;

a Graça Argolo;

a Gerson Marques;

aos professores, funcionários e alunos da Escola Estadual Lomanto Júnior;

aos turistas, foliões, empresários e gestores de Ilhéus.



Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos, mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

.....
O tempo é a minha matéria, o tempo presente,
Os homens presentes, a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade



Sê plural como o universo.

Fernando Pessoa



APRESENTAÇÃO

A riqueza cultural da Região Sul Baiana tem suscitado inúmeros estudos que se ocupam da sua identidade, das suas questões étnicas, da sua cultura. Favorecida pela condição histórica de antiga capitania e, também, posteriormente, por abrigar a pujança do cacau, a região enriqueceu econômica e, principalmente, em manifestações culturais e artísticas; dentre elas, o carnaval.

Dos inúmeros trabalhos que se voltam para a região, este de Aline Santos de Brito Nascimento é oportuno e singular, por sua seriedade e sua propriedade ao ocupar-se, particularmente, do carnaval de Ilhéus. Conhecedora que sou do percurso da pesquisa da autora é, pois, com grata satisfação, que apresento este seu livro.

Já pelo seu título, o ensaio aponta para as questões básicas das quais se ocupa: Carnaval de Ilhéus: identidade, turismo e sustentabilidade. A preocupação com a inter-relação entre a cultura e o turismo no tratamento do tema a que se propõe – o carnaval de Ilhéus - revela-se não somente aí, mas também na estruturação do seu trabalho, que se realiza de forma dialogante em discurso ensaístico e linguagem fotográfica.

Nesse sentido, o texto resolve-se em três capítulos que, passo a passo, realizam a interface entre cultura e turismo. O primeiro - Festa, Identidade e Turismo - procura dar conta das discussões teóricas em torno do tema, detalhando questões relacionadas à história e significação da festa carnavalesca. O segundo, ocupa-se da formação de Ilhéus e do seu carnaval, realizando o enfoque da história da cidade e da festa através de perspectiva cultural e turística. O terceiro, tendo atenção às circunstâncias globalizadas de informação e trânsito, discute criticamente a condição do carnaval de Ilhéus e apresenta argumentação indutora de planejamento sustentável e participativo para a festa ilheense.

Elementos paratextuais complementam semioticamente o texto dissertativo. As epígrafes: o poema de Drummond, que abre o trabalho, ratifica e alarga a sua intenção de situar-se no tempo presente; o verso de Pessoa – *sê plural como o universo* - insinua a sua postura dialógica; depois, a cada capítulo, elas, as epígrafes, sintetizam a sua postura teórica a seguir desenvolvida. As ilustrações, apresentadas em anexo, acrescentam a história do carnaval ilheense, através dos folhetos veiculados. Tal preocupação com a visibilidade, leveza e consistência do texto, tem em conta

as especificidades da linguagem (Calvino, 1988) para esse tempo em que quer estar: o tempo presente, globalizado, midiático.

Sustentada por Bakhtin (1981), para o entendimento de carnaval; Stuart Hall (2000), para desenvolver a concepção de identidade cultural; Swarbrooke (2000), para falar de turismo cultural, acrescenta-os pelo foco da sua investigação, com leituras direcionadas para o seu tema (Sarlo, Brandão, DaMatta, Moura, Castelles, Lage & Milone, Lucas, Dencker, Simões, Pellegrini Filho, dentre outros). Assim a diversidade de focos (festa, identidade, trânsitos) que se entrecruzam para responder à sua indagação (o carnaval de Ilhéus - sustentabilidade) realiza a articulação entre cultura e turismo.

O ensaio de Aline é um trabalho de

fôlego que repõe a história do carnaval ilheense, contribuindo para os estudos sobre a identidade cultural e as expressões culturais Sul-baianas. Além disso, certamente amplia a literatura sobre ao assunto, inclusive oferecendo sugestões e construindo uma reflexão crítica para um planejamento turístico participativo, relativo à festa carnavalesca no Município de Ilhéus e do carnaval Sul-baiano. Finalmente, apresenta elementos culturais e turísticos de forma articulada, que poderão ser tomados como modelo para planejamentos que visem a uma sustentabilidade cultural.

Maria de Lourdes Netto Simões

Em março de 2007

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I: FESTA, IDENTIDADE E TURISMO	
Carnaval e Festa	23
História e significado do carnaval	24
Carnaval no Brasil e na Bahia	30
Carnaval e Identidade	38
O diferente, o múltiplo, o mutável.....	39
Tradição inventada	43
Carnaval e Turismo	46
Cultura e Turismo: conseqüências dessa relação	47
Símbolos do carnaval	55
CAPÍTULO II: A FORMAÇÃO DE ILHÉUS E DO SEU CARNAVAL	
História da cidade	65
Aspectos socioeconômicos	66
Aproximações literárias	73
Transformações do Carnaval ilheense	81
Depois do trio elétrico.....	83
O atual Carnaval	91
CAPÍTULO III: SUGESTÕES PARA O CARNAVAL DE ILHÉUS	
Tecnologia e trânsito	103
A mídia e os efeitos sobre o Carnaval de Ilhéus.....	106
O que foi visto e dito do Carnaval de Ilhéus	112
A necessária sustentabilidade	126
Para um Planejamento Sustentável do Turismo Ilheense	128
Para um Planejamento Sustentável do Carnaval de Ilhéus	133
CONCLUSÃO	143
REFERÊNCIAS	
Bibliográficas	153
Jornalísticas	161
Eletrônicas	162
Depoimentos	164
ANEXOS	167



INTRODUÇÃO

A Região Nordeste do Brasil apresenta, nos dias atuais, um estimado crescimento do turismo, que tem sido influenciado, principalmente, por sua identificação como um grande espaço geográfico dotado de locais típicos e por seu patrimônio cultural e ambiental.

Nesse contexto, a Região Sul do Estado da Bahia possui peculiaridades no panorama sócio-cultural brasileiro que a colocam como importante potencial turístico, pois está situada no berço do Brasil, encravada na Mata Atlântica remanescente, num litoral de excepcional beleza.

Ilhéus, uma das principais cidades desta Região, possui em sua composição populacional uma multiplicidade étnica evidenciada pela miscigenação entre índios, negros e brancos. Traços desses três ramos étnicos e de outros grupos são identificados, também, nas diversas manifestações culturais existentes no município e evidenciados em suas principais festividades.

As festas populares que ocorrem na cidade são um dos principais fatores de atratividade turística. Dentre essas festas ocorridas em Ilhéus, tanto as religiosas, quanto as seculares, destacam-se a Festa de

Iemanjá, a Lavagem da Escadaria da Catedral de São Sebastião e o Carnaval Cultural.

O Carnaval de Ilhéus, objeto deste trabalho, enquanto festa que expressa a cultura local, tem caráter singular, inclusive na sua concepção. No período de 1994 a 2001 aconteceu em dois momentos distintos. Nesse período, o objetivo dos órgãos promotores em realizar dois carnavais sucessivamente era caracterizá-los de forma diferente a fim de atrair os turistas, por um lado, e de preservar valores culturais tradicionais, por outro. Não podendo competir com os carnavais oficiais de outras localidades baianas, um carnaval - denominado “Ilhéus Folia” - era antecipado e contava com a presença de trios elétricos: era principalmente para turistas. O outro acontecia na data oficial - denominado “Carnaval Cultural” -, e era concebido com a presença de grupos folclóricos: ressaltava a identidade cultural e, por essa singularidade, atraía turistas diferenciados, interessados na cultura local. A estratégia, antes de tudo, tinha objetivo econômico. Tal singularidade, no entanto, não é objeto central desta pesquisa. O seu recorte cronológico ultrapassa o referido período (1994 a 2001) e ocupa-se do Carnaval de Ilhéus enquanto evento cultural, atentando para suas várias manifestações. Vale, contudo, esclarecer

que os órgãos gestores continuam a utilizar a expressão “Carnaval Cultural de Ilhéus” para denominar a festa.

O carnaval, atualmente comemorado na data oficial, reúne tanto trios elétricos quanto grupos folclóricos. A presença desses grupos e de outros elementos culturais, na festa, evidencia a identidade cultural da cidade e justifica a pertinência da análise pretendida neste trabalho. Dessa forma, este estudo pretendeu a análise do Carnaval de Ilhéus enquanto uma festa dotada de especificidades que possibilitaram identificar as características da cultura local, bem como a sua relação com a atividade turística. Assim, os conceitos de carnaval, identidade e turismo permearam todo o trabalho.

Entende-se que o sujeito está em constante evolução identitária e suas relações entre grupos culturais diferentes contribuem para a construção de identidades híbridas (HALL, 2000). O objeto da análise, portanto, são essas identidades culturais em constante transformação. Desse modo, a festa do carnaval pode ser considerada como detentora de informações acerca das identidades culturais diversas da comunidade ilheense, fazendo com que seja possível analisá-las a partir da observação da comemoração.

Perpassados pelo conceito de cultura - enquanto manifestações, símbolos, crenças do fazer humano (SARLO, 1997a) -, os termos utilizados neste trabalho sugerem a necessidade de alguns esclarecimentos conceituais, aqui divididos em três blocos, sendo o primeiro relacionado à festividade, o segundo, à identidade, e o último, ao turismo.

A *festa* é compreendida como uma seqüência de situações únicas, raras ou repetidas, que ocorre entre pessoas que possuam alguma ligação, podendo assumir caráter cívico, histórico ou profano (BRANDÃO, 1989). O *carnaval*, por sua vez, reúne diversidade e uniformidade, homogeneidade e diferença, riqueza e pobreza, tornando-se um desfile polissêmico e polifônico, em que as diversas vozes da sociedade se manifestam (BAKHTIN, 1981). A *fantasia*, elemento de destaque na festa carnavalesca, possui significações múltiplas, pois distingue e revela, oculta e desempenha um papel, um desejo, funciona como símbolo e, às vezes, reflete o contraditório (DA MATTA, 1997).

A *identidade* é pensada como um processo de construção de significados com base em atributo cultural (CASTELLS, 1999). Acresce a esse entendimento o de que uma *identidade cultural* é formada e transformada continuamente nos sistemas

culturais, sendo continuamente descolada (HALL, 2000). O *hibridismo*, conceito amplamente encontrado nas discussões atuais, compreende a relação entre as diversas identidades, resultado da fusão entre diferentes tradições culturais (HALL, 2000). O termo *tradição* está ligado aos atos da vida cotidiana, como um conjunto de fatores dentro dos quais as pessoas estão estabelecidas (BORNHEIN, 1997). Já a *tradição inventada* é um termo tomado neste trabalho como um conjunto de práticas rituais ou simbólicas, inculcando valores e normas de comportamento através de repetição (HOBBSAWN, 1997).

O *turismo* é conceituado como um serviço produzido para atender às necessidades relacionadas a viagens e lazer, caracterizando-se por uma atividade socioeconômica, em virtude de gerar bens e serviços, visando à satisfação de necessidades básicas e secundárias (LAGE; MILONE, 2000). Acresce a essa idéia de turismo, o conceito de cultura enquanto expressão de um povo. Dessa forma, o entendimento é o de que cultura e turismo não são subordinados, mas interpenetram-se, complementam-se, respeitam-se. Sendo um dos diversos ramos da atividade turística, o *turismo cultural* significa a combinação de autenticidade, promoção, serviços e desen-

volvimento econômico local e regional, em que profissionais e proprietários ou administradores de bens culturais trabalham juntos para desenvolver uma indústria (LUCAS, 2000), visando à economia, mas respeitando a cultura, preservando-a. Tal atividade justifica a necessidade do *desenvolvimento sustentável cultural*, um recurso que busca, nas raízes endógenas, a diversidade e pluralidade cultural, pela preservação do patrimônio dos recursos culturais, através da capacidade de autogestão das comunidades locais, participando de decisões (LUCAS, 2000). Por *turismo sustentável*, enfim, entende-se uma atividade que pode satisfazer às necessidades econômicas, sociais e estéticas, em respeito à integridade cultural e ecológica (OLIVEIRA, 2000).

É notório que o Carnaval de Ilhéus possui, ainda hoje, características que identificam aspectos de um passado remoto, evidenciados por conta de uma tradição preservada em poucos lugares do Brasil, como a presença de bandas tocando as antigas marchas carnavalescas, e pessoas fantasiadas ou mascaradas no circuito da festa.

É reconhecendo a cultura como a reunião de todas as manifestações, ações, símbolos e características que fazem parte do cotidiano dos indivíduos que se procurou compreender o papel que represen-

tam as diversas e diferentes manifestações culturais para a comunidade ilheense, bem como a sua utilização pelo Turismo durante as festividades carnavalescas.

Essa compreensão de cultura subsidiou a discussão sobre a identidade cultural e os aspectos de *hibridização* (entendido como a mescla entre diversas culturas), *tradição* (compreendido como um conjunto de símbolos e comportamentos que sinalizam alguma relação com um costume que se perpetuou por algum tempo) e *tradução* (que adquire o significado de uma transmissão de características culturais de um lugar para outro) (HALL, 2000). Esses três aspectos da identidade cultural do indivíduo contemporâneo são discutidos enquanto relacionados ao trânsito de pessoas, fator que se torna ainda mais evidente no âmbito da atividade turística.

Além dos aspectos das identidades culturais, como o papel que a festa representa para a comunidade e as transformações ocasionadas na configuração das manifestações culturais da cidade. Também foram analisados os efeitos da massificação da festa, o respeito à identidade e às condições de sustentabilidade deste patrimônio cultural imaterial.

Não importa à pesquisa um recorte temporal, mas temático. Daí a importân-

cia da utilização de depoimentos orais e a captação do material conhecido (possível) sobre o Carnaval de Ilhéus.

Inicialmente, uma pesquisa bibliográfica sobre a formação étnica da cidade de Ilhéus, a construção de sua civilização e suas peculiaridades culturais, subsidiou a busca dos elementos que fundamentaram o carnaval ilheense. Textos ensaísticos, dissertações, teses sobre Carnaval, Turismo e Identidade Cultural, além de dados fornecidos pela SETUR e BAHIATURSA fundamentaram a pesquisa inicial que se seguiu da pesquisa de campo.

Para tal, houve a observação dos elementos indicadores de uma identidade local, com base nos preceitos teóricos relativos às evidências das referidas *tradição* (como a utilização das fantasias), *tradução* (como a reafirmação da identidade negra nos blocos afro, principalmente), e *hibridização* (mescla de características de diversas culturas), constituintes da identidade cultural, evidenciada na festa em estudo.

A observação deu-se através da coleta e análise de depoimentos, e a opção por entrevistas semi-estruturadas deveu-se ao caráter qualitativo que se pretendeu para este trabalho. Assim, privilegiaram-se para as entrevistas segmentos como organizadores, participantes do carnaval e turistas.

A pesquisa também constituiu-se de fatos observados *in loco*, notícias em jornais e revistas, fotografias e fitas VHS dos carnavais do passado e do presente e conteúdo da propaganda comercial das agências de turismo e dos órgãos executivos em relação à festa, tanto de formatação impressa, como situada em *sites*. Tais procedimentos tomaram por base alguns dos principais métodos e técnicas de pesquisa em turismo (DENCKER, 1998). A escolha das variáveis ocorreu a partir da metodologia aplicada a atrativos culturais, como as festas populares, em que são observados fatores como popularidade (volume de público), divulgação/organização, características (originalidade e potencial turístico de atração).

As análises executadas perpassaram basicamente por níveis de conteúdo que abrangeram eixos temáticos e estratégias comunicacionais (MARQUES, 2002). Os eixos temáticos trataram de *tradição/ inovação*, incluindo celebração (ritos e motivação), simbologia (cenários e personagens) e natureza da festa (estruturas e elementos); *espaço/tempo*, incluindo territorialidade (global, nacional, regional, local) e temporalidade (passado, presente e futuro); e *público/privado*, incluindo ambientação (locais, funções, limites, figuração) e atores

sociais (instituições, classes, comunidades, pessoas). As estratégias comunicacionais focaram os assuntos *informação/persuasão*, incluindo noticiário (relatos, intenções, argumentos), e anúncio (produtos, patrocinadores e públicos-alvo); e *texto/ilustração*, incluindo codificação (linguagem, retórica) evidenciação (natureza dos recursos usados, fotos, gráficos, caricaturas etc.). Objetivando a *visibilidade* (CALVINO, 1988) do texto ensaístico, as figuras (fotografias) foram dispostas no corpo do trabalho, porque entendidas como um discurso paralelo, uma outra linguagem significativa e complementar do discurso crítico. Os folhetos foram dispostos como anexo devido a terem caráter ilustrativo.

Com base nos critérios apontados, o trabalho foi dividido em três capítulos, que discutem a conceituação de festa, identidade e turismo relacionados ao carnaval; relatam as transformações do Carnaval de Ilhéus até o presente; e justificam a criação de sugestões para a aplicação de estratégias de sustentabilidade cultural para o turismo relacionado à festa carnavalesca ilheense.

O primeiro capítulo trata especificamente da discussão teórico-crítica acerca da festa (BRANDÃO, 1989), do significado do carnaval (BAKHTIN, 1981), da sua história (ARAÚJO, 2003) e das caracterís-

ticas da festa carnavalesca (CUNHA, 2001; DA MATTA, 1997), da identidade cultural e do hibridismo (HALL, 2000), além dos elementos que evidenciam uma tradição inventada (HOBSBAWN; RANGER, 1997). Também é discutido o conceito de turismo (LAGE; MILONE, 2000) e o de turismo cultural (LUCAS, 2000), incluindo os benefícios e malefícios causados por essa atividade (OLIVEIRA, 2000; IGNARRA, 1999; PELEGRINI FILHO, 1998). Nesse capítulo, o turista (e/ou visitante) é focado enquanto agente que se relaciona com a comunidade local.

O segundo capítulo ocupa-se de fatos históricos da cidade de Ilhéus (VINHÁES, 2001) que influenciaram na formação de seu carnaval (FREITAS; PARAÍSO, 2001), discute as transformações da festa carnavalesca (BARRETO, 1982), a influência da obra de Jorge Amado na constituição

de fantasias e decorações e as múltiplas facetas que compõem o atual Carnaval de Ilhéus (PÓLVORA, 2001).

No terceiro e último capítulo, são sugeridas estratégias de sustentabilidade cultural (SWARBROOK, 2000), baseadas na análise dos dados coletados a partir da observação da festa carnavalesca e sua organização (DENCKER, 2001), que contribuem para a construção de uma gestão participativa (SIMÕES, 2003) na organização do turismo ilheense.

A análise feita sobre as especificidades do carnaval de Ilhéus conduziu à conclusão de que a execução da festa carnavalesca na cidade deve estar fundamentada nos princípios de respeito às identidades culturais diversas, salvaguardando a evolução natural por que passam todas as culturas e tornando necessária, desse modo, a construção de sugestões de sustentabilidade cultural para a mesma.

Capítulo I

Festa, Identidade e Turismo

Vem gente de toda cor,
Tem raça de toda fé,
Guitarra de Rock 'n Roll,
Batuque de candomblé.

Anderson Cunha

Não venho com verdades
memoriais. Entretanto, seria
bom que certas coisas fossem
ditas. Estas coisas eu digo, não
grito, pois faz muito tempo que
o grito saiu da minha vida.

Frantz Fanon



A verdadeira viagem do
descobrimiento não consiste
em procurar novas paisagens
e sim em ter novos olhos.

Marcel Proust



CARNAVAL E FESTA

O costume de festejar é algo que se preserva entre as manifestações culturais de um povo por muitos e muitos anos e que surgiu em um passado remoto, o que faz com que seja difícil precisar a sua origem, como ocorre com o carnaval. Esse comportamento festivo pode ser percebido em todas as culturas, tanto as que hoje são consideradas por alguns como bárbaras ou pré-civilizadas, como as comunidades tidas como evoluídas e mais inseridas no contexto das evoluções tecnológicas. Ambientes como o familiar, o círculo de amizades, e até o trabalho, comumente definidos como o lugar da rotina e oposto à alegria festiva, tornam-se, em alguns momentos, um ambiente de festa, que pode ser compreendida como

uma seqüência de situações *únicas* (o nascimento e a morte), *raras* (o casamento ou o nascimentos de nossos filhos) ou *repetidas* (a série dos aniversários) com que as pessoas da família, da parentela, da vizinhança ou dos círculos de trabalho ou de amizade nos festejam ou nos obrigam a festejar (BRANDÃO, 1989, p. 07).

A execução de uma festa se dá a partir de escolhas feitas pela comunidade que

dela participa. São as diferenças de costumes, população e a geografia do lugar que determinam, por vezes, que cada comunidade mantenha a comemoração de festas diferentes, o que explica o motivo de o carnaval acontecer com grandiosidade em alguns locais e em outros nem ao menos ser tomado como uma comemoração própria da comunidade. No Brasil, essa diferença pode ser percebida a depender da densidade demográfica das localidades, pois

algumas sociedades comemoram com mais ênfase certos acontecimentos e situações, enquanto outras os deixam em segundo plano e dão mais importância a outros. Nas cidades médias e grandes as festas cívicas, históricas e profanas conquistam um lugar de crescente importância, enquanto nas pequenas cidades e nos povoados do interior elas ocupam um segundo plano, e os festejos locais e religiosos povoam quase todo o calendário. Aqui o Primeiro de Janeiro, o Carnaval, o dia do Trabalho, o Vinte e Um de Abril e o Sete de Setembro; lá, o dia de Santos Reis, a festa de padroeiro, a Semana Santa, as festas juninas (BRANDÃO, 1989, p. 08).

Em oposição ao cotidiano das pessoas, a festa funciona como uma quebra, um rompimento na seqüência comum, rotineira e, por vezes, infeliz. Em verdade, a festa, a exemplo do carnaval, é o momen-

to da alegria, de relaxar corpo e mente, de libertar-se dos uniformes e das obrigações com o trabalho, sem que a rotina deixe de existir. Os dois momentos - rotina e festa - existem simultaneamente e as fronteiras de definição entre ambos tornam-se, por vezes, tênues. A festa se apossa da rotina e, em verdade, não rompe, mas ultrapassa sua lógica, e é por isso que possibilita às pessoas um breve momento de transgressão. No Carnaval, os atores da ordem saem de si mesmos e produzem outros gestos, desfazem-se da conduta adequada ao tempo do trabalho e se vêem de forma diferente, inversa ao que é socialmente esperado; os homens se vestem de mulher, as mulheres de fada, os pobres de príncipe, os ricos de índio e os índios de deuses.

Uma festa também pode ser considerada um momento em que diversos comportamentos se misturam e várias ações são ritualizadas e manifestadas nesse momento como especiais, pois uma festa popular é a mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer, cantar. O carnaval, pois, envolve muitas destas ações e torna-se um exemplo ímpar de como a festa popular pode ser caracterizada, pois “é uma forma sincrética de espetáculo de caráter ritual, muito complexa, variada,

que, sob base carnavalesca geral, apresenta diversos matizes e variações dependendo da diferença de épocas, povos, e festejos particulares” (BAKHTIN, 1981, p. 105).

Assim, falar de identidades culturais no carnaval implica em analisar tal comemoração como uma festa constituída por diversas identidades carnavalescas, funcionando, ao mesmo tempo, como objeto de lazer e atração turística.

História e Significado do Carnaval

A festa carnavalesca costuma ser enfocada como a reunião de costumes de várias fases da história humana e é por isso que se torna difícil precisar onde e quando surgiu. A origem do carnaval pode ser atribuída a uma fase remota do curso da História e apresenta diversas versões na literatura especializada sobre o assunto. Pesquisas sobre as evoluções por que passaram as festividades carnavalescas ao redor do mundo demonstram diversidade de significados e a multiplicidade de papéis identitários que fazem parte do seu contexto.

A história do carnaval pode ter início no antigo Egito, por volta de 4000 a. C., em que danças e cânticos em torno de fogueiras, máscaras e adereços, orgias e libertina-

gem compunham festejos que evidenciam, de alguma maneira, uma ascendência das comemorações carnavalescas atuais. Tais comemorações formariam um indício dos primórdios do Carnaval. A partir do século VII a. C., teria existido o Carnaval Pagão, com o culto a Dioniso, Saturno e Baco, na Grécia e Roma clássicas, no qual se celebravam o sexo e a bebida. Já na Veneza renascentista, foram agregadas fantasias, alegorias e máscaras (Figura 1) ao carnaval, além de já existirem carros alegóricos (ARAÚJO, 2003).



Figura 1: Máscaras carnavalescas italianas.

Fonte: www.carnasite.com.br.

Por ser quase sempre considerada, historicamente, como a festa da carne, o carnaval possui toda uma significação religiosa, mesmo que por oposição - pelo fato de anteceder à Quaresma, tempo especialmente dedicado aos momentos rituais católicos. Por isso, a consideração de que

o tempo do carnaval é marcado pelo relacionamento entre Deus e os homens, tendo, por isso mesmo, um sentido universalista e transcendente. Assim, o começo do carnaval perde-se no tempo – estando ligado a toda a humanidade, do mesmo modo que pensar no tempo do carnaval é pensar em termos de categorias abrangentes como o pecado, a morte, a salvação, a mortificação da carne, o sexo e o seu abuso ou continência. Exatamente por ser definido como um tempo de licença e abuso, o carnaval conduz de modo aberto à focalização de valores que não são somente brasileiros, mas cristãos (DA MATTA, 1997, p. 54).

É, então, mais comum encontrar a definição acerca do carnaval como uma festa intrinsecamente profana e colocada em oposição à Quarta-Feira de Cinzas, data que se segue à festa carnavalesca. A escolha dessa definição como melhor forma de traduzir o significado da festa tem por base o exercício etimológico a respeito da palavra que intitula a comemoração, podendo-se afirmar que o termo

remonta aos séculos XI e XII, *carmen levare*, designando a véspera da Quarta-Feira de Cinzas, isto é, o dia em que se iniciam a abstinência de carne, exigida pela Quaresma. Outros historiadores afirmam que esta palavra vem do latim, *carne + vala + adais*, ou do baixo latim,

carnelevamen, referenciando-se à Terça-Feira Gorda, último dia do calendário cristão onde é permitido comer carne (SILVA, 2001, p. 06).

Sendo um dos tipos de festa mais populares na atualidade, o carnaval pode adquirir significações diversas a depender do contexto em que está inserido. Geralmente, possui uma definição plural, mas uma das principais características do carnaval e a mais recorrente é a sua multiplicidade de símbolos e significações.

A sociedade e o carnaval mostram-se um ao outro, fazendo com que as características de ambos sejam reveladas, e essa relação permite que seja pertinente analisar a identidade cultural de uma comunidade a partir da festa carnavalesca. Se a sociedade possui múltiplas facetas, o carnaval comemorado por ela também trará tais evidências. Por isso, “propor a compreensão do carnaval como interface é pensar em um diálogo heterogêneo, polifônico [já que o] carnaval assume a configuração de múltiplas redes de significações inter-relacionadas” (MOURA, 2001, p. 13).

No carnaval, múltiplas faces e vozes diversas se misturam num só tempo e ambiente, o que faz com que ele não seja tomado apenas como uma comemoração, mas também como um comportamento,

passível de ser analisado. Tais afirmativas têm consonância com a relação que faz Bakhtin quando relaciona dialogismo e carnaval, afirmando que, no tempo carnavalesco, instala-se

um novo modo de relações humanas, oposto às relações sócio-hierárquicas todo-poderosas da vida corrente. A conduta, o gesto e a palavra do homem se libertam da dominação das situações hierarquizadas (camadas sociais, graus, idades, fortunas) que as determinam inteiramente fora do carnaval e se tornam excêntricas, deslocadas do ponto de vista da lógica da vida habitual (BAKHTIN, 1981, p. 105).

A inversão dos papéis constitui-se como um dos aspectos mais importantes e característicos do carnaval. Nele, o pobre se traveste de rico, o rico se traveste de pobre, homens se vestem de mulher e personagens de culturas opostas ou bastantes diferentes da comunidade local são escolhidos para compor uma fantasia carnavalesca, fazendo com que o espaço da festa se transforme em cenário, e seus participantes tornem-se atores. Nesse caso,

essa teatralização salienta o caráter domesticado da transmutação de pobre em nobre [...]. Assim, os ricos (dominantes) não são vistos como *ricos* (inclusive com suas gradações e variados instrumentos

de dominação: dinheiro, poder repressivo, símbolos de status que oscilam etc.), mas como *nobres*. Se fossem olhados como ricos (ou seja, burgueses), seriam *satirizados* e o desfile provavelmente perderia seu caráter domesticado, sinal de fato de uma trégua entre dominados e dominantes. Mas eles são vistos como nobres, e se inflacionam por meio do uso ostentatório de um *sobre-simbolismo*: as virtudes de uma aristocracia nas suas vertentes ‘nobres’. Abandona-se, como consequência, a sátira para se permanecer na trégua e na inflação do bom comportamento (DA MATTA, 1997, p. 58).

Nas comemorações carnavalescas, a fantasia se apresenta como um de seus principais elementos. É principalmente a partir da fantasia que se percebe a inversão de papéis sociais a que o carnaval remete, quebrando a rotina com a qual a sociedade convive. Como observa Da Matta,

no carnaval, a roupagem apropriada é a *fantasia*, um termo que no português do Brasil tem duplo sentido, pois tanto se refere às ilusões e idealizações da realidade quanto aos costumes usados somente no carnaval. [...] *as fantasias* distinguem e revelam, já que cada um é livre para escolher a fantasia que quiser. [...] revela muito mais do que oculta, já que uma fantasia, representando um desejo escondido, faz uma síntese entre o fantasiado, os papéis que representa e os que gostaria de desempenhar (DA MATTA, 1997, p. 60).

No Brasil, a utilização de determinadas fantasias e máscaras se deve a um costume herdado do carnaval veneziano, a partir do momento em que o Entrudo começou a ser proibido no país (Figura 2).



Figura 2: Antigos carnavais no Brasil.

Fonte: <http://jbonline.terra.com.br/destaques/carnaval2002/historia.html>.

A função principal da existência de máscaras e caretas, inicialmente, era a de ocultar a identidade das pessoas que as utilizavam. Atualmente, porém, a escolha da fantasia pode revelar características identitárias de seu usuário, que provavelmente não são colocadas em prática durante o cotidiano. Esse dado faz com que seja pos-

sível encontrar uma diversidade de personagens durante a festa, pois as identidades culturais dos indivíduos que, possivelmente, influenciam nas escolhas das fantasias são diversas. Como a utilização da fantasia é algo que se aproxima do maravilhoso, do teatral, a lógica hierárquica que comumente é vigente na sociedade torna-se, de certa forma, nula no carnaval, a depender do olhar de quem interpreta, permitindo que fantasias de personagens tidos como opostos desfilem juntos. Torna-se, então,

comum encontrar, durante o carnaval, um ‘bandido’ bailando com um ‘xerife’ ou uma ‘caveira’ com uma moça. É justamente essa combinação e essa conjugação de representantes simbólicos (ou reais) de campos antagônicos e contraditórios que constituem a própria essência do carnaval como um rito nacional (DA MATTA, 1997, p. 62).

Dessa forma, por se constituir como um momento de inversão de papéis, o carnaval revela muito do que não pode ser percebido no comportamento da maioria das pessoas e grupos sociais durante o seu cotidiano. Neste momento de diversão e lazer, os indivíduos, muitas vezes, despenem-se de suas máscaras sociais, assumindo outras facetas de sua personalidade que permanecem escondidas durante a maior

parte do tempo em sua vida cotidiana. Este é, portanto, um período no qual a sociedade afrouxa seus sistemas normativos permitindo, assim, que se desnudem os traços mais peculiares dos seus componentes (SILVA, 2001). Apesar de ter sua origem atribuída há milênios atrás, as inversões que ocorrem durante o carnaval são também uma evidência da instabilidade característica da pós-modernidade, confirmando a idéia de que um só indivíduo pode possuir traços de culturas diversas, constituindo-se, assim, num ente possuidor de identidade híbrida.

Tal conceito de inversão, atribuído ao carnaval, torna-se ainda mais evidente no momento em que os indivíduos economicamente pobres se sentem em posição majestosa e os mais abastados buscam uma espécie de libertação de suas características socioeconômicas, através das fantasias. Mesmo tendo sido constatado que, nos primórdios, a comemoração carnavalesca era realizada diferentemente entre ricos e pobres (e, diga-se, os pobres sofriam repressão sobre sua forma de comemorar), atualmente, a festa, em muitos casos, agrada a ambos. É justamente o fato de o carnaval se constituir como uma festa da qual todos podem participar que faz com que a sua permanência seja incontestável no percurso histórico. O seu crescimento

e popularização tornaram-se indelévels, ou seja, a convivência de identidades aparentemente opostas está presente em muitos momentos da história da humanidade, considerados como precursores do carnaval contemporâneo. Essa herança histórica pode ser percebida através dos estudos realizados por Bakhtin (1981) sobre a carnavalização, que ressaltam a menipéia e são examinados até a atualidade em função de análise acerca do comportamento carnavalesco humano, como o trabalho realizado por Lopes (1993). Bakhtin analisa o carnaval enquanto discurso que, por constituir-se num quadro de pluralidade de significados e de vozes, torna-se polifônico. Para ele, “o carnaval aproxima, reúne, celebra os esponsais e combina o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo, etc.” (BAKHTIN, 1981, p. 106).

O carnaval acontece, de um modo geral, num espaço geográfico e temporal em que se reúnem os vários segmentos da sociedade, pessoas de diversos níveis hierárquicos, com diferentes posições econômicas, de variadas profissões, religiões, etnias e culturas. Nele, percebe-se mais claramente a multiplicidade do lugar em que é comemorado, tanto no que se refere à miscigenação, quanto à identidade cultural. Nesse sentido, Da Matta observa que,

como o desfile carnavalesco reúne um pouco de tudo – a diversidade na uniformidade, a homogeneidade na diferença, o pecado no ciclo temporal cósmico e religioso, a aristocracia de costume na pobreza real dos atores –, ele remete a vários subuniversos simbólicos da sociedade brasileira, podendo ser chamado de um *desfile polissêmico* (1997, p. 59).

Esse tipo de comemoração, comumente, permite o acesso de diversas pessoas e acontece em um tempo especial. É um momento em que as pessoas se transformam e adquirem novos papéis sociais, novas máscaras, um momento de liberdade, da rua, da praça, do povo.

A praça é o espaço não segmentado, aberto à cotidianidade e ao teatro, mas um teatro sem distinção de atores e espectadores. [...] Grosserias, injúrias e blasfêmias revelam-se condensadoras das imagens da vida material, e corporal, que liberam o grotesco e o cômico, os dois eixos expressivos da cultura popular. [...] O carnaval é aquele tempo em que a linguagem da praça alcança o paroxismo, ou seja, sua plenitude, a afirmação do corpo do povo, do corpo-povo e seu humor (MARTIN-BARBERO, 2001, p. 106).

Organizado para ser executado, quase sempre, na rua, o carnaval configura-

-se como arquétipo de liberdade. “Assim, o universo espacial próprio do carnaval são as praças, as avenidas e, sobretudo, o ‘centro da cidade’ que, no período ritual, deixa de ser o local desumano das decisões impessoais” (DA MATTA, 1997, p. 56), e esses espaços, presume-se, adquirem a representação do livre, do aberto, do público.

Observado a partir de concepções sociais, o carnaval pode demonstrar a hierarquia de uma dada sociedade, o *status* e outros segmentos que comumente fazem parte da identidade cultural de uma comunidade. Tais características também se mostram nessa festa através das fantasias que seus participantes escolhem para usar, da música que preferem ouvir e das pessoas com quem preferem se relacionar no momento da comemoração.

Até mesmo no Carnaval que [...] é um rito sem dono (um festival com múltiplos planos), encontramos quem está mais perto dos seus centros: da música, do canto, da dança, do foco dos desfiles e dos festejos que fazem sua harmonização e realidade. Sabemos que, em geral, ali se encontram os marginais do universo socialmente reconhecido ou, quando são os ‘ricos’ que ocupam tais lugares, eles estão disfarçados e divididos; viram deuses ou reis, são membros de um clube ou associação (DA MATTA, 1997, p. 32).

É coerente, então, tratar uma festa como essa pelo título de símbolo de uma nação, como acontece com o Brasil, já que as inúmeras contradições socioculturais e econômicas que o país possui aparecem - propositadamente reveladas ou ocultadas - nas fantasias e nos símbolos que fazem parte do carnaval.

Carnaval no Brasil e na Bahia

A festa carnavalesca é comumente tomada como representativa de toda a nação brasileira. Isso só é possível porque, apesar de parecer contraditório eleger um símbolo único para essa nação, tão multifacetada, o carnaval comporta toda a multiplicidade identitária que envolve o conceito de brasilidade.

Algumas das características do carnaval que é comemorado atualmente no Brasil são de origem italiana, mais precisamente veneziana. Como pôde ser observado antes, os italianos adotaram a palavra *Carnevale* para uma festa que acontecia numa data em que os pecados da carne poderiam ser executados, contanto que não avançassem ao tempo da Quaresma (CARNASITE, 2002). A festa adquiriu, então, um significado de liberdade de comportamento,

já que a Igreja condenava que tais atitudes pecaminosas fossem efetuadas em outra época. O Brasil herdou algumas dessas características.

Assim como a língua e a religião (o Latim e o Cristianismo), diversos outros aspectos da cultura romana foram levados à Península Ibérica e incorporados posteriormente à identidade cultural brasileira, como o carnaval, que foi introduzido em Portugal com nome e características diferentes das de sua origem, adquirindo um significado de violência para a sociedade de maior poder econômico e os líderes institucionais. Surgiu, nesse momento, o Entrudo (Figura 3), uma forma de comemoração carnavalesca diferente da italiana.



Figura 3: Entrudo. Pintura de Debret que retrata o carnaval no Brasil escravocrata.

Fonte: www.carnasite.com.br.

O principal divertimento do entrudo era as pessoas lançarem esferas contendo água perfumada - conhecidas como limõezinhos - e farinha umas nas outras. Tal comportamento da população em geral, mesmo sendo praticado, por vezes, também pela elite, era repreendido pela polícia, que considerava o costume violento e causador de conseqüências prejudiciais à saúde e à ordem.

Numa sociedade católica como a brasileira, o Entrudo era interpretado como dotado de elementos que incomodavam a privacidade das pessoas e atraíam a atuação repressiva dos que discordavam dessa comemoração. Foi assim, num comportamento que visava principalmente à substituição do Entrudo, que a festa começou a adquirir novas - e ao mesmo tempo antigas - características, mais específicas do carnaval italiano. Esse tipo de festa, comemorado mais enfaticamente em Veneza, possuía dentre outros símbolos a utilização de confetes, serpentinas, máscaras e fantasias de *pierrot* e *colombina* (CUNHA, 2001).

Vê-se, então, que tanto o Entrudo (que sofria o preconceito de ser definido como violento, provavelmente por ser considerado uma forma de comemoração mais propriamente da população negra e pobre) como o carnaval foram incorpora-

dos aos costumes brasileiros por influência externa e algumas das características de ambos ainda podem ser encontradas nos carnavais atuais.

Já que o carnaval também funciona como instrumento de crítica social, o comportamento repressivo em relação ao Entrudo, bem como outras formas de imposição que atingiam a comunidade participante da festa acabavam por fazer parte de seu conteúdo crítico. Ironia e sátira, fantasias, faixas e objetos decorativos eram comumente utilizados para referir-se a opositores, como a elite, a política, a Igreja e a polícia. Um dos exemplos é que a festa carnavalesca, justamente por significar a festa da carne, não agradava à Igreja Católica. Desse modo, já que o Catolicismo se configurou como uma instituição opositora ao carnaval, esta religião passou a ser alvo de críticas feitas pelos foliões através de suas fantasias e seus comportamentos, além de se tornar principal assunto das sátiras efetuadas pelos jornais cariocas na primeira metade do século XX. “Retratada insistentemente pela imprensa (Figura 4) como a maior inimiga do Carnaval, a Igreja católica [tornou-se] objeto de permanente sátira” (CUNHA, 2001, p. 28).

Um outro exemplo de como o carnaval era utilizado para ironizar instituições



Figura 4: Capa da revista Careta de 1956, imprensa carioca, autor desconhecido.

Fonte: CUNHA, 2001.

opositoras, é que nos carnavais do início do século XX, numa ação que pode ser definida como uma espécie de protesto à classe economicamente superior, ocorria a “guerra às cartolas”, na qual as vítimas eram os senhores da elite do Rio de Janeiro. As vestimentas habituais destes senhores, incluindo a cartola - símbolo de distinção social -, eram arruinadas, destruídas, o que fazia com que a polícia fosse cada vez mais acionada para impedir os costumes carnavalescos populares (CUNHA, 2001).

As divergências socioeconômicas do país eram também evidenciadas nos car-

navais do período citado, além de uma separação étnica que existia entre as pessoas. É nesta segmentação entre pobres e ricos, negros e brancos que surgem os Bailes de Mascarados, que aconteciam em clubes, teatros e outros ambientes particulares. Estas festas permitiam que ocorresse a preservação do comportamento eurocêntrico, já que pobres e negros não participavam destes bailes.

Mesmo sendo considerada uma festa de rua, da liberdade, em momentos como esses, no entanto, o carnaval era comemorado em ambientes fechados, até mesmo em residências. Nestas situações, o carnaval deixava de ser aberto e dele só podiam participar as pessoas de famílias de classe econômica superior.

Esses caseiros arremedos dos ‘bailes carnavalescos’ traziam o Carnaval para dentro do lar, é bem verdade, mas sob a condição de imprimir em tudo o ritmo e o selo da moralidade da família de então. [...] Havia os carnavais ‘de clube’, tal como eles existem até hoje em qualquer cidade do País onde entre a casa e a rua haja esse tipo de mediador de encontros e trocas. [...] Eis que a lógica da relação – o ‘convidado da família’ – passava à lógica do mercado: qualquer um que possa comprar com o convite o direito ao acesso (BRANDÃO, 1989, p. 16).

Fatos como esses podem ser percebidos em alguns âmbitos da sociedade atual. Esse tipo de comemoração ainda acontece e funciona também como uma forma de distanciamento que as famílias ditas tradicionais ou de maior poder aquisitivo fazem em relação ao povo e à rua.

Em relação à música brasileira, o carnaval influenciou na produção de diversas canções que até a atualidade simbolizam a festa. É o caso de Chiquinha Gonzaga, compositora que se destacou enquanto pioneira como figura feminina na música popular brasileira. Chiquinha Gonzaga compôs a primeira marcha especialmente feita para o carnaval: *Ô Abre Alas* (Figura 5), a pedido do então cordão *Rosa de Ouro*, em 1899 (CARDOSO JÚNIOR, 2003).

Atualmente, o Rio de Janeiro possui um carnaval conhecido mundialmente,



Figura 5: Trio 1889, Chiquinha Gonzaga, *Ô Abre Alas*.

Fonte: www.carnasite.com.br.

principalmente no que se refere ao Desfile das Escolas de Samba (Figura 6), em que grandes grupos cariocas se utilizam do samba e das alegorias para interpretar um tema para o espetáculo que é o desfile carnavalesco, ocorrido no espaço intitulado Sambódromo.



Figura 6: Escolas de samba, surgidas na década de 20.

Fonte: <http://jbonline.terra.com.br/destaques/carnaval2002/historia.html>.

Apesar de o Carnaval do Rio de Janeiro ser o mais encontrado na literatura especializada, outras localidades brasileiras também possuem uma história carnavalesca própria, ainda pouco explorada, dentre as quais recebem maior destaque o Festival de Parintins, na Região Norte do Brasil, o Carnaval de Pernambuco, mais precisamente das cidades históricas Recife

e Olinda, e o Carnaval da Bahia. Nos três casos, podem ser encontradas evidências de segregação socioeconômica a partir da observação do carnaval, como o exemplo dos estudos realizados sobre a participação do negro na construção do carnaval no Nordeste do Brasil (ALMEIDA, 1996), fato que confirma que sua contribuição foi e é bastante significativa. Hoje, porém, são comumente enumeradas outras características para estes carnavais, em que, muitas vezes, o principal destaque é o *glamour* dos desfiles e não a participação e diversão de seus componentes.

No Festival de Parintins (Figura 7), uma grandiosa festa comemorada na Amazônia, são evidenciadas lendas e costumes da região, como o Boi Bumbá e o Boto, além de uma vasta participação indígena

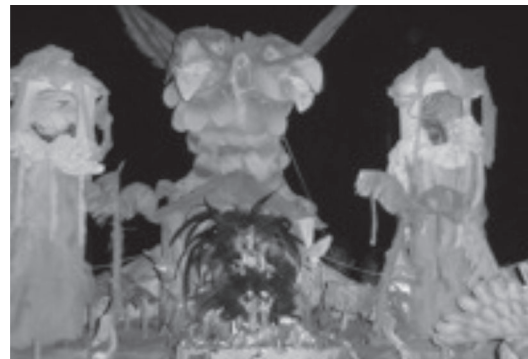


Figura 7: Festival de Parintins, Boi Bumbá.

Fonte: <http://parintins.com/parintins>.

na, através de alegorias, fantasias e música. Nesse festival, a população local e os turistas se dividem em dois grandes grupos, que formam as torcidas “Caprichoso” e “Garantido”, conhecidos como “bois” que se apresentam nesse tipo peculiar de carnaval.

Em Pernambuco (Figura 8), as principais características do carnaval são o frevo, ritmo que é cantado e dançado nas antigas ruas de pedra, pessoas trajando roupas multi-coloridas com sombrinhas que auxiliam nos movimentos sincronizados e grandes bonecos que desfilam junto com a multidão.



Figura 8: Carnaval em Olinda.

Fonte: <http://revistaturismo.cidadeinternet.com.br/Dicasdeviagem/olinda.htm>.

Na Bahia, um dos Estados em que o carnaval possui, atualmente, maior população, a festa também sofreu momentos

de repressão, tanto da Igreja como da polícia, como ocorreu no Rio de Janeiro, na época do Entrudo.

Nas primeiras manifestações carnavalescas da Bahia, a polícia interferia no Entrudo, assim como em vários outros ambientes e comportamentos não católicos. No entanto, o costume herdado de Portugal continuou a existir, pois os grupos culturais não pertencentes à elite utilizaram o recurso da resistência na manutenção dos símbolos, permitindo que o Entrudo ainda possua evidências no carnaval atual (Figura 9). Por outro lado, ocorreu o surgimento de novas características, o que é comum à festa carnavalesca, com suas evoluções e transfor-



Figura 9: Bloco Afro no Carnaval de Salvador.

Fonte: www.carnasite.com.br.

mações, fazendo com que a comemoração seja, ao mesmo tempo, moderna e antiga, economicamente segmentada e una.

Uma atitude que parecia se caracterizar como uma contradição da polícia na Bahia ocorreu no momento em que a mesma passou de opressora a incentivadora do carnaval, no final do século XIX, distribuindo máscaras para a população pobre. Constata-se, no entanto, que o objetivo principal era a popularização do carnaval, a fim de que pessoas que não participavam dos bailes, por considerarem a festa como um desacato moral, acabassem se misturando aos foliões da rua, porém mascarados, escondendo-se num comportamento tido como moralmente proibido.

Apesar de toda a popularização que ocorreu no carnaval na Bahia, mais especificamente em Salvador, a elite dominante é quem mais se beneficiava da festa carnavalesca, já que este era um momento em que se exibiam ostentações e riquezas. Assim, como um comportamento de valorização identitária, a parcela negra e pobre da sociedade decidiu criar um grupo diferenciado que pudesse participar das diversões do carnaval. Surgiram, então, os Blocos de Afoxé (Figura 10), depois do grande Carnaval ocorrido em 1884 (CARNASITE, 2002).



Figura 10: Bloco afro Ilê, Salvador.

Fonte: www.carnasite.com.br.

O surgimento dos Blocos de Afoxé pode ser interpretado como uma característica inovadora para o carnaval e que, ao mesmo tempo, remete ao antigo Entrudo, visto que esta era uma comemoração mais propriamente das pessoas de baixa renda e dos negros. Do mesmo modo, hoje, alguns estudiosos interpretam a existência de grupos como estes como uma forma de segmentação em diversos aspectos, pois

o desenvolvimento rápido da indústria do carnaval tem gerado uma série de circunstâncias paradoxais para a comunidade afro-baiana: em termos econômicos, entre a marginalização e novas oportunidades para a comunidade e para indivíduos; em termos de status sócio-étnico, entre a estigmatização racial e uma valorização de expressões estéticas (ARMSTRONG, 2000).

Depois do crescimento e da consagração dos Blocos de Afoxé e dos Blocos Afro, surge, na Bahia, caracterizado como um passo de modernização do carnaval, o Trio Elétrico, fundado pelos conhecidos músicos soteropolitanos Dodô e Osmar. Eles tiveram a idéia de restaurar um caminhão e colocar nele auto-falantes e amplificadores de som (Figura 11). Este aparato de som é hoje um dos principais atrativos dos carnavais, já que em sua volta concentram-se milhares de pessoas.



Figura 11: Trio elétrico.

Fonte: www.carnasite.com.br.

Com o tempo, a Bahia acabou se tornando um dos maiores centros de produção musical, em diversos estilos, e conhecida mundialmente. A música baiana se revela constantemente no entorno do

carnaval, que se configurou como o principal núcleo de motivação dessa produção, renovando-se a cada ano e fazendo parte da identidade local. Dessa forma, a Bahia passou a ser comumente interpretada dentro de um eixo temático que envolve principalmente a comunidade negra, a música e o carnaval. Sobre o assunto, Milton Moura observa:

Bahia came to function as an important “reserve of traditional identity” in the complex system of representations of contemporary Brazil. This representation was strongly characterized by its dimension of ethnicity, Bahia being associated with the notion of ethnic integration, emblematic of the ascension of Afro-descendants on the national scene (MOURA, 2001b, p. 104).

O carnaval da Bahia é tomado como objeto de pesquisa por muitos estudiosos ligados principalmente às áreas de história, comunicação e sociologia, pois é uma fonte rica para diversos tipos de análise. No caso de Salvador, um dos mais populares do Brasil, este festejo pode ser definido como um

drama encenado de modo vário e desigual pela população de Salvador e os visitantes, turistas, jornalistas e outros ainda que compõem o contingente im-

pressionante de mais de um milhão de pessoas ou quase dois milhões de pessoas como se costuma dizer nas reportagens de revistas e telejornais que praticam a festa (MOURA, 2001, p. 12).

Vê-se que o carnaval soteropolitano tornou-se uma festa de grande porte e que cresce a cada ano, principalmente no que se refere ao número de visitantes e, do mesmo modo que acontece na capital da Bahia, outras cidades do Estado também mantêm o costume de comemorar o carnaval. O diferencial entre as festas se dá pela própria especificidade identitária que cada comunidade possui, fazendo com que determinado local execute a comemoração carnavalesca de modo diferente. Itabuna, por exemplo, uma das maiores cidades da região cacauzeira, comemora um carnaval em data antecipada, com a presença de um grande número de trios elétricos e bandas renomadas, advindas da capital baiana e de outros Estados. Outras cidades também comemoram o carnaval fora de época, conhecido como Micareta, a exemplo de Eunápolis e Vitória da Conquista.

Entre os brasileiros, atualmente, o carnaval possui uma grande popularidade em determinadas cidades e, dentre as suas características, estão a presença de fantasias, a música e a rememoração do folclore

local. A festividade acontece quase como um espetáculo teatral, a exemplo do Carnaval do Rio de Janeiro; ou uma festa de largo, a exemplo do Carnaval de Salvador.

Síntese, enfim, de diversas significações, o carnaval reúne em seu conteúdo simbólico os contrastes, os elementos opostos, as contradições que, na vida cotidiana, não ocupam o mesmo espaço e tempo, mas que, em verdade, fazem parte de uma mesma comunidade, ao mesmo tempo unificada e múltipla.

CARNAVAL E IDENTIDADE



Os traços simbólicos que constituem a identidade cultural do indivíduo contemporâneo possuem características as mais diversificadas possíveis e evidenciam a multiplicidade e a inconstância que fundamentam a sociedade pós-moderna. Buscando a interpretação e análise acerca desse indivíduo no momento do carnaval, faz-se necessária a reflexão crítica dos elementos simbólicos de uma determinada comunidade, independentemente de sua localização no tempo e no espaço, que sinalizam suas marcas identitárias.

Se a história evidencia que, no carnaval, predominam as máscaras em mutação, um estudo acerca dessa festa, hoje, exige a análise da mobilidade das identidades. Nesse caso, busca-se compreender o sujeito pós-moderno, no entendimento de que é

conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. [...] Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (HALL, 2000, p. 13).

Tais assertivas sustentam a possibilidade de se efetuar uma discussão acerca dos aspectos de *Tradição, Tradução e Híbridização* (HALL, 2000), que se fazem presentes nas discussões teóricas a respeito da cultura na atualidade e que são empregados em relação à festa carnavalesca neste trabalho. As preocupações aqui colocadas se fazem necessárias em virtude da mudança constante que ocorre nas sociedades, que “está fragmentando paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que também está mudando as identidades pessoais” (HALL, 2000, p. 25). Desse

modo, os conceitos antes estabelecidos para definir o diferente, o outro, perdem as suas fronteiras de significação, sendo necessário que se criem novas posturas críticas em relação ao sujeito pós-moderno.

A partir dessa concepção, para que se possa definir as identidades nacionais contemporâneas, é necessário que ocorra uma desvinculação da idéia de identidades nacionais unívocas, já que estas “estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar” (idem, p. 73). Essa proposta de mudança de paradigma surge em virtude da idéia que se tem do carnaval como a festa símbolo na nação brasileira, que não deve ser compreendida como algo singular, mas múltiplo. Tal idéia torna-se coerente quando relacionada aos conceitos de pluralidade e hibridismo que são intrínsecos à festa carnavalesca e compõem as características da identidade pós-moderna que, no carnaval brasileiro, são potencializadas pelo próprio caráter híbrido do povo.

O diferente, o múltiplo, o mutável

Pensando num conceito atual acerca do que poderia definir o nacional, é pertinente afastar a idéia de unicidade e univocidade para dar lugar ao reconhecimento das diferenças como parte do todo. Existe,

agora, a admissão do múltiplo, contraditório, plural como característica primeira relacionada à pós-modernidade, e esse conceito se aplica à compreensão do nacional. O carnaval é tomado, muitas vezes, como símbolo nacional não por se traduzir como uma festa que evidencia a uniformidade de seus habitantes, mas sim por esta ser justamente uma festa que dá margem à existência de contradições e diversidades que traduzem a identidade do país. Essa multiplicidade e plurivocidade são especificidades que convergem para a sociedade contemporânea, na qual identidades culturais diferentes se relacionam num só espaço-tempo (BAKHTIN, 2002), que constituem, respectivamente, o espaço da rua e o tempo do carnaval.

Os elementos identificadores de características da pós-modernidade estão ligados à tendência contemporânea de mescla entre as diversas culturas, a exemplo da festa do carnaval, em que a miscigenação é evidente e aqui compreendida como Hibridismo.

Algumas pessoas argumentam que o ‘hibridismo’ e o sincretismo – a fusão entre diferentes tradições culturais – são uma poderosa fonte criativa, produzindo novas formas de cultura, mais apropriadas à modernidade tardia que às velhas con-

testadas identidades do passado. Outras, entretanto, argumentam que o hibridismo, com a indeterminação, a ‘dupla consciência’ e o relativismo que implica, também tem seus custos e perigos (HALL, 2000, p. 99).

A hibridização e a modernização das comunidades trazem à tona uma discussão acerca de um temor generalizado que se criou em relação à perda das identidades individuais a partir da globalização, assim como ocorre com algumas das características do carnaval. Tal fenômeno é ignorado, ou ao menos são anuladas as possibilidades de o mesmo ocorrer, para os estudiosos fundamentados teoricamente a partir dos Estudos Culturais, que enxergam a mundialização de conhecimentos culturais diversos como algo natural para a sociedade contemporânea, não apresentando ameaças para a existência de identidades culturais ditas tradicionais. Uma das evidências para tais assertivas encontra-se na idéia de carnaval como uma festa que reúne o novo e o antigo num só ambiente, e permite que, mesmo com a inserção de tendências modernizadoras, ocorra a valorização de características identitárias tradicionais.

A tendência em direção à ‘homogeneização global’, pois, tem seu paralelo num poderoso revival da ‘etnia’, algumas vezes de variedades mais híbridas

ou simbólicas, mas também frequentemente das variedades exclusivas ou ‘essencialistas’ (HALL, 2000, p. 104).

A diferença - colocada aqui como elemento em contraposição à unidade imaginada ou idealizada pelas sociedades de um modo geral - é evidenciada, por conseguinte, como um exemplo de diversidade constatada, que é comumente construída juntamente com a idéia de nação, já que, em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade (HALL, 2000, p. 67).

A relação entre sujeitos de culturas diferentes pode trazer conseqüências benéficas para ambas as partes, desde que ocorra a partir de preceitos fundamentados no respeito mútuo. A interlocução entre diferentes comunidades torna-se importante, já que “o sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas a relação com outras pessoas importantes para ele media seus valores, sentidos e símbolos da cultura” (HALL, 2000, p. 37). É possível que ocorra, então, o incentivo à interação entre os sujeitos da comunidade local e da sociedade externa, ambos contribuindo com seus conhecimentos e respeitando a identidade cultural um do outro. Justamente no car-

naval, essa relação se torna ainda mais evidente, já que a festa funciona, ao mesmo tempo, como um momento dedicado ao lazer e à vislumbração tanto da comunidade como dos turistas; ou seja, a relação entre a comunidade e os participantes externos está intimamente ligada à idéia de carnaval como espetáculo a ser contemplado e também como momento de confraternização, diversão e valorização identitária para a comunidade local.

Como ocorre em alguns âmbitos da sociedade e constituindo-se como uma das principais preocupações dos estudiosos ligados ao assunto, a não aceitação da mutabilidade que rege o comportamento humano pressupõe que se pretenda uma conservação cultural. Porém, a conservação de uma cultura torna-se um objetivo difícil de ser alcançado, já que as culturas acompanham as tendências tecnológicas e se modernizam, como ocorre com o carnaval. A cultura deve ser tratada como algo que não permanece estático. Não alheio às mudanças externas, deve ser, sim, preservada, em atenção à dinâmica da vida, que co-existe, inclusive, com os meios de comunicação de massa (SARLO, 1997a), que contribuem para a sua transformação de forma ainda mais ampla e veloz.

Para que uma comunidade preserve os traços identitários de sua cultura, ou para que um bloco carnavalesco, por exemplo, continue a existir respeitando seus valores culturais, a preservação deve se constituir como anseio próprio dos mesmos, não como uma imposição de autoridade, pois as culturas contemporâneas “não escutam mais, como voz externa privilegiada, as autoridades tradicionais: a Igreja ou os setores dominantes [...], intelectuais à moda antiga, políticos paternalistas, caudilhos, padrões semifeudais” (SARLO, 1997b, p. 102).

Seguir à risca as determinações dessas autoridades soa, para a comunidade em que interferem, como uma imposição ideológica. O contrário só poderia acontecer se a comunidade fosse conscientizada anteriormente e reconhecesse, nos procedimentos adotados, um valor significativo para si mesma, opinando e participando ativamente de tais procedimentos. Se, por exemplo, determinado gestor de grupo participante do carnaval resolve fazer algumas mudanças nas configurações de fantasias, músicas, instrumentos ou outros elementos que fazem parte do aparato carnavalesco, esse procedimento deve ser levado a conhecimento da comunidade participante, de forma que possa ser conscientizada das possíveis conseqüências que

as mudanças trariam. Um bloco pode ser taxado de descaracterizado ou de abandonar as tradições em virtude de ter efetuado modificações em sua formatação; por outro lado, se essas modificações ocorrerem naturalmente, sem alterações bruscas, de menor impacto, tal fator poderá ser considerado como parte da evolução que está intrinsecamente ligada a todos os aspectos da cultura humana.

Em se tratando das transformações pelas quais passa naturalmente a cultura, é importante atentar para o fato de que “o interesse pelas culturas populares é contemporâneo ao momento do seu desaparecimento” (SARLO, 1997a, p. 102). Por conseguinte, a extinção ou a total contaminação da cultura original por elementos externos a ela é inevitável, já que “culturas populares [são] artefatos que não existem em estado puro” (idem). Como pensa Sarlo, a verdadeira origem da cultura de um grupo social pode ser difícil ou impossível de se precisar. Por outro lado, é inegável que podem ser encontrados, em diversas culturas, traços que evidenciem a sua origem, elementos que preservem características do seu fundamento e do primordial. O carnaval é um rico exemplo de mistura de diversas culturas, pois apresenta, principalmente, características oriundas tanto

dos carnavais europeus, como das comemorações africanas, ou seja, um carnaval brasileiro em estado puro é impossível de se precisar, pois é própria do carnaval a multiplicidade de influências identitárias. Deve-se ter consciência, com isso, de que a Cultura está presente em todos os povos e em todos os tempos, não desaparecendo, mas transformando-se, evoluindo. Em consonância com tais assertivas, o carnaval se constitui numa manifestação multi-cultural, pois apresenta características de diversas origens, dentre as quais estão a indígena, a européia e a africana, o que faz com que seja impossível definir qual dentre estas manifestações pode ser considerada como verdadeiramente tradicional, já que a definição de tradição pode ter diversas acepções, inclusive a de tradição inventada.

Tradição inventada

Muito do que é considerado por uma determinada sociedade como um fenômeno tradicional pode se constituir por uma espécie de tradição inventada. Isso ocorre porque algumas das ações que a sociedade elege para rememorar através dos tempos são inseridas nos costumes locais como uma forma de manutenção de costumes, dando origem, assim, a uma tradição. As

tradições, em relação à sua origem, podem ser consideradas como fenômenos incorporados às comunidades que, muitas vezes, são inventados, criados, configurados especialmente para se tornarem símbolos de um grupo ou uma comunidade.

Muitas vezes, ‘tradições’ que aparecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas. [...] Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através de repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado histórico apropriado (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 09).

O que caracteriza a origem de uma tradição, em algumas situações, pode partir do empenho de uma comunidade em criá-las para que satisfaçam aos seus anseios de renovação ou intensificação identitária; ou seja, a invenção de uma determinada tradição pode ocorrer por não existir naquela comunidade uma outra tradição significativa, dentre as já existentes. Assim, “pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não estejam mais disponíveis nem sejam viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados, nem

adaptados” (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 16). Assim, um determinado comportamento ou traje pode ser incorporado ao carnaval e, em poucos anos, passar a ser considerado parte da tradição local, como ocorreu com os blocos afro.

Apesar de se inter-relacionarem e parecerem parte de uma mesma gama de significados, há determinadas particularidades que diferenciam a tradição do costume. O costume seria algo que está intrinsecamente relacionado a um grupo social que, muitas vezes, modifica-se com o decorrer do tempo, não se configurando um conjunto de comportamentos que permanece estático, não sofrendo modificações. A tradição, diferentemente, é algo que deve conservar símbolos, comportamentos e outros elementos sempre iguais, remetendo a um possível costume passado.

A ‘tradição’ neste sentido deve ser nitidamente diferenciada do ‘costume’, vigente nas sociedades ditas ‘tradicionais’. O objetivo e a característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 10).

Mesmo as tradições das comunidades sendo consideradas, em sua maioria, tradi-

ções inventadas, é perceptível que muitos dos elementos incorporados a ela são, de fato, advindos de um passado remoto. Assim, alguns desses elementos poderiam ser considerados como reconfigurados, ou seja, capazes de assumir uma nova roupagem, não sendo coerente, porém, considerá-los apenas inventados, criados, já que “as novas tradições podem lançar mão de velhos elementos, [e, ao mesmo tempo,] ser forçadas a inventar novos acessórios ou linguagens, ou ampliar o velho vocabulário simbólico” (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 15).

Do mesmo modo que ocorre com as tradições, as manifestações culturais são preservadas numa sociedade com a intenção de funcionar enquanto elementos intensificadores da identidade cultural do lugar. Para isso, é necessário que essa ritualização ocorra, no mínimo, uma vez por ano, como acontece nas festividades da maioria das comunidades. A rememoração a que uma tradição remete se dá pelo fato de que “a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição” (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 12). Esse dado torna-se o principal fator de motivação para que os gestores ou líderes de determinadas co-

comunidades procurem manter algumas comemorações e costumes, a fim de que as mesmas continuem a funcionar da mesma maneira que os símbolos identitários.

Tomada quase sempre em oposição à idéia de progresso, a tradição é um tema comumente encontrado nas discussões acerca das manifestações culturais. Todos os atos ou símbolos (que uma determinada comunidade deseja manter) são lembrados de tempos em tempos para que se constituam verdadeiramente uma tradição. Se existem elementos que são incorporados a partir da inserção de novas tecnologias ou de costumes advindos de outras nações, os indivíduos que lançam mão desses elementos são caracterizados como possuidores de idéias progressistas. Os indivíduos simpatizantes da preservação das tradições enquanto recurso de construção de uma identidade nacional encontram-se, muitas vezes, em divergência com os defensores das idéias de progresso e modernização.

A busca ‘científica’ de uma identidade nacional tropeçou [...] na pressa da parte majoritária das elites intelectuais por mudanças, expressas pela palavra progresso ou pelas imagens de civilização e modernidade (CUNHA, 2001, p. 244).

Cria-se, então, um embate entre os que julgam a conservação das tradições ne-

cessária para a manutenção da identidade cultural da comunidade, e os que entendem que a dinâmica das identidades passa por um processo de hibridismo por tradição e, então, buscam a sustentabilidade através da preservação das tradições. Tomando como elementos comparativos o carnaval, o uso de fantasias ou de instrumentos de percussão, seriam considerados tradição em relação à modernização da festa através da presença de trios elétricos. No entanto, se os elementos relacionados ao progresso são inseridos numa determinada comunidade e nela permanecem, tornando-se parte de seu costume, tal progresso acaba por se tornar uma tradição, mesmo que inventada ou trazida de outro lugar, híbrida.

No constante pulsar de transformações que toda comunidade sofre, é difícil separar o que configura uma tradição primitiva e o que foi incorporado com o tempo. Isso faz com que idéias que, de início, possam parecer opostas, como tradição e progresso, façam parte de um mesmo contexto, sem distinção hierárquica entre elas. No carnaval, o tradicional e o moderno convivem, sem que se saiba, necessariamente, quais elementos fazem parte de uma ou outra acepção. Em se tratando de características musicais, pode-se exemplificar a partir do *rock* (Figura 12) e do afro (Figura 13), en-

quanto ritmos que possuem tanto elementos que evidenciam características tradicionais, como aspectos da contemporaneidade; é também difícil precisar o lugar de origem desses ritmos que, em verdade, possuem ascendência em outros países.



Figura 12: Grupo de rock no Carnaval de Ilhéus.

Fonte: www.ilheusfolia.com.br.

Foto: Jackson.



Figura 13: Bloco Afro do Carnaval de Ilhéus em 2002.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

O que é considerado novo, estrangeiro, é trazido para a comunidade e inserido nas suas tradições, ocorrendo, assim, o princípio da *Tradução* (HALL, 2000). Desse modo, a tradição carnavalesca italiana foi traduzida para o Brasil, assim como a tradição africana. No momento em que elementos traduzidos são incorporados aos elementos tradicionais, ocorre a *Hibridização*, que se caracteriza pela mistura ou pela fusão de todos esses elementos, e o carnaval é um dos exemplos mais claros de que esse caráter híbrido realmente acontece.

A idéia de híbrido torna-se, pois, a mais coerente para definir as especificações das manifestações culturais contemporâneas, assim como o carnaval, já que, em sua maioria, apresentam caracteres herdados de diversas comunidades, de culturas diferentes e que se unem num só contexto, múltiplo e, dentro da compreensão bakhtiniana, dialógico.

CARNAVAL E TURISMO

O carnaval é uma festa que sempre funciona como atrativo turístico para as diversas localidades onde ocorre. Esse fator faz com que seja necessária uma intervenção relacionada ao planejamento organizacional da localidade em questão, no que se

refere à presença do turista na cidade, num momento em que a comunidade, principalmente, encontra-se em meio a uma comemoração que faz parte da cultura e da identidade local e, como tal, deve ser executada com base em uma perspectiva sustentável.

Já que as identidades culturais tornaram-se objeto de interesse para os turistas contemporâneos, faz-se necessário compreender a significação que se aplica ao Turismo nos seus diversos âmbitos. Para melhor conceituá-lo, toma-se a definição de Turismo enquanto “toda e qualquer caracterização de bem e de serviço que é produzido para atender às necessidades das atividades de viagens e de lazer” (LAGE; MILONE, 2000, p. 25). Assim, são as motivações que fazem com que o deslocamento de pessoas possa ser caracterizado dentro das perspectivas da atividade turística, envolvendo, principalmente, a busca pelo lazer.

Apesar de esta ser uma atividade dotada de intangibilidade e, como tal, possuir difícil ou imprecisa conceituação, é comum defini-la como “uma atividade socioeconômica, pois gera a produção de bens e serviços para o homem visando à satisfação de diversas necessidades básicas e secundárias” (idem, p. 26).

Os turistas, a depender do grau de formação, faixa etária ou outros fatores, pos-

suem preferências diferenciadas, a exemplo dos “pós-turistas, mais sofisticados, que procuram ter uma variedade de experiências e de encontros diretos com as populações locais, [e que] não se preocupam de modo algum com o fato de que aquilo que se lhe apresenta é a simulação de uma cultura local” (FEATHERSTONE, 1997, p. 166).

Ao mesmo tempo em que o turismo pode contribuir para que uma determinada comunidade reconstrua sua identidade através da valorização de aspectos tradicionais, esse comportamento pode fazer com que a comunidade se torne museificada, sem aparente conexão com a evolução que ocorre com as comunidades exteriores a ela. Deve-se, então, atentar para os verdadeiros anseios de tal grupo, se o de valorizar ou reconfigurar suas características originárias ou ter liberdade para adquirir objetos ou novos costumes advindos de outras culturas ou apreendidos através da tecnologia.

Cultura e Turismo: conseqüências dessa relação

Tratado como uma das tendências em crescimento na atualidade, o Turismo Cultural é uma das vertentes que possui pe-

cularidades capazes de gerar para a comunidade em que é executado bons e maus resultados, a depender de como é planejado, pois

combina autenticidade, promoção, serviços de atendimento ao visitante e desenvolvimento econômico local e regional, quando profissionais e proprietários ou administradores de bens culturais trabalham juntos para desenvolver uma indústria. Significa viajar por lugares de atrativos históricos, culturais e naturais, para aprender sobre o passado de maneira viva, diversificada e agradável (LUCAS, 2000, p. 27).

Como a atividade relacionada ao Turismo Cultural, direta ou indiretamente, acaba por interferir nas características da comunidade visitada, torna-se necessária a execução de um planejamento para a sua sustentabilidade cultural. Para isso, é preciso que se fundamente o planejamento e as estratégias de intervenção dos órgãos gestores baseados nos princípios do desenvolvimento sustentável, a partir de sua dimensão cultural, que

busca, nas raízes endógenas, a diversidade e pluralidade cultural, pela preservação do patrimônio dos recursos culturais em respeito aos modelos autóctones. Através da capacidade de autogestão das comunidades locais, participando

na tomada de decisões, procura sistemas alternativos de tecnologia e produção (LUCAS, 2000, p. 58).

Destaca-se, pois, enquanto aspecto relevante na constituição do desenvolvimento sustentável local, a participação da própria comunidade em sua criação, seu planejamento e sua execução (SIMÕES, 2002).

As especificidades do turismo sustentável envolvem desde fatores econômicos a aspectos sociais, já que influenciam em todos os âmbitos da sociedade que sofre sua intervenção, já que o turismo sustentável

pode satisfazer às necessidades econômicas, sociais e estéticas mantendo, simultaneamente, a integridade cultural e ecológica. Pode ser benéfico para os anfitriões e para os visitantes [...]. Contudo, [...] também envolve a tomada de medidas políticas vigorosas baseadas em trocas complexas em nível social, econômico e ambiental (OLIVEIRA, 2000, p. 140).

Desse modo, a constituição de um planejamento de desenvolvimento sustentável do turismo, em busca de prevenir a extinção dos aspectos culturais específicos de uma determinada localidade, pressupõe também a interferência dos setores orga-

nizacionais na liberdade das comunidades locais. De qualquer modo, a sociedade que está exposta tanto ao turismo quanto ao planejamento sustentável sofrerá impactos que podem ser causados por um ou outro, já que tais alterações nas configurações naturais da comunidade são inevitáveis.

A tendência atual desse tipo de turismo foge às generalizações e aos aspectos universais, em busca daquilo que caracteriza o individual ou o local. Neste ramo da atividade turística, busca-se o conhecimento sobre e a visitação a lugares possuidores de culturas diferentes. O já previsto crescimento deste ramo do turismo mostra-se bastante evidenciado no Nordeste do Brasil, visto que a região é comumente identificada por ser dotada de locais típicos e com potencialidade turístico-cultural.

Apesar das freqüentes ameaças que a comunidade que recebe o turista pode sofrer, alguns dos benefícios identificados em relação a este ramo do turismo, configurado no âmbito cultural, lhe podem ser proporcionados, quando se compreende que o “turismo tem [...] papel importante no desenvolvimento cultural das comunidades. O contato dos visitantes com os nativos de uma localidade contribui para o desenvolvimento cultural de ambos os

grupos” (IGNARRA, 1999, p. 53).

O intercâmbio de conhecimentos, experiências e contatos, de modo geral, - quando não ocorre de forma que cause uma uniformização das particularidades das culturas envolvidas - pode ser considerado um ganho para ambas as partes, já que tais fatores entram em consonância com a tendência de propagação do conhecimento e da comunicação entre os povos.

Esta continuidade natural do curso histórico, no entanto, em que as comunidades tornam-se cada vez mais próximas umas das outras, merece cuidados de atenção relacionados à identidade cultural, para que não ocorra uma supervalorização étnica, cultural e religiosa. Tal fator permite que seja crescente a preocupação em relação à preservação das particularidades identitárias, o que seria uma tendência dos estudos culturais na tentativa de dar continuidade a alguns elementos característicos de uma determinada comunidade, já que “um dos tipos de manifestações tradicional-populares com maior potencialidade de atração turística são eventos intimamente ligados às raízes de largas faixas populacionais” (PELEGRINI FILHO, 1998, p. 68), como o exemplo dos Blocos Afro (Figura 14).



Figura 14: Grupo Afro Rastafary, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Essa preocupação no que se refere às culturas particulares faz com que exista necessidade de criar estratégias para que não ocorra um crescimento desordenado da busca pelo Turismo Cultural, prejudicando a comunidade visitada. Para tal, deve-se tomar alguns procedimentos preventivos, pois

a cultura, como universo da escolha, como universo histórico das opções, da produção, circulação e consumo de sentido e de valor, não pode ser relegada às esferas do supérfluo da existência, ainda que revestida de brilho e prestígio (MENEZES, 1999, p. 94).

A mudança nas preferências turísticas pode causar alguns problemas, como, por exemplo, ocasionar o fenômeno do Turismo de Massa (Figura 15), que é um tipo de atividade que a infra-estrutura de determinadas localidades não suportaria, como

é o caso de algumas comunidades nordestinas. Já que o “turismo no Nordeste vem crescendo em ritmo acelerado e em todos os sentidos: na quantidade de turistas que visita a região e, conseqüentemente, no volume de capital gerado pela atividade” (LEMOS, 1996, p. 305), os interesses políticos não devem se sobrepor aos interesses da comunidade. Mesmo que, economicamente, o turismo traga benefícios à cidade, as conseqüências de um turismo desordenado e sem sustentabilidade precisam ser consideradas como causadoras de prejuízos bem maiores que os lucros obtidos.



Figura 15: Público em massa no Ilhéus Folia.

Fonte: www.ilheusfolia.com.br.

Um outro problema possível de ser gerado a partir da inserção da atividade turística num determinado local é que a comunidade que recebe o turista não terá

como único problema a superlotação de sua localidade de moradia, mas também perda de privacidade, e pode ocorrer ainda um aumento nos preços dos produtos de consumo básico, por causa da demanda turística, o que deveria sinalizar um alerta.

A própria instabilidade da cultura torna-se um dos maiores problemas relacionados ao Turismo Cultural, já que este depende de “recursos culturais intangíveis, isto é, estilos de vida e ambiência [e é criado] com base em culturas regionais/locais/de minorias étnicas” (SWARBROOK, 2000, p. 37). É pelo motivo de o Turismo atingir a vida cotidiana da comunidade visitada que, no desenvolvimento do turismo sustentável, a conscientização da população torna-se um dos mais importantes fatores. A comunidade local precisa participar ativamente das decisões, bem como estar consciente da importância do turismo para atender a seus próprios interesses.

O turismo depende da população, em todos os aspectos, para a imprescindível hospitalidade e os investimentos necessários. Assim, o planejamento do turismo deve passar por um programa de conscientização da população para a importância dessa atividade, os empresários do turismo devem se engajar nas discussões políticas do seu município, e os estudantes e sindicatos devem ser es-

clarecidos sobre o turismo e o mercado de trabalho (PETROCCHI, 1998, p. 61).

A preocupação com a existência de um grupo multifacetado para a organização das estratégias relacionadas ao turismo se dá também porque, nesse tipo de atividade, assim como no carnaval (que atrai, num só momento e num mesmo espaço geográfico, inúmeras manifestações culturais diferentes), as relações entre a comunidade nativa e os visitantes podem trazer modificações de comportamento para ambos. Então, é necessário buscar, no decorrer do planejamento turístico, opiniões de diversos representantes da comunidade, com preocupações diferentes, inclusive relacionadas ao contato entre as partes envolvidas com a atividade turística.

O estranhamento e o sentimento de xenofobia são problemas que podem surgir a partir do contato entre o visitante e o turista, já que

o estrangeiro provoca nossa desconfiança, às vezes o nosso medo. Nem sempre entendemos os seus gestos e certamente não compreendemos a sua língua. Ele não se veste como nós, a sua fisionomia pode ser diferente da nossa e não adora os nossos deuses (LEITE, 1992, p. 14).

As relações entre a comunidade in-

terna e os externos, provocadas muitas vezes pelo contato turístico, fazem com que surjam temores como a idéia de que esse encontro possa causar uma padronização de comportamentos, a partir da imitação de uma ou da outra cultura. Por outro lado, tal relação pode criar sentimentos positivos, como o do reconhecimento das próprias características e valorização do diferente, pois,

considerado durante muito tempo como um fator de uniformização e de assimilação, o aumento dos contatos ligados à modernização surge agora como um fator que facilita a emergência de identidades particulares (POUTIGNAT; STREIF-FENART, 1996, p. 28).

Justamente pelo fato de o ser humano ser intrinsecamente dotado de cultura, a existência de suas especificidades e diferenças é inevitável, ou seja, de um modo ou de outro, os indivíduos podem ser constantemente segmentados. Esta segmentação surge, por vezes, a partir de diferenças étnicas:

a idéia antropológica de cultura, por conspirar para a estabilização da diferença, legitimaria as múltiplas desigualdades – inclusive o racismo. [...] Em si mesma, a diferença cultural não tem nenhum valor. Tudo depende de quem a está tematizando, em relação a que situação histórica mundial (SAHLINS, 1997, p. 43).

O turismo cultural tem como característica fundamental imprimir valor a diversos aspectos culturais e esse comportamento deve ser baseado num conceito de admiração, de curiosidade pelo novo, de necessidade de compreender o diferente. O que não pode ocorrer é o turista sentir-se em condições superiores, como se fosse dotado de características mais valiosas que as dos habitantes do local visitado ou vice-versa, como, por exemplo, instrumentos de tecnologia avançada que alguns turistas possuem, que a comunidade interpreta como um indício de alto poder aquisitivo do outro, sentindo-se menosprezada.

Um dos aspectos que causa temor em relação ao contato do turista com a comunidade local refere-se à já citada tendência de globalização. O desaparecimento das culturas locais a partir da massificação dos meios de comunicação e de transporte de pessoas, fazendo com que se crie uma cultura mundial uniforme, seria uma preocupação iminente. No entanto, as diferenças, os aspectos particulares de cada cultura, de cada grupo étnico não são passíveis de um desaparecimento de forma avassaladora, pois sempre deixam resquícios, como pode ser percebido no carnaval, como características únicas do local:

ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da ‘alteridade’. Há, juntamente com o impacto do ‘global’, um novo interesse pelo ‘local’ (HALL, 2000, p. 83).

A própria tendência contemporânea do turismo evidencia tal observação, já que os indivíduos inseridos em grupos culturais denominados pelo senso comum como diferentes, típicos ou étnicos muitas vezes encontram benefícios a partir da presença do turista em sua localidade. As benesses da atividade estão não só na troca de experiências, mas na aquisição de remuneração, sendo o turismo compreendido como um fator de geração de renda para a comunidade local.

O comportamento que busca a mescla de culturas diversas pode trazer conseqüências por vezes contraditórias, já que, num só tempo, “as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento” (CANCLINI, 1998, p. 348). Assim sendo, há aspectos negativos que causam uma angústia em relação à modernização ou à hibridização das culturas, mas, por outro lado, há aspectos positivos que inserem tais culturas num contexto de conhecimen-

to mais amplo, não desprovendo tais comunidades de conhecer também o outro, o diferente.

A exemplo do carnaval, a modernização não pode, em tese, ser caracterizada como algo prejudicial à festa, porém causa controvérsias no que se refere à sua massificação. A superlotação do local onde ocorre a festa pode prejudicar os resultados que pretendem ser obtidos, pois a falta de espaço incomoda a comunidade local e os turistas, além de desvalorizar a decoração da festa. Mesmo sendo caracterizado como um fator de valorização do carnaval, o trio elétrico é, nos dias atuais, um fator de atração turística que permite concentrar um enorme número de pessoas num mesmo lugar. Isso conta, por um lado, como um ponto negativo, pois, no todo carnavalesco que comporta o desfile, o batuque dos tambores de Afoxé é suprimido pelos altos decibéis que saem das caixas amplificadoras dos trios elétricos. Percebe-se, então, que,

às vezes, a inovação prejudica alguns grupos, pois destes retira os padrões tradicionais de ajustamento, sem permitir que adotem os novos. De qualquer forma, existe mudança, e talvez fosse possível pensar num contínuo, onde os grupos primitivos apresentam um mínimo

e as zonas metropolitanas um máximo de mudança. Entre esses extremos, serão colocados grupos de cultura rústica (segundo a expressão de Antonio Cândido), os de cidades pequenas e médias (LEITE, 1992, p. 123).

Os afoxés são grupos ligados à cultura negra que participam ativamente das festas carnavalescas nos lugares onde vivem, de forma mais rústica, ou seja, entre o primitivo e o metropolitano, pois não possuem características exclusivas de sua origem, tampouco assumem por completo as especificidades advindas juntamente com a chegada dos trios elétricos.

Percebe-se, com isso, que, além dos impactos causados à cultura local, há também evidências de outras conseqüências negativas que o turismo pode trazer à comunidade que o comporta, em relação a seu desenvolvimento não planejado, pois pode

promover o crescimento desordenado pelo excesso de oferta de acomodações, criar forte concentração demográfica, aumentar os preços dos produtos e dos serviços locais, destruir o patrimônio natural, criar altíssima temporada em contraste com baixa temporada nos demais meses do ano, criar uma mentalidade mais oportunista do que empresarial (OLIVEIRA, 2000, p. 45).

Ou seja, o turismo pode mudar toda a vida cotidiana das pessoas que fazem parte da comunidade, inclusive no que se refere à mentalidade e à consciência das pessoas envolvidas.

Deve-se estar atento aos perigos que o turismo pode representar se não for bem acolhido pela comunidade ou se prejudicá-la, pois, como evidência para isso, pode ocorrer o referido crescimento desordenado tanto do número de habitantes quanto de residências na parte urbana ou rural da cidade, em virtude de alguns turistas preferirem viver no lugar depois de o conhecerem. Um outro aspecto que pode prejudicar em alta escala a comunidade local é o aumento dos preços, já que o comércio local costuma inflacionar suas mercadorias e serviços durante a alta estação. Mais um exemplo de fator de risco é que o próprio turista pode vir a destruir o patrimônio tanto tangível, como praças e monumentos históricos, como intangível, a exemplo dos traços culturais dos grupos identitários que desfilam no carnaval.

Um dos elementos importantes que merecem a atenção tanto da comunidade quanto dos órgãos gestores é a preservação das tradições. Isso não quer dizer que os traços culturais da comunidade ou as

características da festa carnavalesca não devam ser modificados ou ter elementos novos incorporados. Mas aquilo que a comunidade considera como fundamental e representativo da simbologia local precisa ser mantido como valorização das características da própria comunidade.

Para que haja a preservação das tradições e ainda assim seja possível atender aos interesses de quem prefere conhecer o novo, é importante admitir as transformações naturais que ocorrem em todo grupo cultural, como, por exemplo, não impedir que o trio elétrico faça parte do carnaval, já que esta é a preferência de um grande número de pessoas.

O principal aspecto a ser observado em relação à cultura, porém, é o respeito à identidade das pessoas envolvidas com a festa e toda a comunidade. Se uma ou outra etnia, faixa etária ou grupo social for valorizado com disparidade, pode haver uma homogeneização étnica, cultural e religiosa, pois as pessoas podem se sentir pressionadas a se enquadrar àquela cultura, acabando por se auto-desvalorizar.

Em suma, já que a cultura de um povo é dotada de diversos símbolos que compõem o todo da comunidade, muitas vezes é importante preservá-los durante as várias gerações, através da consciência da própria

identidade e da valorização dos elementos simbólicos que integram seu cotidiano.

Símbolos do Carnaval

O carnaval é uma festa dotada de símbolos que representam muito da identidade local. Estes símbolos são rememorados todos os anos, durante, principalmente, as festividades, já que as mesmas funcionam como fator determinante de reafirmação identitária e se transformam em atrativos turísticos. São símbolos como fantasias, personagens, pessoas de representação histórica, instrumentos musicais e outros que acabam por transmitir um ato comunicativo entre as pessoas que assistem à festa carnavalesca (entre moradores e turistas) e as que dela participam, além de se configurarem como elementos da tradição local.

A própria valorização dos símbolos de uma determinada comunidade funciona, se esta for uma estratégia de planejamento bem organizada, como um recurso de sustentabilidade cultural, pois a perpetuação desses símbolos auxilia na manutenção da identidade cultural local e, por conseguinte, assume um papel mais valorizado para o turismo, num exercício de colaboração recíproca entre turista e comunidade local.

Tomando como exemplo de valorização simbólica criada a partir de especificidades locais, pode-se citar o escritor Jorge Amado (Figura 16), que tem sua obra e a si próprio destacados como símbolos referidos nos diversos âmbitos da atividade turística de Ilhéus, cidade onde viveu por muitos anos.

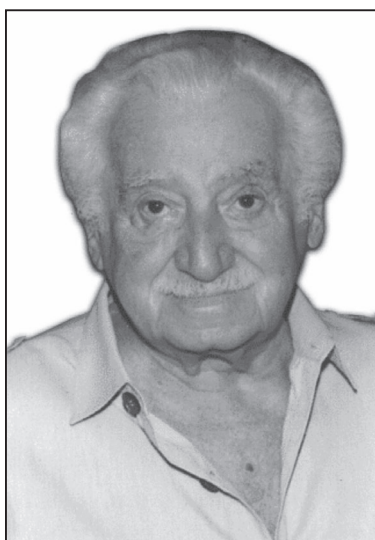


Figura 16: Jorge Amado.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Para se compreender por que determinados símbolos são escolhidos para fazer parte da tradição de um determinado local, deve-se pensar em como este conceito de

tradição é tomado e na sua relação com a comunidade em questão. Nas manifestações carnavalescas atuais, podem ser encontrados diversos elementos considerados tradicionais, que são, como já constatado neste trabalho, tradições herdadas de outros países, a exemplo das referidas características do Entrudo e dos grupos de afoxé, derivações de comemorações africanas. A dificuldade de se definir quais os elementos que fazem parte da tradição carnavalesca no Brasil se dá pela sobreposição de valorização simbólica que comumente ocorre no país. Símbolos como a fantasia de *pierrrot* e a utilização de confetes são costumes europeus que foram inseridos no carnaval brasileiro com a função de fazer oposição aos usos e costumes afro-descendentes. Só após a valorização da cultura negra, num momento posterior - em que a etnia passa a ser focalizada como atrativo turístico -, esses elementos foram novamente incorporados à festa, tornando-se uma evidência de que a construção dessa tradição aconteceu através de um movimento dialético. Em suma, no Brasil, o Entrudo português foi primeiramente substituído pelo carnaval italiano, que, por sua vez, foi posteriormente acrescido de algumas das características do antigo Entrudo.

Já que a tradição está intrinsecamente ligada a diversos atos da vida cotidiana, ela

pode ser compreendida como o conjunto dos valores dentro dos quais as pessoas estão estabelecidas, não se tratando apenas das formas de conhecimento ou das opiniões que se tem, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade (BORNHEIN, 1997). Assim, aquilo que é valorizado pelos participantes e pelos organizadores do carnaval é, em verdade, selecionado, escolhido para simbolizar aquela comunidade, construindo, desse modo, o que vem a se tornar a tradição local e que acaba, por fim, tornando-se objeto de atratividade turística.

Há certos traços simbólicos valorizados em uma determinada comunidade que perduram durante séculos e são transmitidos de geração para geração, como acontece com alguns dos comportamentos característicos do carnaval. Esses traços culturais são conservados na memória dos componentes desses grupos identitários, pois “a memória é o centro vivo da tradição, é o pressuposto de cultura no sentido de trabalho produzido, acumulado e refeito através da História” (BOSI, 1997, p. 53). Assim, é a memória que funciona como principal recurso de manutenção das tradições e de valorização de símbolos identitários,

que podem posteriormente ser utilizados como atrativos turísticos.

Um dos símbolos do carnaval que pode causar algum estranhamento para as pessoas mais antigas de uma comunidade é o trio elétrico. Para elas, muitas das características do carnaval dito tradicional acabaram por desaparecer, já que esse tipo de carnaval atrai um grande público e as pessoas que fazem parte desse público tendem a se uniformizar em meio à multidão. Por outro lado, nem mesmo esse recurso tecnológico consegue anular as diferenças individuais das pessoas, já que, dentre os iguais, sempre há traços diferenciais. Desse modo, o trio elétrico (Figura 17), bem como todo e qualquer elemento novo que se integre ao carnaval, não deve ser considerado um causador da perda de identi-



Figura 17: O bloco 10 Colados e seu trio elétrico, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson.

dade ou perda das tradições. Ao contrário, a novidade se integra à cultura local e ao carnaval, que se encontra em permanente reconfiguração, adequando-se à realidade do momento, o que contribui para a sua perpetuação.

No carnaval, a resistência caminha lado a lado com a ruptura, pois o antigo e o contemporâneo convivem num mesmo ambiente, num mesmo tempo, fazendo parte da vida das mesmas pessoas. São justamente as diferenças identitárias que fazem com que determinadas pessoas da comunidade local escolham valorizar o tradicional em lugar da novidade ou vice-versa, e há, do mesmo modo, turistas que valorizam o moderno, em oposição a outros que preferem o contato com os elementos que lembrem o passado. Com isso, o carnaval - que mescla o novo e o antigo - tende a ser uma festa que agrada a diversos públicos, justamente por suas opções de diversão serem bastante variadas. Já que a valorização de símbolos identitários depende de uma decisão individual, e a sua perpetuação depende da manutenção do mesmo na memória da comunidade, é evidente que existirão múltiplos gostos, temas e elementos valorizados, pois

não há consciência sem memória, não

há continuação de um estado sem a adição ao sentimento presente da lembrança dos momentos passados. [...] A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente (BERGSON, *apud* PESSANHA, 1997, p. 86).

Dessa forma, pode-se afirmar que a mutabilidade é uma característica intrínseca ao ser humano, faz parte de sua vida, e o que é considerado como tradicional ou valorizado a partir do passado são lembranças de épocas várias, escolhidas como símbolos importantes, devendo ser perpetuadas por se constituírem como representativas da identidade local.

Um grupo identitário, seja ele qual for, não possui uma cultura específica, única, já que “tal unidade ou uniformidade parece não existir em sociedade moderna alguma e, menos ainda, em uma sociedade de classes” (BOSI, 1992, p. 308). Assim, uma mesma pessoa pode fazer parte de diversas culturas. No carnaval acontece o mesmo, pois diversos traços culturais, de etnias, idades e classes sociais diferentes interagem e transmitem uns aos outros suas características, que são incorporadas aos traços primeiros de cada grupo e provocam o fenômeno na multiplicação e troca de identidades culturais. O próprio contato

do habitante local com o turista funciona como incentivador da mescla de culturas e, no carnaval, em que as características identitárias surgem ainda mais evidenciadas e a liberdade de expressão é colocada em vigência, essa troca é ainda mais constante.

Em virtude da necessidade de se respeitar a valorização identitária de cada grupo social, étnico ou etário que participa do carnaval, é importante que se faça um planejamento organizacional para a festa que permita a execução da sustentabilidade cultural. Este recurso contribui para a preservação dos traços simbólicos da comunidade, mesmo que admitindo novas aquisições. No entanto, a tarefa de resgatar costumes antigos já esquecidos exige a consciência do caráter inconstante da festa, pois, “assim como não há uma história imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa [...] não é uma estrutura fixa, mas um *continuum* de mutações, de transições, de inclusões [...] e afastamentos” (VOVELLE, 1987, p. 242). Desse modo, a organização de um carnaval em que, dentre os objetivos, esteja o resgate das tradições, precisa contemplar os elementos incorporados à cultura com o passar do tempo, entendendo-se que tais fatores são inerentes ao curso natural da história.

Em contraponto à idéia de tratamen-

to dado à cultura a partir da conservação das tradições, são evidentes pequenas mudanças que ocorrem naturalmente em todos os elementos de uma comunidade, não podendo ser evitadas ou repudiadas.

A mudança de uma vestimenta, a substituição de um instrumento ou a adaptação de um antigo costume são vistos como sintomas da progressiva diluição das tradições populares. É, pois, uma visão estática e “museológica”, que encerra a cultura como uma acervo de produtos acabados e cristalizados, alheios às mudanças das condições de vida de seus portadores (MAGNANI, 1984, p. 18).

Por conseguinte, não se pode querer buscar, num grupo social ou num bloco carnavalesco, a conservação total de suas raízes, proibindo a inserção de elementos considerados modernos e, por isso, causadores da destruição de uma cultura ou das tradições do bloco. Na verdade, entendendo-se a cultura como algo intangível e de difícil conservação, é importante analisar conscientemente seu processo de transformação, considerando tal fato como parte integrante da cultura, e não avesso a ela. O total abandono de uma manifestação cultural é quase impossível de ocorrer, já que, mesmo os elementos já transformados, conservam um pouco de suas origens, que nunca desaparecem totalmente.

Sempre que uma inovação penetra a cultura popular, ela vem de algum modo traduzida e transposta pelos velhos padrões de percepção e sentidos já interiorizados e tomados como uma Segunda natureza. De resto, a condição material de sobrevivência das práticas populares é seu enraizamento (BOSI, 1997, p. 11).

As relações entre o passado e o presente, o local e o global podem ocorrer constantemente numa sociedade, já que a mesma nunca se uniformiza, pois

a participação numa cultura não é obstáculo intransponível para o ajustamento a outra, desde que o indivíduo tenha possibilidade material de adquirir as habilidades exigidas pelo novo ambiente. Na maioria das situações humanas, a tradição, apesar das aparências em contrário, parece pesar muito pouco. Mesmo quando aparentemente presos à tradição, os grupos são capazes de rápidas mudanças embora continuem formalmente fiéis à tradição (LEITE, 1992, p. 127).

Mesmo sendo necessário um cuidado em relação à visita do turista numa comunidade com traços identitários específicos e considerados exóticos, a interação entre o turista e o habitante local pode ser incentivada. Este comportamento fará com

que o turismo seja melhor recebido pela comunidade e esta seja melhor interpretada pelo turista. Um outro aspecto positivo dessa relação é que a troca de informações, idéias, conhecimentos de modo geral entre ambos pode se tornar bastante enriquecedora, se a mesma ocorrer com respeito mútuo à identidade cultural de cada um.

Existe um perigo em relação à valorização simbólica e o estabelecimento de tradições numa determinada comunidade, quando os órgãos gestores participam desta decisão: se houver um interesse puramente econômico ou se a atratividade turística se configurar como único objetivo para os organizadores da festa do carnaval, a comunidade perderá seu espaço de comunicação através de símbolos próprios, passando a representar símbolos que não são verdadeiramente valorizados por eles.

Constituindo-se como mais um problema relacionado à festa carnavalesca, pode ser claramente percebida uma metamorfose do carnaval baiano que se constitui no desaparecimento da apresentação e participação de grupos folclóricos no carnaval, dando lugar ao trio elétrico e às bandas baianas amplamente vinculadas pela mídia. Assim, o planejamento econômico de um município que costuma comemorar o carnaval tem um con-

siderável motivo para incentivar a manutenção de manifestações tradicionais, como o desfile de blocos fantasiados (Figura 18), bandas de marchinha e outros mais raros de serem encontrados nos carnavais das grandes cidades.

Este tipo de festa constitui-se de forma economicamente menos onerosa, até

mesmo pelo fato de privilegiar artistas locais que, presume-se, possuem cachês bem mais acessíveis, e pela opção do carnaval antigo, que anulam a necessidade do dispendioso Trio Elétrico ou não o colocam como único atrativo.



Figura 18: Bloco Nega Maluca, Ilhéus.

Fonte: SETUR, Ilhéus.



Capítulo II

A formação de Ilhéus e do seu carnaval

No carnaval
Ninguém leva a mal

Umberto Eco

O carnaval é um espetáculo sem ribalta e sem divisão entre atores e espectadores. No carnaval todos são participantes ativos, todos participam da ação carnavalesca. Não se contempla e, em termos rigorosos, nem se representa o carnaval mas vive-se nele.

Mikhail Bakhtin





HISTÓRIA DA CIDADE

Entendendo que a festa do Carnaval em Ilhéus é sempre dotada de elementos indicadores da identidade cultural da cidade, evidenciam-se, neste capítulo, fatos históricos que fazem parte da construção da identidade ilheense e que se manifestam através do carnaval. Como esse carnaval, de certa forma, também conta a história da cidade, a decoração, as fantasias e os diversos símbolos que compõem a festa contribuem para a caracterização dos elementos identitários ilheenses.

A cidade de Ilhéus, *locus* desta pesquisa, possui um turismo já vigente e com potencialidade para crescer ainda mais (Figura 19). Assim, urge que se faça um planejamento para o seu Turismo Cultural e, como sugere este trabalho, um planejamento de intervenção nas festas carnavalescas. Ilhéus pode buscar a preservação das tradições, mesmo que seja admitindo as transformações naturais por que passam todas as culturas. No entanto, este segmento natural do curso histórico merece cuidados de observação no que diz respeito à identidade cultural, para que não ocorra uma sobrevalorização étnica, cultural e/ou religiosa.



Figura 19: Vista aérea da cidade de Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

O Carnaval de Ilhéus apresenta características de *Tradição* (observadas nos comportamentos e símbolos eleitos pela comunidade para serem repetidos a cada ano), *Tradução* (a partir das heranças principalmente venezianas e africanas) e *Hibridismo* (com a mescla que pode ser encontrada em todos os âmbitos da festa carnavalesca).

Para se definir a significação aqui tomada para a identidade, pode-se pensá-la como um “processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 1999, p. 22). Esse significado construído no decorrer da História é identificado em Ilhéus a partir de estudos históricos realizados sobre a formação da cidade.

A história de Ilhéus confunde-se com a história do Brasil, visto que o país, no início de sua formação, fora dividido em Capitânicas Hereditárias, em 1534, por D. João III, sendo uma delas a Capitania de Ilhéus. Ao sul da capitania foi fundada uma povoação chamada Vila de São Jorge, situada precisamente no cimo do atual Morro de São Sebastião, em Ilhéus. Nesse período, lavouras começaram a ser plantadas, iniciaram-se lutas e uma posterior amizade com os índios Tupiniquins; foram montados engenhos de açúcar e incentivada a vinda de famílias portuguesas e oriundas de outras capitânicas. Com as grandes fazendas que surgiram na Vila de São Jorge, esta capitania passou a ser considerada uma das mais prósperas e ricas de todo o Brasil. No entanto, posteriormente, veio a decadência.

A presença de pessoas de diversas origens na localidade onde se formou a cidade de Ilhéus deu origem ao hibridismo, que faz parte da identidade cultural da comunidade ilheense atual, e que, por sua vez, manifesta-se durante as comemorações carnavalescas. É por isso que podem ser encontradas influências portuguesas, indígenas, africanas, italianas, orientais e de outras culturas na formatação da festividade.

Em relação à religiosidade que integra

a identidade cultural da população ilheense, há uma variedade de acontecimentos que explicam o sincretismo religioso que é comum ao local. Um deles é a catequização dos indígenas, iniciada em 1592, pelo Padre Manuel da Nóbrega, além das manifestações de origem africana que, em muitos casos, possuem uma relação de equivalência com manifestações do Catolicismo.

Toda a mistura de grupos étnicos, como o índio, o negro, o médio-oriental, e o branco ou o europeu que constitui o povo e o Carnaval de Ilhéus contém aspectos identitários das diversas culturas que o compõem. Uma evidência histórica dessa mistura de povos, em festas e comemorações populares, é transcrita por Mary Del Priore, em estudo sobre festas no período do Brasil Colonial, nas quais “índios, negros, mulatos e brancos manipulavam as brechas do ritual da festa e as impregnavam de representação de sua cultura específica” (PRIORE, 1991, p. 10). Formou-se, então, no país, assim como em Ilhéus, um acúmulo de festas e comemorações híbridas, sincréticas e multiculturais.

Aspectos socioeconômicos

Os índios são o primeiro povo que habitou o que hoje forma as terras ilhe-

enses, e as evidências de sua cultura estão inseridas nos mais diversos âmbitos desta sociedade. A presença indígena nas obras sobre a história de Ilhéus se dá principalmente através de informações sobre o seu relacionamento com os colonizadores que indicam que, desde o Século XVI, “persistia [...] a resistência dos Aimorés, que já eram conhecidos por *Grên*, e de outros subgrupos indígenas, provavelmente *Kamacã-Mongoio* e *Pataxó*” (FREITAS; PARAÍSO, 2001, p. 25).

No carnaval, porém, não é tão massiva a participação indígena, reduzida a pequenos grupos com trajes indígenas desfilando na festa, talvez por motivo da suplantação cultural que influências outras tiveram sobre a cultura dos índios. Uma das evidências para isso é que na obra *História e fatos de Ilhéus* podem ser encontrados relatos sobre algumas das festividades comemoradas pela sociedade ilheense. No entanto, chama a atenção o fato de somente as festas católicas serem citadas, como as de “Nossa Senhora da Assunção, Nossa Senhora das Neves, Nossa Senhora do Socorro e Nossa Senhora da Vitória” (PEREIRA FILHO, 1981, p. 05); além da “veneração a São Jorge e São Sebastião” (idem, p. 06). Ou seja, não há, aqui, o reconhecimento histórico de festividades de outras religiões, como as

indígenas ou as ligadas ao candomblé.

Ilhéus possui uma considerável parcela de população de origem negra, visto que a escravidão efetuada pelos portugueses que habitavam o Brasil fez com que a migração para Ilhéus ocorresse em grande escala. Assim como ocorreu em outras regiões do país, os negros sofreram uma segregação racial e esse fato passou a fazer parte da identidade cultural ilheense, já que esse grupo étnico houve uma modificação na idéia que antes existia em relação à escravidão, tornando-se um povo valorizado, dotado de identidade própria e que também faz parte do hibridismo local.

Algumas passagens históricas sobre a colonização brasileira explicam as relações hierárquicas entre as etnias que povoam o país e que, relativamente, incutiram influências na configuração de diversas manifestações populares, como pode ser percebido num dos relatos que evidenciam o fato de que o

processo de ocupação do território brasileiro, engendrado pelas diversas formas de exploração colonial e capitalista, envolveu, normalmente, disputas e conflitos que redundaram em modalidades variáveis de relações de dominação e subordinação entre representantes, por um lado, de grupos de civilizados, por outro,

de comunidades tribais e redutos de escravos de origem africana (VIEGLER, *apud* BASTOS FILHO, 1999, p. 19).

Estes fatores que envolveram a formação do Brasil podem claramente ser identificados também em Ilhéus, como nos casos de evidência da segregação racial ocorrida na cidade. Um dos exemplos é que, em uma de suas viagens pelas províncias do Brasil, o viajante Avé-Lallemant (1980), tendo passado um dia em Ilhéus, descreve a cidade a partir de uma visão etnocêntrica (em sua obra *Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe*), colocando-a em seu texto como desprovida de progresso e beleza, incutindo, em suas palavras, uma opinião que apresenta indícios de preconceitos sociais e raciais em relação aos padrões europeus. Ele diz que o local possuía

casas pequenas, por demais modestas, de taipa, cobertas de folhas de coqueiro e tão primitivas que realmente não se pode compreender como uma povoação, que já existe há 300 anos, tenha feito tão pequeno progresso e se tenha feito tão pouco pelo asseio e aspecto local (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 73).

De um modo geral, a própria história do carnaval traz em seu conteúdo exem-

plos de repressão, já que, segundo Jaime de Almeida, o nome carnaval foi introduzido com a intenção de burlar a imposição que se fazia, antes dos anos 30, ao Entrudo, pois a “polícia proibia o entrudo popular no centro da cidade para que os ricos fizessem a nova festa exibindo-se em caruagens, e depois nos seus automóveis” (ALMEIDA, 1996, p. 29). Ilhéus refletiu esse aspecto da história do Brasil e também passou a valorizar influências outras, como a italiana.

Os diversos e constantes atos de repressão à cultura negra, freqüentemente relatados na História da humanidade, fizeram com que muitos estudiosos achassem necessário “tornar os negros percebidos como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual - atributos negados pelo racismo moderno” (GILROY, 2001, p. 40). O que se pode perceber, na maioria dos casos, em se tratando da colonização do país efetuada por europeus, é que algumas das influências deixadas possuem caráter negativo, como “os particularismos europeus [que] ainda estão sendo traduzidos em padrões universais absolutos, para a realização, as normas e as aspirações humanas (GILROY, 2001, p. 43). Ainda hoje, pois, é possível encontrar exemplos de como a cultura européia

é tomada como padrão de beleza, de norma, de modelo, de comportamento, o que faz com que outros elementos identitários ilheenses sejam desvalorizados, por não se enquadrarem nas características impostas pela influência européia.

O sincretismo afro-católico, característica comum nas manifestações religiosas da região, surgiu também em Ilhéus, como em outras partes do país, com o intuito de burlar a imposição do catolicismo em relação à religiosidade negra, através da atribuição de santos correspondentes da Igreja Católica aos deuses africanos. O pensamento europeu em relação à religiosidade não considerava a crença dos negros e, por isso,

o branco começou a impor sua religião [...]. Os negreiros argumentavam que o tráfico de escravos era para libertá-los de suas crenças bárbaras, trazendo-os ao seio da Santa Madre Igreja, para a salvação de suas almas (SANGIRARDI JR., 1988, p. 38).

Os anos de dominação portuguesa, no que se refere à religião, contribuíram para impor uma substituição da cultura primeira dos africanos, tentando fazer com que esquecessem as crenças adquiridas através dos tempos em sua terra. Com

isso, o senhor branco, de formação católica, logo começou a reprimir com energia aquelas práticas que considerava não só selvagens, mas presididas pelo Demônio. Por outro lado, teria seu aspecto de magia e mistério. Receava o sortilégio dos negros. Tinha medo dos que evocavam deuses africanos e dominavam forças desconhecidas. Isso também traz evidências de que a cultura negra, com seus mistérios, causava, e ainda causa, um certo receio aos que não a conhecem.

Sendo os negros, em sua maioria, adeptos do candomblé, mas vivendo num país oficialmente católico, os mesmos sofreram perseguição religiosa durante anos, como pode ser verificado também a partir da história da cidade de Ilhéus. A repressão policial que esse grupo sofreu “reforçou inicialmente, na comunidade negra, um forte sentimento de rejeição social, construído e alicerçado nas relações sociais e raciais que configuravam a sociedade escravista” (BRAGA, 1995, p. 27).

Vê-se, então, que a trajetória histórica das manifestações populares do país possui um repertório de proibições e adaptações que fundamentaram as características das culturas hoje existentes, como no caso das senzalas ou dos terreiros, em que os negros foram preservando seus costumes

tradicionais africanos a partir de uma inaceitabilidade da condição de escravo. Desse modo, este grupo étnico criou o que poderia ser chamado de Identidade de Resistência, que seria

criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos a estes últimos (CASTELLS, 1999, p. 24).

Apesar da repressão, os povos africanos procuraram preservar em suas manifestações culturais, como dança, traje, comida, e também um vocabulário próprio, os costumes do seu lugar de origem. É por isso que, apesar de toda a repressão sofrida, a cultura negra pode ser identificada em diversos aspectos das manifestações populares, como no caso do Candomblé, focado por Renato Ortiz, cujo texto afirma que “o exílio dos deuses africanos na América latina deu origem ao candomblé brasileiro. [...] Um novo território é redesenhado, no qual a identidade anterior é preservada” (ORTIZ, 1998, p. 73).

A população negra ilheense forma uma gama da sociedade especialmente re-

presentada na cultura através de momentos de comemoração pela liberdade e de reafirmação de identidade, após tantos anos de escravidão e/ou repressão. Dentre estas manifestações, podem ser citados os eventos realizados do espaço do Memorial da Cultura Negra, sempre relacionados à valorização da identidade dos grupos afro-descendentes residentes em Ilhéus.

Além de negros, índios e portugueses, também ocorreu em Ilhéus a presença de franceses e holandeses que atacaram a cidade em 1595 e 1637, respectivamente, derrotados e expulsos pela armada ilheense, mas que não deixaram de causar influências na composição dos costumes locais.

Outros grupos de migrantes, impulsionados pela economia cacauceira, como sergipanos e alemães, também se integraram à formação cultural da cidade, intensificando o hibridismo. Concomitantemente, algumas famílias de descendência árabe, turca, síria e libanesa se uniram ao já híbrido povo ilheense, trazendo seus costumes que foram, aos poucos, incorporando-se aos locais.

Afora a constituição étnica, um dos elementos de maior significação no conteúdo da formação identitária em Ilhéus é o cacau (Figura 20), fruto que protagonizou a economia e a história da cidade, tornando-se elemento integrante da cultura local.



Figura 20: Amêndoas de cacau, matéria-prima para a produção do chocolate.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Tanto a riqueza como a crise pela qual a lavoura cacauieira passasse proporcionaram a Ilhéus elementos integradores de sua identidade cultural, elementos estes também mostrados através do carnaval. A riqueza da cidade foi possibilitada pela plantação do cacau que, até os dias atuais, constitui-se num dos principais cultivos de Ilhéus e sua principal fonte de renda.

Fato é que o cacau firmou-se como o principal produto baiano de exportação, contribuindo, de forma crescente, para a receita estadual, constituindo-se como uma novidade dentro do cenário baiano (FREITAS; PARAÍSO, 2001, p. 102).

Este tipo de cultura, em Ilhéus, começou por volta do ano 1816, com colonos alemães. Nessa época, o governo brasileiro

doava terras a quem quisesse plantar cacau. Desse modo, vieram sergipanos e pessoas fugidas da seca do Nordeste, de outras regiões da Bahia e de outros lugares. Com isso, em dez anos a população cresceu de uma forma explosiva, e o cacau era plantado em abundância por aqueles que buscavam o eldorado. A região mudou seu aspecto e através do porto, Ilhéus (Figura 21) passou a centralizar o escoamento da produção e a concentrar estabelecimentos do comércio atacadista. Com o crescimento da econo-



Figura 21: Antiga Avenida Mário Pessoa, hoje Soares Lopes, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

mia, Ilhéus passou de vila a cidade em 18 de junho de 1881 (ILHÉUS, 2002).

O dinheiro que o cacau trouxe para Ilhéus propiciou a presença de visitantes na cidade desde uma época remota, anterior à atividade turística já consolidada, por volta de 1920, quando a sociedade ilheense

se valorizava pela riqueza adquirida através do comércio e da sublimação das artes.

Se os visitantes partiam encantados com tudo que tinha sido mostrado ou era possível perceber, os moradores da cidade tinham seus motivos para se sentir orgulhosos por tudo que tinha acontecido de bom e importante. [...] Afinal de contas, todos queriam estar ou queriam ir para Ilhéus (FREITAS; PARAÍSO, 2001, p. 143).

Apesar de todo o destaque que Ilhéus obteve a partir do cultivo do cacau (Figura 22) e de seus lucros, algum tempo depois, toda a região cacauceira passou por uma grave crise econômica. A crise da região ocorreu principalmente a partir do meado da década de oitenta do século XX, quando a monocultura cacauceira sofreu um rude golpe na sua característica principal, que era a de gerar muita riqueza. A seca constante provocada pelo fenômeno *El Niño*, os baixos preços internacionais e, por último, a praga denominada “Vassoura de Bruxa” fizeram da cacauicultura uma atividade menos rentável (HEINE, 2002). Como o cacau já havia se tornado símbolo da região, a crise de sua economia causou um rompimento na auto-estima de seus habitantes, mudando o curso de significação da identidade cultural.



Figura 22: Frutos do cacauceiro. Quadro exposto no Museu do Cacau.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Depois que ocorreu a decadência do cacau, Ilhéus partiu em busca de alternativas para a economia local, como a exploração da atividade turística (SIMÕES, 2002). Hoje, o município destaca-se no quadro turístico por suas águas mornas e por sua riqueza histórica e cultural, com uma multiplicidade étnica e religiosa, estando presente no imaginário nacional e internacional através, principalmente, da literatura de Jorge Amado e Adonias Filho.

Atualmente, a cidade possui um fluxo turístico já consolidado, dividido entre turismo de negócios, rural, cultural e ecológico (ILHÉUS, 2001) e sua atividade turística se justifica pelo grande patrimônio natural e cultural que compõe o cenário da costa em que a cidade está inserida (Figura 23), dividido entre bens tangíveis e intan-

gíveis, que acabam por contar um pouco de sua história e simbolizar sua identidade.



Figura 23: Mapa do Sul da Bahia, Costa do Cacau.

Fonte: <http://www.bahiatursa.ba.gov.br/BT-Sac/infcac.html>.

Dentre os itens que fazem parte do patrimônio cultural material de Ilhéus estão o Teatro Municipal, a Casa de Cultura Jorge Amado, o bar Vesúvio, o Bataclã, a Casa dos Artistas, a estátua de Sapho, o Marco de Fundação, o Museu Regional do Cacau e o Museu de Arte Sacra. Ao redor da cidade há matas, enseadas, outeiros e o mar (ILHÉUS, 2001). Todos estes ele-

mentos são considerados fatores de atratividade turística para a cidade e já fazem parte do roteiro de visitação comumente utilizado pelos turistas, inclusive integrando os recentes roteiros turísticos ilheenses, como o intitulado *Cravo e Canela*, localizado no centro histórico da cidade.

Algumas das manifesta es culturais de Ilhéus que funcionam como atra o turística são as festas populares, tanto as religiosas, quanto as de caráter secular, a exemplo da Festa de Iemanjá e do Carnaval Cultural.

O Carnaval de Ilhéus, festa objeto deste trabalho, pode também ser considerado uma grande motiva o para a atra o de turistas, visto que acontece na data oficial, o que significa que ocorre durante a alta esta o, com uma presença maior de visitantes. Aqui, o carnaval   tomado como uma manifesta o que simboliza as identidades culturais ilheenses, demonstrando, através de seus componentes, os aspectos históricos, sociais e culturais da cidade.

Aproxima es literárias

Assim como os documentos dedicados   história de Ilhéus, também a literatura (que não tem inerente compromisso

com o real) costuma trazer fatos históricos para o imaginário ficcionalizado.

O carnaval, assemelhando-se, nesse aspecto, à literatura, mescla realidade e fantasia, dando visibilidade ao processo histórico da sociedade ilheense. Assim, é pertinente construir um quadro comparativo entre o imaginário literário e a realidade histórica do Carnaval de Ilhéus, já que muito da história ilheense, da sua formação étnica e do desenvolvimento econômico podem ser encontrados também a partir da literatura da Região do Cacau, a exemplo das obras de Jorge Amado e Adonias Filho.

Evidenciando a pertinência de se tomar por objeto de pesquisa a identidade cultural ilheense percebida através do texto literário, é necessário esclarecer uma diferenciação existente entre documento e ficção. O primeiro seria uma espécie de texto produzido especialmente com o compromisso de demonstrar o real. O segundo toma o real, duplicando-o (ISER, 1987), fazendo integrar o imaginário ficcional “como se” fosse.

Para se definir as especificidades e algumas diferenciações e semelhanças existentes entre os textos documental e ficcional, tomam-se os estudos sobre “Documento e Ficção”, de Luís Costa Lima,

os quais informam que “qualquer gesto, qualquer manifestação e, portanto, também qualquer texto envolve uma pluralidade documental” (LIMA, 1986, p. 192). Por outro lado, apesar do caráter verossímil que o texto ficcional possa ter, “enquanto formação discursiva própria, a literatura não objetiva, i.e., não concede foros de verdade àquilo que declara” (idem, p. 193). Com isso, pode-se compreender que, mesmo não objetivando reproduzir a realidade ilheense, Jorge Amado, Adonias Filho e outros escritores da região não deixam de retratá-la, já que muito do que é colocado em suas obras como ficção é, na verdade, uma evidência de traços da realidade do lugar.

A escolha de Jorge Amado e Adonias Filho como principais autores representativos da identidade local através de suas produções literárias se dá por diversos fatores, sendo o principal deles o fato de os escritores estarem entre os mais importantes divulgadores da memória regional. Isso ocorre, principalmente, através da temática do cacau, cultura que, como antes evidenciado, configurou-se enquanto principal elemento da economia da região e que povoava o imaginário local até os dias atuais.

Em *Sul da Bahia: chão de cacau*, um estudo de caráter sociocultural escrito sobre a



Figura 24: Adonias Filho.

Fonte: <http://www.quartahumanidade.hpg.com.br>.

região, Adonias Filho (Figura 24), escritor renomado, tanto no âmbito ficcional como crítico, fala das características da região, em conformidade com o que foi dito por Jorge Amado e que pode também ser identificado nos volumes sobre a história de Ilhéus. O escritor descreve o povo da região como um grupo identitário que possui como uma de suas principais características a presença do cacau. O texto anuncia que a

uniformidade ecológica, flora e fauna e clima, no fundo de uma normal variação de ambientes, não basta para justificar a civilização do cacau. A estrutura social e a organização econômica – sempre resultantes do cacau – a completam como fornecedoras de normas, convivências,

identidades e fins que asseguram regionalmente a integração (ADONIAS FILHO, 1978, p. 17).

Ao ocupar-se da civilização do cacau, Adonias Filho trata também dos componentes sociais e culturais que faziam parte da região mais acentuadamente, como, por exemplo, o coronel e o desbravador.

O autor não deixa de citar em sua obra também o índio, grupo étnico que completa a tríade antes anunciada, formadora da miscigenação da região (que também se evidencia, hoje, no Carnaval ilheense) afirmando que,

ao lado do índio de quem herda muitas vezes o sangue e inúmeras reações psicológicas, em luta permanente contra a selva tropical, esse *desbravador* é o primeiro *tipo social* a mostrar-se no complexo regional. Tipo social que antecede e anuncia, no fundo da família patriarcal, um outro tipo social, o *coronel do cacau* (ADONIAS FILHO, 1978, p. 34).

Como ocorre com a obra adoniana, também a obra de Jorge Amado é tomada enquanto representante da história regional, mesmo porque os próprios autores foram testemunha da formação do povo que habita o lugar e participaram de sua formação. Isso pode ser comprovado ao

observar os diversos estudos sobre a saga do cacau, que nunca deixam de citar tais autores, como o trecho ensaístico sobre a obra amadiana que afirma que

Terras do Sem Fim e São Jorge dos Ilhéus são uma narrativa do desbravamento das matas do sul da Bahia para o plantio do cacau. Uma narrativa de um momento em que a lavoura cacauceira já alcançava reconhecimento de importante riqueza econômica (SOUSA, 2001, p. 32).

Maria de Lourdes Netto Simões, em artigo publicado no jornal *A Tarde Cultural*, destaca Jorge Amado como ficcionista que traduz as características fundamentais e o perfil da região:

as raízes da sua cultura estão, sem dúvida, no próprio cacau. Ele é o centro gerador de toda a dinâmica sócio-cultural da região [...]. O fazendeiro, o trabalhador rural, componentes primeiros do acontecer regional, detêm os seus traços culturais básicos e constituem-se em matrizes do perfil da região. [...] A ficção da região do cacau [...] tem em Jorge Amado o seu mais expressivo representante (SIMÕES, 1992, p. 01).

Muito do cenário ilheense habita a saga do cacau de Jorge Amado, como a presença de turcos, mulheres-damas, jagunços e tropeiros (ILHEUS, 2001). Essa



Figura 25: Capa do livro “São Jorge dos Ilhéus”.

Fonte: <http://www11.estadao.com.br/ext/divirtase/jorgeamado/obra19.htm>.

relação íntima que a história de Ilhéus e a ficção possuem pode ser percebida, por exemplo, em *São Jorge dos Ilhéus* (Figura 25).

Nesse livro, Jorge Amado declara desde o prefácio a semelhança que a obra possui com a realidade ilheense:

Em verdade este romance e o anterior, *Terras do Sem fim*, formam uma única história: a das terras do cacau no sul da Bahia. Nesses dois livros tentei fixar, com imparcialidade e paixão, o drama da economia cacauceira, a conquista da terra pelos coronéis feudais no princípio do século, a passagem das terras para as mãos ávidas dos exportadores nos dias de ontem (AMADO, 1999, p. XI).

As lavouras de cacau, tema ainda recorrente na literatura regional até os dias atuais, aparecem na obra amadiana como principal fonte de renda da comunidade naquela época, como pode ser percebido no trecho do livro *Gabriela, cravo e canela*:

Com os preços do cacau em constante alta, significava ainda maior riqueza, prosperidade, fartura, dinheiro a rodo. Os filhos dos coronéis indo cursar os colégios mais caros das grandes cidades, novas residências para as famílias nas novas ruas recém-abertas, móveis de luxo mandados vir do Rio, pianos de cauda para compor as salas, as lojas sortidas, multiplicando-se, o comércio crescendo, bebida correndo nos cabarés, mulheres desembarcando dos navios, o jogo campeando nos bares e nos hotéis, o progresso enfim, a tão falada civilização (AMADO, 1976, p. 15).

Esse romance amadiano, além de assumir sua função ficcional, evidencia aos seus leitores muitos dos aspectos identitários da cidade de Ilhéus através do comportamento de seus personagens. Embora da ótica ficcionalizada, o livro revela muito do comportamento dos moradores da Ilhéus de anos atrás. Além do crescimento econômico, também relatado em *São Jorge dos Ilhéus*, aspectos socioculturais, como a violência, gerada pela conquista de terras, que tanto se

propagava na cidade, também são lembrados no trecho seguinte:

Assim era em Ilhéus, naqueles idos de 1925, quando floresciam as roças nas terras adubadas com cadáveres e sangue e multiplicavam-se as fortunas, quando o progresso se estabelecia e transformava-se a fisionomia da cidade. [...] Modificava-se a fisionomia da cidade, abriam-se ruas, importavam-se automóveis, construía-se clubes, transformava-se Ilhéus. Mais lentamente porém evoluía os costumes, os hábitos dos homens (AMADO, 1976, p. 09).

Sempre relacionando suas personagens à realidade ilheense, Jorge Amado (Figura 26) contrapõe a importância dos hoje conhecidos (através tanto da literatura quanto das adaptações televisivas) Gabriela e Nacib ao crescimento econômico de Ilhéus, como no parágrafo a seguir:

Ninguém, no entanto, fala desse ano, da safra de 1925 à de 1926, como o ano do amor de Nacib e Gabriela e, mesmo quando se referem às peripécias do romance, não se dão conta de como, mais que qualquer outro acontecimento, foi a história dessa doída paixão o centro de toda a vida da cidade naquele tempo, quando o impetuoso progresso e as novidades da civilização transformavam a fisionomia de Ilhéus (AMADO, 1976, p. 19).

Assim como ocorre nos livros sobre a História de Ilhéus, o *São Jorge dos Ilhéus* trata do crescimento econômico e populacional que na cidade ocorreu, como pode ser percebido nas palavras do autor: “Até no Rio de Janeiro era comentado o rápido progresso da cidade de Ilhéus. Os jornais da capital do Estado tinham arranjado um outro nome para ela: a *Rainha do Sul*” (AMADO, 1999, p. 58).



Figura 26: Jorge Amado.

Fonte: http://www.fundaci.org.br/link_5.htm.

Foto: Jackson Freitas.

Até mesmo quando Ilhéus passou a se tornar uma cidade conhecida fora do Estado da Bahia, isto é, sua potencialidade turística

ca estava começando a ser explorada, Jorge Amado tratou desta temática em sua obra:

Os navios que chegam trazem gente nova, homens e mulheres que vêm em busca do ouro fácil que nasce na árvore do cacau. Porque por todo o Brasil corre a fama da *Rainha do Sul*, fama que está mesclada com as antigas histórias de mortes e tiroteios e com as histórias modernas do cacau sendo a melhor lavoura do país (AMADO, 1999, p. 65).

Uma atividade turística inicial já se configurava na cidade de Ilhéus, como refere a literatura amadiana, que retrata “aqueles anos [quando] Ilhéus começara a ser conhecida, pelo país afora, como a ‘Rainha do Sul’. A cultura do cacau dominava todo o sul do estado da Bahia, não havia lavoura mais lucrativa, as fortunas cresciam, crescia Ilhéus, capital do cacau” (AMADO, 1999, p. 21).

O narrador amadiano utiliza, então, uma espécie de tom profético em relação à necessidade de expansão, que poderia, embora não mencione, consolidar o turismo que ocorreria na cidade, quando afirma que

Ilhéus era uma cidade comercial, falta de diversões, trancada nos negócios de cacau, não era a moradia ideal para uma mulher criada na alta sociedade, acostu-

mada com as capitais.

Demais, era uma cidade bonita, cortada de praças e jardins, bem calçada, bem iluminada, bem servida de água e esgoto (AMADO, 1999, p. 15).

Em muitos momentos, o texto explica sobre alguns locais ainda hoje importantes para o turismo de Ilhéus, através da narração do cotidiano das pessoas e dos personagens habitantes da cidade. Atualmente, o turista que visita Ilhéus tem a oportunidade de se divertir justamente nos ambientes descritos por Jorge Amado:

Olhavam o movimento do Café Ponto Chic que regurgitava de gente. Era a hora do aperitivo que precedia o almoço, hábito que desde há muitos anos, quando haviam ensinado para iniciar a construção da estrada de ferro, os ingleses haviam ensinado aos grapiúnas. [...] Do outro lado da rua, chegava o barulho que faziam, no Café Ilhéus, os empregados no comércio (AMADO, 1999, p. 27).

A História do Carnaval ilheense passa também pela literatura amadiana e vice-versa. Uma das evidências para tal afirmativa é que “Jorge Amado escreveu seu primeiro romance, *O País do Carnaval* (Figura 27), em Ilhéus, exatamente no imóvel que hoje abriga a Casa de Cultura Jorge Amado” (A TARDE, 2001).

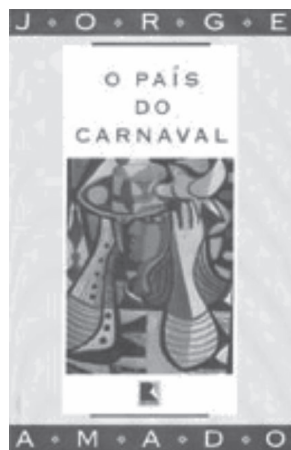


Figura 27: Capa da obra “O país do Carnaval”, de Jorge Amado.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

A obra amadiana costuma também se referir ao carnaval, como pode ser encontrado em alguns trechos. No exemplo seguinte, o texto de Jorge Amado fala da morte de um de seus personagens, o doutor Rui, dizendo que “morrera bêbado no meio da rua, num dia de carnaval, fazendo discurso para um grupo de mascarados” (AMADO, 2001, p. 62).

Muito destacadas na história dos carnavais ilheenses, as festas de clube, com os bailes à fantasia, também são lembradas no romance amadiano. O narrador aproveita para fazer uma crítica social, enfatizando a participação apenas de pessoas de maior poder aquisitivo naquelas festas,

os bailes mais chiques eram realizados no Clube Social de Ilhéus, clube fechado, onde só podiam entrar os homens ricos da terra. Era um edifício moderno e lindo, no fim da praia, cercado de coqueiros, com canchas de tênis, com uma excelente pista de baile. Segundo as máis-línguas, aí os coronéis realizavam bacanais nas noites em que não havia festa (AMADO, 2001, p. 64).

Outro momento em que o autor se utiliza das festas carnavalescas para ilustrar os costumes ilheenses encontra-se na obra *Gabriela, cravo e canela* (Figura 28), em que Jorge Amado tratou de uma espécie de proto-carnaval, citando justamente o grupo de terno de reis, comum no carnaval antigo:

Daqui a pouquinho o terno de reis, com as pastoras alegres, o estandarte bordado, estaria nas ruas. Parando diante das casas, dos bares, cantando, dançando, pedindo licença para entrar. As portas se abriam, nas salas dançavam e cantavam, bebiam licor, comiam doces. [...] Gabriela dançou com Nacib, com Tônico, com Ari, com o Capitão (AMADO, 1976, p. 298).

Percebe-se, então, que a Literatura da Região do Cacau, em diversos momentos, refere-se ao carnaval. Em perspectiva inversa, Gabriela, Nacib, o próprio Jorge

Amado e vários outros elementos que possuem alguma relação com a literatura que trata da região também são evidenciados durante as comemorações carnavalescas, enfatizando ainda mais a comparação proposta.



Figura 28: Capa do livro “Gabriela, Cravo e Canela”.

Fonte: <http://www11.estadao.com.br/ext/divirtase/jorgeamado/obra10.htm>.

Os diversos elementos relacionados à literatura da região do cacau, que, inclusive, tornam-se aparentes durante as comemorações carnavalescas, também possuem uma estreita relação com a atividade turística ilheense, visto que, tanto a festividade, como outros aspectos da cultura e da composição natural ilheense formam um

conjunto de atrativos turísticos amplamente reconhecidos. Esse comportamento, em que o turista (a partir da leitura de alguma obra ficcional) acaba por se sentir atraído por algum lugar ou alguma manifestação cultural, permite que se observe o turismo a partir da proposição teórica leitor-turista/turista-leitor, abordada por Simões (2002). O conteúdo do conjunto de obras escritas por Jorge Amado e Adonias Filho - que evidenciam amplamente as terras do cacau e acabam por influenciar na preferência e no conhecimento do visitante - podem ser considerados importantes exemplos de que essa categoria de turistas é uma realidade e está em pleno desenvolvimento.

TRANSFORMAÇÕES DO CARNAVAL ILHEENSE

A origem da festa do carnaval ilheense remonta há muitos anos quando deixou de possuir as características do Entrudo e a festa passou a ser conhecida efetivamente como carnaval (Figura 29). Esse carnaval transformou-se, sofreu evoluções e foi reconfigurado, o que é comum que ocorra constantemente com toda manifestação humana. A maioria dos acontecimentos

que fazem parte da história de Ilhéus também está inserida nas características de seu carnaval, que acompanha as transformações da cidade e as manifesta através de seus elementos integradores, suas fantasias, sua decoração e seus blocos.



Figura 29: Antigos carnavais realizados nos clubes, em Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Como aconteceu em outros momentos da história do carnaval no Brasil, em Ilhéus, a manifestação mais propriamente da comunidade negra, conhecida como Entrudo, assim como outras manifestações desse grupo étnico, sofreu repressão, o que fez com que praticamente se extinguisse, originando, assim, o carnaval.

As atitudes intolerantes e repressivas das elites frente à participação dos negros

no carnaval dirigiam-se particularmente contra os batuques, grupos de mascarados e afoxés, formados na sua totalidade pela população pobre, que pelas suas vinculações explícitas com as tradições africanas, o candomblé em especial, apresentavam um caráter ‘primitivo’ e de ‘barbárie’, algo como uma ‘resistência’ à ‘sociedade civilizada’ (MIGUEZ, *apud* BASTOS FILHO, 1999).

No livro *São Jorge dos Ilhéus: da capitania ao fim do século XX*, José Carlos Vinhães fala sobre a origem do Carnaval de Ilhéus, afirmando que,

em 1889, foi comemorado o primeiro Carnaval na cidade [quando] desaparecia, nessa época, o *entrudo*, divertimento (*sic*) que consistia em lançar uns nos outros água, farinha, tinta etc. Em 1890, teve lugar um carnaval que foi considerado o mais brilhante, em comparação com outros realizados posteriormente (VINHÃES, 2001, p. 308).

Descrevendo como era o Carnaval de Ilhéus antigamente (Figura 30), Raymond Sá Barreto fala das suas lembranças do carnaval no passado.

Figura de notável importância para a constituição da memória de Ilhéus, inclusive obtendo o título de coronel, esse cronista possui diversos relatos que contam a história ilheense através de suas

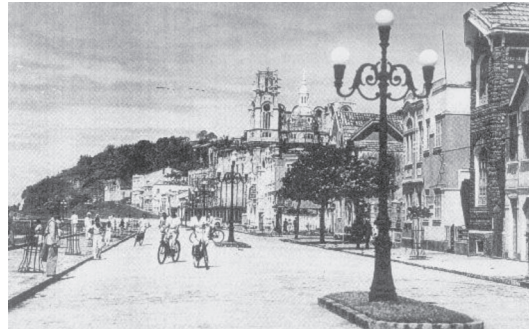


Figura 30: Antiga Avenida Mário Pessoa, hoje Soares Lopes, local de comemoração do carnaval.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

vivências, como a descrição que faz dos antigos carnavais:

As “Cachoeirinhas” era o nome do bloco de Carnaval [...]. Os ensaios começavam com antecedência e eram muito concorridos, marcaram época. Depois do Carnaval as “Cachoeirinhas” visitavam cidades vizinhas por ocasião da micareta.

As festas patrocinadas pela “Lanterna Chinesa”, terno-de-reis que saiu durante alguns anos, [...] eram realizadas no prédio Misael Tavares (hoje Ilhéus Hotel).

“Urubu resolvido” era um terno-de-reis organizado pela turma da “Sardinha em Lata” (BARRETO, 1982, p. 94).

Observando relatos sobre a evolução do Carnaval ilheense, pode-se destacar como uma de suas características princi-

país, nas primeiras décadas do século XX, a utilização de máscaras e fantasias.

Nos anos 20 e 30, o carnaval, em Ilhéus, também se fazia nas ruas, com os fantasiados mascarados (os caretas), que percorriam as ruas e as casas, anônimos (ou, às vezes, assim pensavam que estavam), fazendo piadas e contando histórias [...], homens travestidos (vestidos de mulher e procurando falar como se mulheres fossem), desfilavam com alegorias, roupas audaciosas para a época, porém muito originais, como as usadas por Mário Ramos de Lima (que vinha de Macuco, hoje Buerarema) (VINHÁES, 2001, p. 310).

Já na década de 50 surgiu na cidade a presença dos Blocos de origem africana, grupos que até hoje fazem parte do Carnaval de Ilhéus, representando a parcela negra da cultura ilheense.

Em 1950, Pedro Farias (Pai Pedro) criou o seu Afoxé filhos da África, representando a vida dos africanos e seus descendentes, enfatizando o cativo e a cultura afro-brasileira [...]. Assim o fez até 1970, desfilando pelas ruas com reis, rainhas, príncipes, damas da corte do Congo, Daomé, ao lado de baianas com bonecas, representando as mães de santo (a parte fetichista do candomblé), marinheiros que lembravam as viagens nos negreiros, caboclos representativos da liberdade dos escravos (VINHÁES, 2001, p. 312).

Ainda na década de 50, outro tipo de manifestação popular, o grupo das escolas de samba - que utiliza um ritmo também de origem africana - passou a se destacar durante as festividades carnavalescas que, “no fim dos anos 50, acontecia durante o dia. Era no Domingo de carnaval a partir das oito horas da manhã que tinha início o desfile das escolas” (SILVA, 2001, p. 10). As escolas de samba, que possuem ampla participação no carnaval carioca, surgiram em Ilhéus em uma época posterior ao surgimento dos grupos afro e do carnaval de ascendência italiana.

Depois do trio elétrico

O trio elétrico marcou uma nova época no Carnaval de Ilhéus, já que viria a ser um dos fatores de grande importância para a caracterização dos carnavais ilheenses (passou a fazer parte da festa no início da década de 60). A presença desse aparato tecnológico pode ser considerada como o marco do início do processo de modernização do Carnaval “por ter sido a fase na qual a festa começa a ser patrocinada pela prefeitura, dando início ao carnaval de Trio Elétrico na cidade” (SILVA, 2001, p. 06).

Com a presença cada vez mais intensa de Trios Elétricos durante o Carnaval, a imprensa passou a valorizá-lo como principal atrativo da festa, atribuindo também essa interpretação à população, já que “compreendia-se que os foliões permanecessem nas ruas centrais da cidade até alta madrugada, sem que arrefecesse a animação” (DIÁRIO DA TARDE, 1960, p. 11).

Naqueles carnavais da década de 60, outras influências externas fizeram parte da formatação da festa, visto que, em 1960, “a decoração foi toda em estilo japonês, os enfeites vieram do Rio de Janeiro, consistindo em fitas, bolas coloridas, serpentinas plásticas, lâmpadas multicolores e figuras características que emprestaram ao centro da cidade um colorido festivo” (SILVA, 2001, p. 11).

A década de 60 foi também marcada pela valorização das comunidades de origem pobre e negra, com o crescimento e a popularização da festa carnavalesca, e com a identificação do samba como ritmo que simbolizava a identidade nacional. Surgiram, então, várias escolas de samba em Ilhéus.

Nos anos 60, fizeram época as batucadas de *Augustinho* (Augusto Fidelis), com a sua *Primeiro Eu*, [...] depois transformada na escola de samba *Azul e Branco*. [...] Vieram as outras escolas de samba, como a *Verde e Rosa* do Malhado, [...] e que depois se transformou na *Ver-*

de e Branco, a *Vermelho e Branco*, do oiteiro de São Sebastião, a *Amarelo e Branco* da Conquista, a *Amarelo e Azul* da avenida Itabuna e a *Escola de Samba do Pontal* (VINHÁES, 2001, p. 313).

Sobre a presença das escolas de samba no Carnaval de Ilhéus, Lindaura Kruschewsky, coordenadora da Fundação Casa de Jorge Amado, relata episódios de uma história relativamente recente da cidade, mas que possui características já consideradas como pertencentes ao passado:

As pessoas da sociedade e populares saíam do trevo de São Sebastião, e era considerada a melhor escola. A Escola do Malhado era formada por pessoas antigas do bairro e eles saíam todos vestidos de verde e branco. A “São Sebastião” começava a desfilar na avenida, às vezes, a uma ou duas horas da madrugada, mas o povo todo de Ilhéus esperava a passagem (KRUSCHEWSKY, 2001).

Apesar do crescimento das escolas de samba, a partir dos meados da década de 60, o Carnaval de Ilhéus começa a refletir a crise econômica que atingiu a região cacauceira. Neste momento, “um grupo sisudo, com trajes adequados, fez o enterro do carnaval, conduzindo um caixão e uma placa com os seguintes dizeres: aqui jaz o carnaval de Ilhéus de 1965” (SILVA, 2001, p. 19).

Depois da chegada e da expansão da lavoura cacaueteira, com a riqueza que passou a fazer parte do cotidiano dos ilheenses que cultivavam o cacau, as crises constantes e as pragas que assolavam as plantações fizeram com que a cacauicultura passasse a não mais satisfazer aos anseios econômicos daquela sociedade.

Isso fez com que a cidade buscasse uma forma alternativa de geração de renda, passando a ser explorado o turismo, que se incorporou à festa carnavalesca e acabou por se tornar também parte da identidade ilheense.

Como mostrou a temática do carnaval de 1972, “O Turismo da Rota do Cacau”, essa nova atividade econômica passou a ser incorporada às características da identidade de Ilhéus. O turismo, na verdade, surgiu como uma saída para a crise econômica atribuída ao declínio do cacau, como mostra um dos jornais da região, em que se lê que “cerca de dez mil turistas já invadiram a cidade, lotando os hotéis e casas de veranistas em Ilhéus [...] voltando Ilhéus à sua condição de terceiro carnaval do Brasil” (DIÁRIO DA TARDE, 1972).

Ainda no ano de 1972, a cidade de Ilhéus começa a demonstrar ou até mesmo a construir (lembrando as discussões sobre a tradição inventada, através do carnaval) uma nova faceta de sua identidade local, já

que a temática da decoração não mais era valorizada por ser de características estrangeiras e sim por enfatizar as características locais. Nesse ano,

toda a ornamentação da cidade foi inspirada no tema ‘Turismo na Rota do Cacau’ [...] onde o povo em massa se comprimia para ver os cordões, os blocos, as escolas de samba e batucadas desfilarem dentro do ritmo louco das músicas carnavalescas (DIÁRIO DA TARDE, 1972, p. 01).

Na década de 70, Ilhéus já se beneficiava com os lucros advindos do turismo durante os meses de férias, visto que, a partir de uma pesquisa realizada pela Embatur sobre, por exemplo, turistas argentinos no Brasil, percebeu-se que “o mês preferido pela grande maioria, porque coincide com as festas de Carnaval, é fevereiro” (DIÁRIO DA TARDE, 1972, p. 01).

Naquela década já é apresentada uma mescla entre o antigo e o moderno, com a simultânea existência de bailes carnavalescos em clubes e festa de rua com presença de Trios Elétricos, como pode ser percebido através do jornal local,

o ilheense por natureza e tradição gosta de carnaval. [...] Uma multidão aglomerava-se na Praça Luiz Viana sambando sob os acordes dos trios elétricos con-

tratados pelo governo municipal para maior animação. [...] Por outro lado, as festas dos clubes estiveram para valer mesmo [...] intercalando as matinês dançantes e marcaram êxito absoluto (DIÁRIO DA TARDE, 1972, p. 02).

Os carnavais das décadas de 80 e seguintes incorporaram às suas caracterizações grupos (Figura 31), fantasias e participantes novos, diferenciados, por vezes reconfigurados, que iam sendo inseridos na festividade concomitante à sua transformação. É nesses carnavais, mais contemporâneos, que surgem os Blocos Afro, a presença do índio, e o escritor Jorge Amado, ícone da cultura local, tomado como elemento da decoração e de fantasias.



Figura 31: Fantasiados no Carnaval de Ilhéus, em 1985.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

A presença dos fundadores do trio elétrico na Bahia (Dodô e Osmar) e de pessoas fantasiadas (Figura 32) ficou marcada em Ilhéus também como um dos destaques dos carnavais da década de 80.

Em 1984, o trio elétrico montado pela Prefeitura de Ilhéus percorreu as ruas com a banda de Dodô e Osmar, animando os dias carnavalescos [...] Não faltaram os banhos a fantasia que, aliás, no passado, eram um dos pontos mais altos dos folguedos, inclusive no pré-carnaval (gritos de carnaval) (VINHÃES, 2001).

No final dos anos 80, Ilhéus já vivia um carnaval parecido com o atual, no que se refere aos grupos participantes (Figura 33), à integração do trio elétrico e à participação dos Blocos Afro.



Figura 32: Fantasiados de Pierrôs, Ilhéus, 1985.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson.



Figura 33: Caretas ou mascarados, Ilhéus, 1985.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Os Blocos Afro já estavam incorporados à festa, e a reafirmação de uma identidade local aparecia no tema e nos grupos fantasiados das festas, como o trecho de jornal escrito em 1989:

‘Ilhéus: 30 anos de Gabriela’ [tema do Carnaval em que] está programado o desfile de ‘blocos de sujos’, com cerca de 10 figurantes. [...] Domingo começa o desfile oficial dos blocos Afros ‘Dilazenze’, ‘Zimbabwe’ e Legue De-Pã’, Ment-Korgon’, Axé-Odara’ e ‘Rastafari’. [Há também os] blocos de bateria, com o desfile de ‘Arrastão’, ‘Abóboras Selvagens’, ‘56, Pierrot e Colombina’, ‘Sonecas’, ‘Adepp’ e ‘A Zorra’. [Além das] escolas de samba [...] Mocidade Independente de Castelo Novo, seguida da União do Malhado, Associação Recreativa Escola de Samba do Malhado, Unidos de São Sebastião e Imperado-

res do Samba (DIÁRIO DA TARDE, 1989, p. 01).

Em contraponto com o que ocorria nas primeiras manifestações carnavalescas ilheenses, a cultura negra passa, nesse momento, a ser valorizada, ocorrendo uma transformação de papéis. Com a tendência do Turismo Cultural e a própria atitude de reafirmação identitária que a comunidade negra passou a assumir, esse grupo cultural deixou de ser considerado “caso de polícia” para tornar-se atração turística, no momento em que as manifestações populares passaram a ser exploradas pelo turismo.

Além dos grupos afro, havia também os Blocos dos Sujos, ainda existentes nos carnavais atuais, que possuíam como característica principal a negação à censura, buscando a liberdade de expressão, especialmente em relação aos governantes. “A irreverência dos ‘Blocos de Sujos’ também foi uma constante na Avenida, com seus componentes portando cartazes em que faziam crítica achincalhando sobretudo os políticos” (DIÁRIO DA TARDE, 1989, p. 01). É salutar lembrar que a crítica social através da irreverência de grupos carnavalescos é uma constante na história do carnaval no Brasil, o que faz com que Ilhéus

possa ser reafirmada como exemplo local de uma identidade nacional.

Uma das peculiaridades do Carnaval de Ilhéus, nos anos 90, se dá pelo fato de o mesmo ter sido dividido em dois momentos distintos, com o objetivo de caracterizar os “carnavais” de formas diferentes: um carnaval antecipado, denominado “Ilhéus Folia” e outro, na data oficial, denominado “Carnaval Cultural”.

A partir de 1995, a Prefeitura criou o Ilhéus Folia, carnaval antecipado, o qual acontece 20 dias antes do oficial. A opção pelo carnaval fora de época está atrelada à possibilidade de se conseguir atrair um maior número de visitantes e também de bandas de trio famosas de Salvador, visto que no período momesco as mesmas são muito disputadas (SEBRAE, 2003).



Figura 34: Trio elétrico e bloco no Ilhéus Folia.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

O Ilhéus Folia (Figura 34), com um público de massa, possui tanto a música das bandas locais quanto as de outras localidades, e quase todos os presentes, incluindo os visitantes, participam ativamente dançando e desfilando, ao acompanhar os trios elétricos.

A presença das diversas etnias pode ser percebida no Carnaval de Ilhéus, principalmente na utilização de fantasias. No caso da comunidade indígena, blocos fantasiados de índios também podem ser encontrados no Carnaval de Ilhéus atual, principalmente a partir de 1999, quando se evidenciaram as discussões sobre brasilidade, com os 500 anos do Brasil. Como a história da colonização do país passou pela dominação da terra e pelas lutas contra os índios que habitavam o Brasil naquela época, esses grupos demonstram uma parcela da história de Ilhéus, em que os índios, apesar dos anos de guerra e da atual situação em que se encontram, são parte fundamental da identidade ilheense. Não se pode esquecer, porém, que a própria participação desse grupo étnico, a exemplo também dos negros, como parte da identidade cultural da cidade, pode se constituir como uma valorização criada em virtude de atender aos anseios próprios das classes dominantes, já que os grupos podem ser aproveitados, em

virtude do crescimento do interesse pelo Turismo Cultural, pelas culturas tidas como exóticas. Tal comportamento pode, então, ser interpretado não como uma valorização do contato entre os diferentes povos, mas como uma estratégia econômica.

No Carnaval de Ilhéus, um fator que merece destaque é a concepção de cultura que parece adotar a significação como representante da tradição e preservação da memória, já que o Ilhéus Folia caracteriza-se como dotado de uma cultura no sentido mais amplo, envolvendo tudo aquilo que faz parte do cotidiano dos ilheenses.

No “Carnaval Cultural”, o trio elétrico cede seu espaço para a genuína expressão popular, incentivando a criatividade e revalorizando a participação dos blocos afros, um dos principais destaques da festa, com a força da música do povo africano, profundamente marcados na cultura baiana (ILHÉUS, 2001).

O fato de os organizadores preferirem caracterizar o carnaval como “cultural” denota também uma necessidade de rememoração do passado áureo por que passou a região cacauieira, em que o dinheiro era farto e as festas traduziam um investimento monetário bastante significativo através da ornamentação e das fantasias. No carnaval, tais características da

identidade ilheense também acabam por se mostrar, através do crescimento ocorrido com a festa e da crise cacauieira que também afetou as especificidades da mesma.

Ao expressar-se sobre a origem do “Carnaval Cultural de Ilhéus”, bem como os pressupostos de sua criação, o Presidente da Casa de Cultura Jorge Amado, em 2001, Hélio Pólvora, em entrevista, explica a diferença conceitual existente entre os dois carnavais:

Nós entendemos que todo carnaval é cultural, tanto faz o carnaval antecipado, chamado Ilhéus Folia, quanto o outro que se realiza em fevereiro, na época oficial do carnaval. Ambos são naturais, porque o carnaval inclui todos os elementos de participação popular. É uma festa folclórica, é uma festa que depende da animação do povo, que inclui fantasias, inclui dança, inclui várias manifestações artísticas (PÓLVORA, 2001).

No entanto, a filosofia do resgate das tradições não se configura como o único motivo da criação do “Carnaval Cultural”, como comenta, também em entrevista, Maurício Pinheiro, Gerente de Espaços da Prefeitura Municipal de Ilhéus:

Uma questão está associada ao objetivo da constituição do ‘Carnaval Cultural’, que é o custo mercadológico de se fazer uma festa como essa, no período oficial

da festa. Na época do Carnaval Oficial, os trios elétricos, os preços triplicam (PINHEIRO, 2001).

Assim, o planejamento econômico do município teria um considerável motivo para incentivar a manutenção do “Carnaval Cultural”. Essa festa realizou-se economicamente de forma mais barata, até mesmo pelo fato de privilegiar artistas locais que, presume-se, recebiam cachês bem mais acessíveis e, pelas próprias características do carnaval antigo, anulam a necessidade do dispendioso trio-elétrico.

A evolução do “Carnaval Cultural” se dá principalmente pela inserção de novos participantes em blocos e pelo crescimento do público externo, já que, “desde a sua criação, em 1997, vem crescendo anualmente, com o surgimento de novos blocos e o fortalecimento de blocos afro” (DIÁRIO DO SUL, 2001).

Desse modo, vale ressaltar que existe uma importante reconfiguração cultural identificada no Carnaval de Ilhéus. A massificação presente no Ilhéus Folia é uma evidência histórica das transformações pelas quais a cultura passa. No entanto, o resgate ou a reconfiguração destas manifestações culturais são importantes recursos de valorização e conservação das tradições e da

memória popular, já que permitem “veicular liberdade e igualdade, possibilitando aos indivíduos congregarem-se sem constrangimento” (GUIMARÃES, 1995, p. 118).

É possível constatar a metamorfose do carnaval que se constitui, principalmente, a exemplo do Ilhéus Folia, no desaparecimento da apresentação e participação de grupos folclóricos na festa, dando lugar ao trio elétrico e às bandas de axé music, num espaço em que poderiam conviver todas as tendências carnavalescas, desde as mais tradicionais, até os elementos mais modernos, como confirma o diretor da Ilhéus-Tur, em entrevista:

Para entender a idéia do Carnaval Cultural é preciso recuar no tempo. Antigamente, você tinha um carnaval de Ilhéus muito rico, você não precisava nem reafirmar que era cultural [...]. Uma coisa interessante é que tinha uma mistura de Salvador com Rio de Janeiro, até por conta dessas escolas de samba (MARCQUES, 2002).

Também seguindo o pressuposto de que, no contexto da cidade de Ilhéus, a existência do “Carnaval Cultural” teria como principais objetivos a preservação da memória e o resgate das tradições do lugar, um dos representantes da população local entrevistados, enquanto folião, opina, saudosista, sobre as mudanças ocorridas

no decorrer dos anos em que participou da festa:

Essa mudança, na minha opinião, vem de 15, 20 anos, com o advento dos trios elétricos, mais recursos, os artistas em bandas. Antigamente o trio era uma corneta, uma percussão, a caixa de som, e guitarra baiana ou cavaquinho. Com essa modernização dos trios, o povo desvalorizou o carnaval de rua (NAZAL, 2002).

Uma das evidências das transformações e da extinção de características dos Carnavais é que, nos últimos anos, o Carnaval de Ilhéus deixou de conter a participação de escolas de samba, que foram desaparecendo aos poucos, a maioria por problemas econômicos, fazendo com que a comemoração carnavalesca ilheense, num movimento de involução, mudasse suas configurações mais uma vez.

O atual carnaval

A partir do ano de 2002, os organizadores do Carnaval de Ilhéus modificaram a formatação da festa, fazendo com que as características dos dois carnavais se unissem no período oficial. Assim, o carnaval atualmente possui tanto os trios elétricos (Figura 35), quanto os afoxés e os blocos afro, num só momento e lu-

gar. Em 2003, também, os órgãos gestores do turismo de Ilhéus responsáveis pela formatação e execução do carnaval continuaram a mesclar as características do extinto Ilhéus Folia, através, princi-



Figura 35: Banda Mambolada em trio elétrico, Ilhéus, 2003.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Nazal.

palmente, da presença de trios elétricos, com as do Carnaval Cultural.

O Carnaval de Ilhéus apresenta uma formatação que une características que poderiam ser consideradas contraditórias, pois une o contemporâneo ao antigo. No entanto, esse comportamento justifica, na verdade, a multiplicidade que é associada ao carnaval, sendo coerente com o hibridismo e o pluralismo que é intrínseco à festa. Em contrapartida, os criadores e organizadores do “Carnaval Cultural” (que ainda hoje possui essa

denominação) reconhecem que todo carnaval é dotado de uma cultura própria, entendendo que esta é intransitiva e percorre todos os tempos.

O aspecto cultural do carnaval pode ser analisado não só sob o foco do prazer e da diversão, mas também como um ritual que retoma as manifestações culturais não mais cultivadas no cotidiano das pessoas. Da Matta (1997, p. 29) afirma que “Os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover a identidade social e construir seu caráter”. O carnaval é considerado “um momento especial: fora do tempo e do espaço, marcado pelas ações invertidas, personagens, gestos e roupas características” (ibidem). De fato, a festa é tida como um grande acontecimento, esperado ano a ano por aqueles que



Figura 36: Bloco Tarados na Avenida, descontração e irreverência, Ilhéus, 2003.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: ASCOM.

dele participam, constituindo-se um espaço de descontração (Figura 36) e exposição de suas manifestações culturais.

A formatação do Carnaval de Ilhéus possui diversas interpretações elaboradas pelas pessoas que deles participam, sejam eles visitantes ou da comunidade local. Para uma considerável parcela da população ilheense e para os turistas, o “Carnaval Cultural de Ilhéus” funciona como um instrumento de resgate das tradições carnavalescas, através do desfile de bandas tocando marchinhas, blocos afro, e o retor-



Figura 37: Blocos com foliões fantasiados e decoração do Carnaval de Ilhéus, 2002.

Fonte: SETUR, Ilhéus.

no das fantasias (Figura 37), simbolizando, assim, o carnaval tradicional. As representações simbólicas que são propagadas e perpetuadas pelos diversos grupos identitários que fazem parte desta festividade funcionam como impulsionadores de uma

reafirmação identitária ilheense.

Algumas pessoas costumam anunciar, através de comentários e entrevistas, a preferência por um carnaval que apresentasse um grande número de pessoas participando, com a presença dos trios elétricos e das grandes bandas de axé, consideradas indispensáveis. Para outros, no entanto, a idéia que o título “Cultural” denotava ao carnaval ilheense corresponde à realidade encontrada no mesmo. Assim, a interpretação relacionada ao carnaval atende às expectativas dos visitantes, como pode ser percebido na entrevista seguinte, concedida por Joana Maria Santa Fé:

São crianças, velhos, adultos, jovens, é o povo em geral que participa do carnaval, [...] os blocos que dançavam na Avenida Soares Lopes, [...] bandinhas, aquelas bandas de antigamente, com saxofone, esses instrumentos antigos. Os blocos eram palhaços, pierrôs, colombinas, senhoras de idade vestidas de fantasia, os jovens, as crianças (SANTA FÉ, 2001).

Tal depoimento leva a pensar na organização da festa carnavalesca ilheense de forma que atenda a um público diversificado, com gostos heterogêneos, fazendo com que se possa ter contato com as diversas manifestações culturais, caracterizadas como tradicionais ou modernas, numa

mesma festa. Assim, as estratégias de sustentabilidade precisam ser planejadas adequadamente para a organização do Carnaval de Ilhéus, levando em conta o respeito a essa multiplicidade identitária que caracteriza a população participante.

Uma outra característica peculiar do “Carnaval Cultural de Ilhéus” é a utilização de instrumentos musicais pelos próprios participantes dos blocos afro, afoxés e bandas de marchinha. A música, neste caso, não é transmitida através de sistemas de projeção mecânica, mas sim produzida pela comunidade que desfila durante a festa. Desse modo, atos como carregar o instrumento musical, produzir o batoque, fazer parte do ritmo que envolve o enredo, a convivência com a música, enfim, passam a se constituir como símbolos importantes para estas pessoas, trazendo para si uma carga de valorização simbólica diferente daquela proporcionada para os que apenas ouvem.

Ao observar a decoração (Figura 38) e os temas escolhidos para as festas de Carnaval de Ilhéus, pode-se também constatar referências a diversos elementos da identidade ilheense. Um exemplo é que, no auge da lavoura cacauieira como fonte principal de renda da região, o tema do Carnaval demonstrou tal fator econô-

mico, denominando-se “A folia na Terra do Cacau.” Nos anos setenta, quando o turismo começou a ser utilizado como fonte de renda para a região, um dos temas foi “O turismo na rota do Cacau”. Em outra situação, durante a fase da vida de Jorge Amado em que o autor recebeu mais homenagens, no início deste século, o tema do Carnaval passou a ser “Viva o Carnaval Amado”. Dessa forma, uma rápida pesquisa sobre os temas de decoração dos carnavais ilheenses pode funcio-



Figura 38: Fantasiados de múmias e decoração do carnaval 2003.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson.

nar como fonte de esclarecimento sobre o percurso histórico do lugar.

Enfim, traços identitários da sociedade ilheense são mostrados a partir da observação de sua história, literatura e festa carnavalesca. Vê-se, nos três âmbitos, a presença dos coronéis do cacau, a riqueza trazida pela lavoura cacauceira, a inserção do turismo como nova alternativa à economia, a mescla de diferentes etnias e culturas, além dos personagens amadianos que se inseriram no contexto da cidade, como Nacib e Gabriela. Todos esses elementos, ainda nos dias atuais, são encontrados durante as festas de carnaval, muitas vezes reconfigurados através de novas vestimentas e novas fantasias. Assim, a reafirmação identitária que o carnaval proporciona a Ilhéus continua existindo, permitindo que se possa analisar a identidade cultural ilheense a partir da observação da festa momesca.

Vale salientar que, atualmente, um dos principais destaques do carnaval ilheense, assim como em outras partes do Brasil, é a presença da cultura negra (Figura 39), o que pode ser constatado através da imprensa e dos depoimentos de participantes e visitantes, sempre se referindo a este grupo cultural. Além das implicações sócio-culturais que a presença afro-descendente



Figura 39: Capoeira no carnaval, manifestação da cultura negra.

Fonte: www.ilheusfolia.com.br.

Foto: Ed Ferreira.

representa para a festa, o grupo se destaca como um dos principais elementos integradores do carnaval da cidade.

As manifestações rítmicas mais propriamente africanas, como o Afoxé, “bloco carnavalesco formado por membros vinculados aos terreiros de candomblé que organizam brincadeiras usando danças, ritmos e linguagem nagô” (PAIM, 1999, p. 135) possuem, durante as festividades do Carnaval de Ilhéus, um espaço próprio, de destaque, o que funciona como forma de conservação de suas raízes, em lugar da tecnologia e modernização que envolvem o carnaval na atualidade. No carnaval, além de outras manifestações culturais, há a presença de bandas de axé *music* (Figura 40)

nos palcos e trios elétricos do circuito da festa. Como estas manifestações rítmicas estão em popularização crescente, torna-se importante a atenção dos órgãos gestores no que se refere à implantação de um planejamento sustentável cultural para a festa, visto que não deve haver uma substituição



Figura 40: Beto Jamaica em trio no carnaval de Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Nazal.

de atrativos para o carnaval, que é uma festa que permite a convivência de múltiplas manifestações culturais.

Como foi dito, no Carnaval de Ilhéus há a presença de manifestações culturais de origens diversas. No entanto, assim como em diversas outras manifestações culturais brasileiras, a identidade negra assume um importante papel, tomando lugar de desta-

que na festividade. Reafirmam as assertivas os depoimentos dos turistas, organizadores e participantes locais e da imprensa, que sempre se referem aos Blocos Afro ao comentarem sobre o carnaval ilheense. Por esse motivo, a elaboração de sugestões de sustentabilidade cultural para o Carnaval de Ilhéus deve levar em consideração a grande influência que a cultura negra tem sobre a festa, bem como o que o seu contato com as culturas externas pode causar.

A caracterização dos Blocos Afro, valorizada justamente por pertencer a um grupo com raízes vinculadas a povos classificados como exóticos, possuía, anteriormente, definições muitas vezes preconceituosas, mas que mudaram de significado.

Os termos ‘tribo’ e ‘tribalismo’ são fortemente criticados pelas visões estereotipadas e pejorativas que acarretam para os africanos, e numerosos antropólogos propõem que se os rejeite em prol dos termos etnia e etnicidade, aplicados indiferentemente a todas as sociedades (POUTIGNAT, 1996, p. 31).

O motivo que ocasionou essa mudança de interpretação pode ser atribuído, por um lado, à minimização da intolerância da sociedade frente às manifestações identitárias ditas da “minoría”, ou, por outro lado, em virtude de o preconceito estar disfar-

çado nos objetivos da lei de mercado, no caso da atividade turística.

Os blocos afro são grupos que induzem a uma análise sobre como o carnaval retoma as questões étnicas e as tradições dessa festa popular. Por exemplo, deve-se questionar o modo como o “Carnaval Cultural” foi concebido e a concepção de cultura de seus organizadores relacionada às etnias. Se esse carnaval tivesse enquanto único pressuposto o resgate às tradições de Ilhéus, os blocos afro não fariam parte do mesmo, já que, historicamente, o carnaval antigo de Ilhéus continha apenas bandinhas de marcha e blocos de fantasias; os blocos afro foram incorporados com o passar do tempo. No entanto, entendendo-se que o atual Carnaval de Ilhéus pretende tanto a retomada dos antigos carnavais, como o respeito às identidades que fazem parte da atual comunidade ilheense, os blocos possuem importante significação para o lazer desses grupos durante a festa, além da valorização e do respeito à identidade cultural.

A valorização da cultura negra no Carnaval de Ilhéus através dos Blocos Afro pode ser percebida também numa matéria de jornal intitulada “Turistas elogiam o Carnaval Cultural no Planeta Amado”, em que pode ser encontrado o seguinte co-

mentário: “O Carnaval Cultural de Ilhéus é marca que deve ser difundida por todo o Brasil com a finalidade de mostrar a diversidade e a força da cultura negra do Sul da Bahia” (FOLHA DA PRAIA, 2002, p. 3).

A imprensa escrita da região sempre enfatiza a presença marcante destes blocos, afirmando que “os blocos afro Mini Congo, Rastafari, Dilazenze, Raízes Negras, Levada da Capoeira e Guerreiros de Zulu, dentre outros tradicionais de Ilhéus, com seu som tribal e a força de sua dança, mostraram a tradição e a riqueza que caracterizam a cultura negra” (A TARDE, 2001). A tradição dos blocos afro passa a ser associada à tradição dos carnavais de Ilhéus, em que um costume se inter-relaciona com o outro, fazendo com que participantes e observadores entrem em contato com influências de várias épocas e vários lugares numa só festa.

O respeito às identidades deve receber a atenção dos organizadores do carnaval, principalmente no que se refere à formatação desses Blocos Afro, que foram surgindo em Ilhéus de maneira espontânea e, por isso, sua caracterização não depende de regras preestabelecidas pelos organizadores do evento. No entanto, numa entrevista sobre o Carnaval de Ilhéus, um dos integrantes dos órgãos promotores descre-

veu a participação dos Blocos Afro mostrando alguns aspectos que suscitam uma preocupação em relação ao respeito às identidades locais. Um deles, que pode ser interpretado como um fator negativo, é a valorização dos blocos não a partir de uma apresentação espontânea, mas, sim, pela obediência a regras que, por participarem de uma concorrência, um concurso de blocos, devem seguir. O outro, que proporciona resultados positivos, está relacionado ao trabalho social efetuado pelos blocos, que se torna fundamental para a conscientização dessa comunidade.

Os grupos afro obedecem a um critério. Eles têm um tema, muito embora não conseguiram desenvolver, a não ser o Dilazense e o Mini Congo, pois devem seguir um enredo, que deve ter pesquisa, fantasia, lógica. O Dilazense, como escola, já está tão estruturado, que faz um trabalho social na cidade em que meninos de rua trabalham no grupo que o bloco mesmo financia (KRUSCHEWSKY, 2001).

Mesmo com a trajetória de repressão que os negros sofreram em relação à manifestação de seus costumes, com a tendência atual de turismo, esse fator mudou. Hoje, as raízes de comunidades exóticas tornaram-se objeto de atratividade turística, como

os terreiros de candomblé e todas as manifestações específicas da comunidade negra, inclusive os Blocos Afro, deixando, desse modo, de sofrer imposições restritivas para tornar-se atração turística.

A exemplo da participação afro-descendente nas festas populares de Ilhéus e, principalmente, no carnaval, e sua repercussão no turismo, pode-se citar a obtenção, através da Internet, de informações sobre a cidade de Ilhéus.

No “Carnaval Cultural” [...] acontece [...] a genuína expressão popular, incentivando a criatividade e revalorizando a participação dos blocos afros, um dos principais destaques da festa, com a força da música do povo africano, profundamente marcados na cultura baiana (ILHÉUS, 2001).

Em Ilhéus, os negros, assim como em diversos momentos de manifestação de sua cultura, demonstram no carnaval a necessidade de mostrar a cultura afro como parte da identidade da cidade. Assim, através da apresentação dos Blocos Afro no carnaval, esse grupo étnico suscita a interpretação de que, ao invés de fazer do carnaval um momento de fantasia e de inversão, na verdade, encontra-se num momento de anulação das máscaras sociais, dando lugar às expressões identitárias mais características

de suas raízes culturais. Por outro lado, em virtude da opressão sofrida pela cultura negra, esse comportamento pode ser atribuído a uma mascaração social, já que o negro, fantasiando-se da própria cultura somente durante o carnaval, toma lugar de destaque, tornando-se um rei. O certo é que, mesmo representando a identidade ou a fantasia, a cultura negra, através, principalmente, desses blocos, fundamentam as características do Carnaval de Ilhéus, tornando-se o seu principal conteúdo e assumindo um papel social para os seus participantes.

Num contexto atual em que as festas carnavalescas sofreram, em sua maioria, transformações agudas em relação à sua formatação e ao conteúdo, a preservação dos Blocos Afro no Carnaval de Ilhéus poderia ser considerada como uma já anunciada identidade de resistência, já que a magnitude dos trios elétricos e o sucesso das bandas de axé *music* não conseguiram extinguir este costume.

Para tais considerações, a presença da cultura negra em Ilhéus pode ser analisada sob a perspectiva da *tradução* (HALL, 2000), sendo uma cultura com traços peculiares herdados de um outro país. Em contraponto, como já referido, torna-se um dos aspectos mais enfatizados pela imprensa local como especificidade da cidade, que mistu-

raria características dos carnavais de Salvador, através dos Afoxés, e do Rio de Janeiro, através das Escolas de Samba. Tal comportamento dos organizadores do Carnaval de Ilhéus pode ser denominado “tradição inventada”, já que elementos mais contemporâneos são atribuídos a uma tradição local.

Para se estudar as características dos componentes dos Blocos Afro, existem várias dificuldades, advindas do fato de a História do povo africano possuir bibliografia escassa, o que faz com que seja necessária a criação de novos métodos de pesquisa, como, por exemplo, a História Oral. No entanto, tal método possui seus limites, pois “sejam quais forem as possibilidades oferecidas pela tradição oral e por outras fontes não ortodoxas, permanece o fato de que, no que se refere a documentos escritos, a África é bastante carente” (BURKE, s. d., p. 112).

O Carnaval de Ilhéus é, de fato, um atrativo turístico da cidade. No entanto, a sua composição cultural, em que se mistu-

ram diversas manifestações, merece cuidados de preservação identitária. Por outro lado, a modernização que ocorre como uma reconfiguração identitária e não uma transposição ou assimilação da cultura do outro é benéfica, pois permite que esta festividade continue existindo, tanto para a satisfação da curiosidade do turista em relação ao exótico, como para o momento de lazer da comunidade participante.



Capítulo III

Sugestões para o Carnaval de Ilhéus

Mudar o futuro depende de
como se pensa o presente.

Hebert de Souza

As cores murcham, os palácios caem,
os impérios desintegram-se.
Só as palavras sábias permanecem.

Edward Thornlike





TECNOLOGIA E TRÂNSITO

Sabendo-se que a sociedade, nos dias atuais, configura-se numa perspectiva pós-industrial e que a informação midiática possui lugar de destaque neste contexto, toma-se a televisão como principal meio de divulgação e indicadora de escolhas de consumo, sendo ela mesma um dos objetos de consumo mais difundidos no mundo pós-moderno.

Dentro desta discussão, o turismo é visto como um dos ramos da economia que mais se beneficia desses avanços tecnológicos, pois faz com que cada vez mais pessoas conheçam lugares variados e distantes. No entanto, esse mesmo meio midiático também pode proporcionar aos lugares visitados conseqüências negativas, e exemplo da superlotação não planejada (Figura 41), que, por sua vez, influencia no aumento de preços e na escassez de infraestrutura básica de atendimento às necessidades tanto da comunidade local como dos visitantes. Assim sendo, a cultura do lugar sofrerá interferências agudas, tornando-se cada vez mais difícil a sua recuperação ou sustentação dos costumes locais.

Mais do que nunca, uma localidade, por mais remota que pareça ser, estando



Figura 41: Público de massa no Ilhéus Folia.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

acessível através dos meios de comunicação, será conhecida em todo o mundo, por um número cada vez maior de pessoas. Culturas específicas de um determinado lugar, comportamentos até então desconhecidos tornam-se mais próximos, dentro da perspectiva espaço-temporal. O constante trânsito entre tempo e espaço, que, atualmente, se dá de maneira mais rápida e cômoda, faz com que as pessoas se desloquem com mais facilidade, proporcionando mudanças de comportamento e o surgimento de novas culturas, derivadas, por vezes, do intercâmbio entre seus vários segmentos.

A era em vigência, hoje, conhecida também como Globalismo, modifica comportamentos sociais, amplia condições de crescimento econômico, transforma ou

fossiliza culturas, une distâncias geográficas e temporais, já que

desafia, rompe, subordina, mutila, destrói ou recria outras formas sociais de vida e trabalho, compreendendo modos de ser, pensar, agir, sentir e imaginar. [...] A partir da eletrônica, compreendendo a telecomunicação, o computador, o fax e outros meios, o mundo dos negócios agilizou-se em uma escala desconhecida anteriormente, desterritorializando coisas, gentes e idéias (IANNI, 1996, p. 14).

Caracterizando-se também como um fator de risco, o Globalismo apresenta diversos aspectos de intervenção nas identidades das comunidades influenciadas por ele, pois “envolve problemas culturais, religiosos, lingüísticos e raciais, simultaneamente sociais, econômicos e políticos. Emergem xenofobias, etnocentrismos, racismos, fundamentalismos, radicalismos, violências” (idem, p. 25). Pode acontecer, por exemplo, de o visitante colocar-se numa posição hierarquicamente melhor que a da comunidade visitada, por fatores econômicos, religiosos ou até de escolaridade, causando uma sensação de menosprezo e tornando a atividade turística prejudicial aos moradores locais.

Como ocorre com diversos produtos do mercado, o turismo encontra-se subor-

dinado às tecnologias modernas no que se refere ao número de opções que existe para ser visitado e à segmentação do público visitante. Atualmente, a indústria coloca nos mercados produtos cada vez mais numerosos, diversificados, em pequenas séries, elas próprias diversificadas pela multiplicação das “opções”. As mudanças tecnológicas nos *media* favorecem a multiplicação de públicos singularizados ao extremo (WARNIER, 2000).

Depreende-se, assim, que uma determinada localidade que, tradicionalmente, atraía um grande número de visitantes, pode - com a diversificação que a indústria do turismo proporciona e mediada pelas telecomunicações - perder seus turistas costumeiros, que estariam visitando outros lugares, novas opções menos popularizadas. Por outro lado, também por influência da mídia, uma localidade pode superlotar, comprometendo a sua capacidade de carga.

Sendo a cultura uma característica intrinsecamente humana, bem como as escolhas que o ser humano faz, no turismo, isso se evidencia ainda mais, pois “o traço fundamental é a opção, a escolha, a seleção, a possibilidade de mudanças que criam novas condições de escolha - e, por isso mesmo, a variedade e a heterogeneidade” (MENEZES, 1999, p. 90). É essa possibilidade de

opção que faz com que um determinado lugar se configure naturalmente como dotado de potencialidade turística, mas não esquecendo que essa opção pode ter sido primeiramente influenciada pela mídia.

Todos esses fenômenos que, de alguma maneira, demonstram a transitoriedade que os avanços tecnológicos proporcionam a uma comunidade, influenciam numa nova aceção sobre o tempo, que passa a ter uma significação que contribui para a intensificação do efêmero. Dentro dessa discussão, Domenico De Masi (2000, p. 138) analisa a rapidez enquanto indicadora de uma das principais características dos tempos pós-modernos, afirmando que “vivemos numa cidade, trabalhamos em outra e tiramos férias numa terceira, atingindo cada uma delas num piscar de olhos.” O autor ainda critica o sedentarismo e incentiva o ócio criativo, exemplificando que “livros sobre viagens tiveram enorme sucesso, [...] devido justamente à capacidade de dar ao leitor, sedentário, a ilusão de acompanhar viajantes com a própria imaginação” (idem, p. 156). Assim, o ideal seria o deslocamento, já que “mudar de lugar estimula a criatividade, até mesmo quando os lugares visitados não são muito diferentes daqueles com que estamos acostumados” (ibidem). É esse fator que faz

com que um morador de uma cidade que possui uma praia agradável procure conhecer uma outra praia; um folião acostumado com o carnaval de sua cidade procure brincar num carnaval em outro lugar.

Ainda considerando a cultura enquanto um conjunto de identidades em trânsito, analisa-se o percurso histórico por que passou a sua significação, percebendo-se que, na fase do pós-industrialismo, “a ciência positiva impera na vida pública e na vida particular, com o limite entre ambas sendo dissolvido, enquanto a tecnologia informática invade a privacidade e, afirma-se, impera soberana [...] por meio dos seus efeitos benéficos” (ARCHER, 1990, p. 121). Depois disso, surgiu no curso da história o período cohecido como Terceira Onda, que caracteriza-se enquanto a “união entre a computação e as telecomunicações [...] e representa nada mais do que o segundo grande divisor na história humana” (TOFFLER, apud idem, p. 120). Vê-se, então, que a cultura de um povo acompanha as mudanças por que passam os aparatos tecnológicos utilizados por elas. Se a humanidade, hoje, aprendeu a conviver com a informática e a depender dela, tal aspecto causa importantes influências na constituição de suas identidades culturais. A veiculação da mídia, inclusive, que se utiliza

constantemente dos recursos da informática, causa efeitos bastante impactantes no cotidiano de um lugar, influenciando, também, nas preferências turísticas.

A mídia e os efeitos sobre o Carnaval de Ilhéus

Por conta do poder de influência que a era da comunicação pode causar na sociedade atual, a localidade que possui potencial turístico ou que já atue neste ramo econômico deve atentar para a observação dos benefícios e dos malefícios que a atividade pode trazer. Uma das principais ações de sustentabilidade (que deve ser atendida em primeiro lugar) é a participação ativa da comunidade local na tomada de decisões em relação à organização e ao planejamento do turismo. Mas tal atitude torna-se cada vez mais utópica quando se observa a realidade da sociedade atual dentro das discussões políticas (SIMÕES, 2003). A exemplo disso, conforme mostram os estudos de Beatriz Sarlo, as “sociedades estão cada vez mais informatizadas e comunicadas, do ponto de vista técnico, mas algumas questões essenciais parecem cada vez mais opacas: as decisões, então, ficam a cargo dos especialistas e seus padrões polí-

ticos” (SARLO, 1997, p. 178).

Não é difícil provar que um dos meios de comunicação de massa com maior penetração no público seja a televisão, já que a observação do cotidiano das pessoas confirma tal hipótese. Desse modo, sua influência no comportamento dos telespectadores, de um modo geral, se inicia de forma rápida e se torna permanente em algumas comunidades. Na verdade, a televisão parece ter o poder de moldar comportamentos. Em concordância com essa assertiva, Gumbrecht afirma que “se temia [...] que, com a difusão do consumo televisivo, a *esfera de privacidade familiar* fosse destruída” (GUMBRECHT, 1998, p. 263). O ideal seria, então, que as pessoas soubessem distinguir o que aparece na televisão do que ocorre na realidade. Mas não é o que se observa, já que, “*oposições fundamentais*, como ‘ficcional/referencial’ ou ‘original/cópia’, *perderam seu estatuto*” (idem, p. 272).

Cabe, desse modo, aos gestores do turismo planejar com cuidado a forma com que a localidade aparece no meio midiático de um modo geral, já que uma interpretação equivocada pode trazer ao lugar, por exemplo, um público indesejado.

Em contraponto a todos os malefícios que a era da comunicação pode trazer

a uma determinada localidade, há também alguns benefícios que podem ser notados tanto no âmbito econômico, como na esfera cultural. A evolução por que passam as comunidades locais constantemente faz com que se crie um novo tipo de sociedade, “provocada por imagens televisivas, navegação eletrônica ou trânsito de pessoas, dentre outros fatores que, de certo modo, valorizam, no mesmo movimento do tempo/espaço, as culturas locais e as diferenças culturais (étnicas, regionais, de nação, etc.)” (FEATHERSTONE, apud SIMÕES, 2000, p. 01).

O turismo se configura como um dos principais aspectos que se beneficiam desse novo comportamento midiático que a sociedade assume. Hoje, “os acontecimentos são acelerados e as distâncias encurtadas através das imagens televisivas, da navegação eletrônica, do trânsito de pessoas, rompendo limites e fronteiras de tempo e espaço” (SIMÕES, 2001, p. 01). Sendo o turismo um dos maiores motivadores do deslocamento das pessoas em busca de lazer, sua execução provoca um constante intercâmbio entre diferentes e inúmeras culturas, além de aumentar uma considerável parcela da economia do local visitado, já que “a atividade turística vem se configurando cada vez mais como uma

atividade que, por um lado, oferece oportunidades de empregos e é vendida como mercadoria; por outro, suscita as diferenças culturais” (ibidem).

A evolução dos meios de comunicação também pode ser considerada como um fator de desenvolvimento local, em diversos aspectos. No entanto, é errôneo achar que desenvolvimento implica apenas no crescimento da economia do lugar, como atenta Marcelo Souza, afirmando que o desenvolvimento “deve designar um processo de superação de problemas sociais, em cujo âmbito uma sociedade se torna, para seus membros, mais justa e legítima” (SOUZA, 2000, p. 18). Assim, o planejamento de uma festa como atração turística não deve ter como principal objetivo a arrecadação de capital para o local, mas, principalmente, os benefícios que a interação entre a cultura local e as culturas externas podem trazer.

Um exemplo de má escolha dos objetivos a serem alcançados a partir do turismo se dá quando os gestores tentam museificar um determinado grupo na comunidade, fazendo com que permaneçam com o mesmo comportamento, as mesmas vestimentas, a mesma culinária, para que se tornem uma atração turística. Para Benevides, é necessário que sejam extintas

as equivocadas interpretações antropológicas sobre identidades/descaracterização culturais, que tendem a ter uma compreensão fossilizada de uma suposta autenticidade cultural, presa a um passado que quanto mais for pré-capitalista mais legitimidade terá, e desse modo não consideram devidamente as relações funcionais e dinâmicas que as representações e as produções culturais têm com os seus contextos materiais (BENEVIDES, 2000, p. 28).

Do mesmo modo que a mídia pode funcionar como impulsionadora do turismo em determinado local, ela mesma pode ser usada como forma de afastar turistas indesejados ou diminuir o seu fluxo. Tal estratégia pode ser executada a partir da utilização do recurso sugerido por Swarbrooke, o *antimarketing*, que pode

desestimular os turistas a visitar eventos tradicionais em datas específicas para evitar que a população local, durante a celebração de uma festividade [...] esteja sujeita a receber uma enxurrada de turistas insensíveis ao significado [...] da festividade (SWARBROOK, 2000, p. 45).

Um outro meio de comunicação em expansão na atualidade é o computador, que é principalmente utilizado através do recurso da Internet, que se configura, hoje,

como um dos mais efetivos veículos midiáticos, pois proporciona ao usuário uma dimensão mundial, ou seja, a partir dela, o local pode tornar-se global e vice-versa. A Internet proporciona mais liberdade de ações do que a televisão, visto que seu usuário escolhe o itinerário a ser seguido. Tal fator faz com que algumas pessoas costumem se utilizar do computador para fazer possíveis viagens virtuais, objetivando conhecer lugares distantes. Esse comportamento é louvável no que se refere à diminuição do tempo e do espaço em relação à viagem real. No entanto, a sensação de estar presente no lugar visitado através da tela do computador é indescritível, já que sensações como o olfato e o tato tornam-se impossíveis de ser estimuladas através deste meio de comunicação.

O carnaval, que reúne diversas camadas socioeconômicas, culturas variadas, identidades diversas, possui lugar de destaque na mídia, atualmente, pois configura-se também como uma das principais motivações do deslocamento de pessoas para locais como a cidade de Ilhéus.

As diversas identidades culturais que se sobressaem no carnaval podem traduzir uma visão deturpada da cultura do lugar. Um visitante pode achar que aqueles elementos que aparecem na mídia como

identificadores de uma localidade sejam realmente característicos daquela comunidade. No entanto, a própria camada da sociedade que influencia a mídia pode ter feito suas escolhas e buscado mostrar apenas os aspectos que lhe interessem. O perigo de uma interpretação errônea se dá também pelo fato de que, “no vazio de uma sociedade que encomenda arte aos especialistas e tranca artistas em guetos esnobes ou faixas de mercado especializadas, os meios audiovisuais apresentam uma versão paródica das humanidades e da arte” (SARLO, 1997b, p. 180).

No caso de Ilhéus, a exemplo do carnaval em localidades de médio porte da Bahia, a mídia teve grande influência quando existia o carnaval antecipado, o Ilhéus Folia. Essa festa ocorria, inicialmente, cerca de um mês antes da data oficial, o que fez com que atraísse um grande público, pessoas que podiam participar do Carnaval de Ilhéus antes mesmo de acontecer o carnaval oficial. Com o passar do tempo, essas pessoas perderam o interesse por esse carnaval, as atrações e a formatação da festa foram modificadas e, do mesmo modo que a mídia ajudou a trazer um público de massa, contribuiu para que esse público diminuísse. Foi o que aconteceu em 2002, quando o carnaval foi transferi-

do para uma data posterior, mais próxima ao final do ano.

Um dos impactos causados durante a existência do Ilhéus Folia ocorreu pelo fato de que os Blocos Afro deixaram de ser subsidiados pelo Prefeitura Municipal de Ilhéus, que voltou suas atenções aos blocos de abadás, fazendo com que a maioria dos outros blocos deixasse de participar da festa.

Numa tentativa de amenizar a sazonalidade ou de distribuir melhor o foco turístico entre as cidades, a maioria dos lugares, como Ilhéus o fez, passou a organizar o carnaval em data diferente da do carnaval oficial. No entanto, o mês de fevereiro ocasiona maior fluxo turístico por ocorrer durante as férias da maioria das pessoas. Assim, a estratégia de mudança de data do carnaval pode não se constituir uma boa escolha e a mídia, mais especificamente a televisão, é o veículo que melhor pode ser utilizado para influenciar na atração de visitantes nessa época.

Em contraponto à época em que ocorreu o Ilhéus Folia, o surgimento do “Carnaval Cultural de Ilhéus” apresentava características diferentes, inclusive no teor das propagandas comerciais transmitidas no período. Mas, como já referido, essa festa evidenciava não apenas elementos considerados tradicionais para a comu-

nidade, pois outra gama de componentes participantes se inseriu ao carnaval, como os Blocos Afro. Esse tipo de manifestação popular afro-descendente, por ter se tornado um novo tipo de atração turística, constituiu-se uma atração à parte no Carnaval de Ilhéus. Outra vez a mídia assumiu, então, influências sobre a festividade, já que sempre veiculou a idéia de que esse carnaval deixa de ser mais adequado a um público em massa, para ser observado e participado por um número menor de pessoas.

Com o crescimento do turismo cultural e com o auxílio das influências trazidas pela popularização dos meios de comunicação, a cultura mais propriamente da comunidade negra assume um papel mais valorizado. Esse fato confirma a idéia de Sarlo quando assegura que “os detalhes lutam pela presentificação do passado para tornar presentes os valores que, nesse passado, foram atacados por uns e defendidos por outros” (1997b, p. 42). Assim, comportamentos não valorizados no passado, hoje são exaltados pela comunidade externa e pelos gestores locais, já que se encontram numa posição privilegiada para a atividade do turismo e são transmitidos na mídia como uma das principais atrações do local.

No “Carnaval Cultural”, com a formatação que possuía nos anos de oposição ao Ilhéus Folia, não era interessante que viessem turistas muito jovens, que possuísem mais afinidade com festas de população em massa, com trios elétricos e bandas de axé e pagode. A festa tornar-se-ia mais atrativa e estimulante para pessoas que se interessassem por um carnaval mais tradicional, que valorizassem a presença das fantasias (Figura 42) nas ruas e esperassem ouvir canções carnavalescas antigas. Esse tipo de carnaval, porém, não contribuiu para atingir os objetivos dos órgãos gestores de atrair um número maior de turistas,

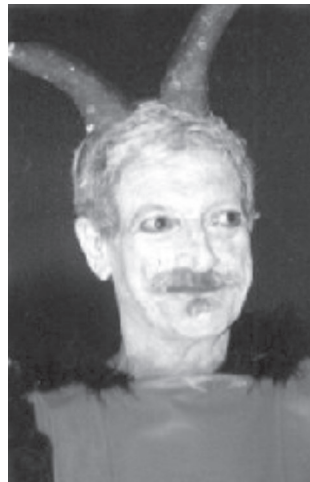


Figura 42: Fantasiado, Pedro Mattos, no bloco Pavão Parlandia Paraíso, em 2002.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

pois o público participante do Carnaval Cultural foi considerado pequeno.

Hoje, porém, o Carnaval de Ilhéus procura unir as características do Ilhéus Folia e do “Carnaval Cultural”, mesmo ainda intitulado “Carnaval Cultural de Ilhéus”. Há, atualmente, a presença dos elementos tecnológicos, como os trios elétricos (Figura 43), e dos elementos tradicionais, como as fanfarras. O que se faz necessário, no entanto, é que todas as características do Carnaval de Ilhéus apareçam na mídia como realmente são, para que o público visitante tenha consciência do que encontrará, ao conhecer a cidade, evitando descontentamento e críticas posteriores. É evidente que o fator surpresa também pode proporcionar uma sensa-



Figura 43: Braga Boys, atração de trio elétrico no atual carnaval, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Mary.

ção agradável ao turista. Porém, pelo menos para aqueles que se sentem curiosos em saber das características do lugar que pretendem visitar, os meios de divulgação precisam traduzir um pouco da realidade do lugar.

Assim sendo, já que o Carnaval de Ilhéus possui características peculiares, esse aspecto deve ser focado enquanto fator de atratividade turística do local pela mídia. Sabendo-se que uma das tendências do turismo atual se dá pelo conhecimento e pela vivência de culturas peculiares, tal característica pode atrair um público ideal, ou seja, pessoas que gostem desse tipo de festividade e que visitem a cidade sabendo como a festividade é. Para que isso ocorra, é justamente a mídia que deve ser usada como veículo de comunicação entre os gestores da festa e os visitantes. Aproveitando o crescimento dos meios de comunicação, a organização da festa precisa usar como ação inicial a criação de propagandas comerciais direcionadas a um público específico, definido a partir do conhecimento das preferências do turista em potencial no que se refere à idade, classe econômica e escolaridade.

Atentando para tais preocupações, o carnaval tornar-se-ia uma festa que satisfaria à necessidade de lazer tanto da co-

munidade participante (que se enobrece com a presença do visitante que valoriza sua cultura), quanto do turista (que passa a relacionar-se com uma nova cultura). A mídia, principalmente através dos veículos como a televisão e a Internet, então, funcionaria enquanto importante aliado para a atividade turística de Ilhéus, bem como influenciadora na interpretação das características de seu carnaval.

O que foi visto e dito no Carnaval de Ilhéus - análise dos dados

Algumas das informações recolhidas sobre a presença dos turistas em Ilhéus foram adquiridas a partir de dados fornecidos pela Bahiatursa e Ilhéustur, que permitiram observar as épocas em que a cidade é mais procurada, as principais motivações, o perfil do turista e a avaliação feita com turistas e com a comunidade local sobre o carnaval.

Dentre os dados recolhidos, alguns demonstram que o perfil do turista que visita Ilhéus não está necessariamente relacionado às manifestações populares da cidade, como o carnaval. Para tal, foi observado que o mês em que Ilhéus recebe o maior número de turistas é janeiro. Já

em fevereiro, mês em que ocorre o carnaval, este fluxo diminui consideravelmente. Além desse dado, vale ressaltar que o passeio e a visita são os principais motivos da viagem, demonstrando que, especificamente para o carnaval, existe um número bastante reduzido de pessoas que vão até Ilhéus. Chama a atenção, também, o fato de que o principal item decisório para a escolha do passeio são os atrativos naturais, subentendendo-se que o turismo cultural ainda não se configura como atividade turística amplamente difundida entre os que visitam Ilhéus. Os comentários de amigos e parentes, além da propaganda, funcionaram como principal fator de influência na decisão da visita por parte da maioria dos entrevistados. Em virtude mesmo do tipo de interesse que os turistas possuem em relação a Ilhéus, numa avaliação feita acerca dos principais atrativos relacionados a essa cidade, uma parcela maior de pessoas que participou da pesquisa não conhecia ou não sabia avaliar as manifestações populares, e apenas 5 % consideraram ótimos estes atrativos ilheenses.

Quanto à programação da festa, as entrevistas indicaram que alguns dos elementos que a compõem precisam ser melhorados nos próximos carnavais. É importante lembrar que, nesta pesquisa de

opinião pública específica do carnaval, mais de 50% dos entrevistados eram moradores de Ilhéus. Em relação ao desfile dos Blocos Afro, dentre as pessoas que o assistiram, a maioria reside em Ilhéus ou em outras cidades da Bahia, mostrando que as pessoas de outros Estados, apesar de demonstrarem algum interesse em entrar em contato com a cultura local, não participam das atividades carnavalescas mais propriamente relacionadas à comunidade ilheense. As motivações para tal fato podem ser atribuídas tanto ao desconhecimento, quanto à impossibilidade de acesso e incompatibilidade de horários.

Como fator que pode ser considerado positivo para o turismo cultural e a valorização da cultura local durante as festas carnavalescas ilheenses está o fato de mais da metade das pessoas entrevistadas possuem grau de escolaridade em nível superior, o que denota maior conhecimento das culturas diversas. Outro dado que influencia na interpretação sobre a festa é que a idade média das pessoas entrevistadas é de 39 anos, fase em que o interesse em conhecer diferentes comunidades se dá de maneira mais freqüente e intensa. No que se refere ao lugar de origem dos turistas, uma grande quantidade dos entrevistados partiu de outras localidades da Bahia, sendo possível interpretar este dado como uma evidência

de que estas pessoas já possuem algum conhecimento acerca da cultura ilheense, interessando-se por ela.

A pesquisa de campo realizada nos últimos carnavais ocorridos em Ilhéus permi-



Figura 44: Avenida Soares Lopes, com o Circo Folias da Gabriela.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

tiu que se fizesse uma análise do conteúdo da propaganda existente sobre a festa, das entrevistas coletadas e dos fatos observados *in loco*, na Avenida Soares Lopes (Figura 44).

O que pôde ser constatado em relação à propaganda de formação impressa encontrada nos órgãos de gestão do turismo da cidade é que os folhetos que tratam da atividade turística de Ilhéus de modo mais

abrangente não priorizam as atrações culturais e as festividades tradicionais, como o “Carnaval Cultural”. A maioria do material coletado contém apenas uma pequena referência à festa ou não se refere a ela¹. Mas é importante salientar que os textos que tratam do carnaval sempre mencionam a cultura afro-descendente como elemento de importante participação durante a festa.

Para exemplificar, um dos folhetos analisados, com o título “Ilhéus: Vejo você na terra de Jorge Amado”, traz no seu texto que o “Carnaval Cultural” possui a genuína expressão da cultura afro-baiana. Porém, a referência é passageira e sem maior ênfase². Outro *folder*, o “Mapa Turístico Ilhéus de Ponta a Ponta”, anuncia a data em que ocorre a festa e as principais atrações, como Baby do Brasil, Pepeu Gomes (Figura 45), Edson Gomes e Olodum. Neste, o anúncio



Figura 45: Pepeu Gomes no Carnaval de Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

se encontra sob o título “Festas Tradicionais”, o que faz com que se crie um maior destaque para o evento.³



Figura 46: Mascarado no Carnaval de Ilhéus.

Fonte: www.ilheus.com.br.

Foto: Jackson.

¹ Um deles, “Ilhéus - Bahia”, produzido pela EM-CAMTUR, Empresa de Câmbio e Turismo Ltda, possui diversas fotografias, mas o texto refere-se apenas aos locais que podem ser visitados (Vide Anexo).

² Produzido pela Ilhéustur, Empresa Municipal de Turismo. Participação da EMBRATUR, Ministério do Esporte e Turismo, Governo Federal, Prefeitura de Ilhéus, Bahiatursa, Governo da Bahia: Secretaria da Cultura e Turismo (Vide Anexo).

³ Produzido pela Axioma Comunicação (Vide Anexo).

Num outro bloco de folhetos mais específicos, a festa ocupa maior espaço, como na “Programação Verão Cravo e Canela”, em que o subtítulo “Carnaval Cultural no Planeta Amado” refere-se aos blocos afro, de sujos, cordões, mascarados (Figura 46) e palcos, além de trios elétricos e o baile no Circo Folias da Gabriela.

O texto também define os horários das principais atrações⁴. O único folheto encontrado que trata exclusivamente do carnaval possui o subtítulo “Carnaval Cultural na Terra de Jorge Amado”, com gravuras ilustrando a Avenida Soares Lopes, onde acontece a festa, e fotos de fantasiados e blocos dos carnavais anteriores. Traz também as atrações de trios elétricos e palcos e anuncia o resgate das tradições, citando, entre outros, blocos de arrasto, bailes da saudade e infantil, músicas antigas, marchas, samba, axé (Figura 47), pagode (Figura 48) e *reggae*. A programação encontrada neste folheto é anunciada dia a dia, contendo as atrações e os horários⁵.



Figura 47: Margareth Menezes, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson



Figura 48: Banda de pagode, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Mary.

⁴ Produzido pela Ilhéustur, PMI e Fundação Cultural de Ilhéus. Refere-se ao Carnaval de 2002 (Vide Anexo)

⁵ Produzido pela Ilhéustur, PMI e Fundação Cultural de Ilhéus. Refere-se ao Carnaval de 2002 (Vide Anexo)

Em outros meios de comunicação pesquisados, como Internet, televisão e *out-doors*, a propaganda menciona o “Carnaval Cultural de Ilhéus” de forma mais

segmentada. O site oficial do órgão de turismo da cidade possui um texto sobre o carnaval incluindo o local, as atrações e os horários, informações estas localizadas no *link* cultura⁶. Além deste, vários outros *sites* se referem à festa, o que faz com que se confirme a classificação da Internet enquanto um dos principais e mais dinâmicos meios de informação acerca da festa. Os *out-doors* observados, localizados nas principais avenidas de Ilhéus, não apresentam fotografias, mas o texto contém a programação da festa de forma mais clara, listando as atrações⁷. Na televisão, as imagens mostram os carnavais anteriores, dando uma idéia mais clara da formatação da festa, falando da participação dos blocos “As Gabrielas” (Figura 49), “Afro”, “da Melhor Idade”, “Caretas”, trios elétricos e outros, além de exibir imagens dos mesmos.⁸

As entrevistas feitas obedeceram a um critério de seleção que priorizou os segmentos dos turistas, participantes locais e organizadores do evento. Os assuntos focados durante as gravações foram, além



Figura 49: Bloco das Gabrielas, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson.

dos dados pessoais, a motivação da viagem, no caso dos turistas; a opinião acerca das manifestações populares ilheenses, como o “Carnaval Cultural”; equipamentos e serviços relacionados à festa; aspectos que agradaram e desagradaram; além de sugestões para os próximos carnavais.

Dentre as informações coletadas, pôde-se perceber que a maioria dos entrevistados não forma conhecimento do Carnaval de Ilhéus através da propaganda comercial que circula sobre o mesmo, mas sim através de informações de familiares e amigos. Em um dos casos, a pessoa entrevistada ficou sabendo da existência da festa já a caminho da cidade, através de uma das emissoras de radiodifusão local que anunciava o carnaval.

A avaliação geral feita por turistas so-

⁶ Disponível em: http://www.ilheus.com.br/prog_verao.htm. Acesso em 26 maio 2003.

⁷ Um deles estava localizado na Avenida Itabuna, em Ilhéus, e se referia ao Carnaval de 2003.

⁸ Transmitido pela TV Santa Cruz, observado em 03 de fev. de 2003.

bre os carnavais de Ilhéus mostra que as opiniões variam entre considerá-lo razoável e ótimo. No entanto, dentre as sugestões, sempre são apontadas uma melhor divulgação e mais segurança em pontos e horários estratégicos, como pode ser percebido nas declarações da carioca Fernanda⁹, que relata que não sabia que estava acontecendo o carnaval em Ilhéus, ouviu pelo rádio, quando estava chegando e, ao ser questionada sobre o que achou da formatação da festa, a entrevistada acrescentou que considera interessante esse tipo de carnaval, em que as raízes da nossa cultura são evidenciadas.

Vale salientar que todos os entrevistados se referiram aos blocos afro, mesmo os que não assistiram aos desfiles, e consideraram a presença dos trios elétricos fundamental para que a festa seja animada, como afirma Wilton,¹⁰ para quem o trio elétrico é muito importante para dar calor e animar o carnaval (Figura 50). Por outro lado, quando o turista pertence a uma faixa etária

maior, o que mais chama sua atenção são as fanfarras e os blocos fantasiados, lembrando os antigos carnavais que, segundo Joana Maria¹¹, são os carnavais com *pierrot*, colombina, bandas tocando saxofone, blocos de crianças, senhoras da terceira idade, sendo muito interessante.



Figura 50: Nairê. Banda de trio elétrico no carnaval, Ilhéus.

Fonte: www.ilheus.com.br.

Foto: Jackson.

⁹ Entrevista feita durante o Carnaval de 2002, em Ilhéus, na Avenida Soares Lopes. Fernanda tem 22 anos, veio do Rio de Janeiro com familiares e é estudante.

¹⁰ Wilton tem 28 anos, é Cabo da Marinha e veio do Rio de Janeiro para visitar a família durante as férias.

¹¹ Joana Maria tem 55 anos, é professora e Diretora no Ensino Fundamental, residente em Buerarema.

Dentre os participantes locais, foi percebido que o destaque maior é dado à presença dos blocos afro, suscitando a interpretação de que a comunidade ilheense coloca esse grupo cultural como um importante representante da identidade e da história da cidade. Além dos foliões que assistem aos desfiles dos blocos afro, dentre os entrevistados estão dirigentes e instrumentistas desses blocos. Uma das participantes, Noeli¹², refere-se ao turista como um dos elementos fundamentais para a apresentação dos blocos, pois os integrantes dos blocos gostam que o turista esteja na avenida durante o desfile, para ver a apresentação. Mas deve haver mais propaganda sobre esses blocos, porque muitas pessoas só ficam sabendo no momento do desfile, sem compreender o que são aqueles grupos, porque vestem aquela roupa ou tocam aquele instrumento.

Já os dirigentes dos blocos afro dão maior destaque à organização do desfile, ao trabalho social que os blocos fazem antes e depois do carnaval, aos temas escolhidos para cada ano e aos participantes dos

blocos que, segundo Osmar¹³, presidente de um dos Blocos, são pessoas de todas as idades e de todas as partes, inclusive estrangeiros, mas a maioria é de baixa renda. O bloco Dilazenze (Figura 51) é bastante flexível, exigindo apenas que o participante



Figura 51: Dilazenze, pentacampeão do carnaval de Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Ed Ferreira.

conheça seus objetivos. O tema das fantasias e do enredo de cada ano é escolhido a partir de um planejamento feito em grupo.

As pessoas que residem nos bairros de menor concentração monetária de

¹² Noeli tem 20 anos, é instrumentista do Bloco dos Pauzinhos e reside em Ilhéus.

¹³ Osmar é presidente do Bloco Afro Dilazenze. Entrevista concedida em fevereiro de 2003, no Memorial da Cultura Negra, Ilhéus.

¹⁴ Marcos Antônio é presidente do Bloco Afro Raízes Negras. Entrevista concedida em fevereiro de 2003, no Memorial da Cultura Negra, Ilhéus.

Ilhéus possuem lugar de destaque nos blocos afro, como afirma Marcos Antônio¹⁴, presidente do Bloco Raízes Negras, afirmando que os participantes do bloco são geralmente moradores dos bairros da Conquista e do Iguape, por isso, além de o bloco se organizar para mostrar seu trabalho aos turistas, também contribui para a geração de emprego.

A valorização dos trios elétricos e das bandas de axé (Figura 52), vindas da capital baiana (Figura 53), sempre ocorre no segmento dos entrevistados mais jovens,



Figura 52: Tonho Matéria, cantor baiano, em trio elétrico, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson

¹⁵ Tiara tem 20 anos e é funcionária pública.

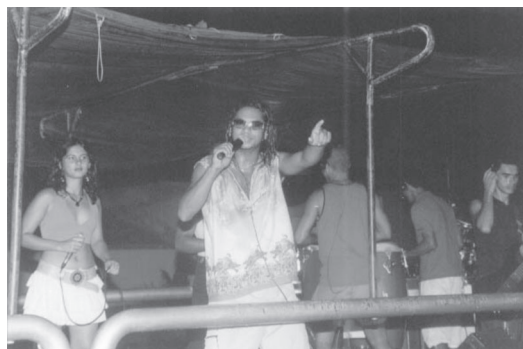


Figura 53: Átila Show, em trio elétrico, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Clodoaldo.

como acontece com Tiara¹⁵, que destaca que o Bloco 10 Colados está muito bonito e animado, com bastante gente brincando o carnaval e pulando atrás do trio elétrico.

Já outra gama de pessoas da comunidade ilheense possui uma opinião mais saudosista, lembrando os antigos carnavais comemorados na cidade, como o fotógrafo José Nazal¹⁶, que salienta que antigamente as famílias se reuniam para brincar o carnaval nas ruas de Ilhéus, se fantasiavam, não existia violência, as pessoas se divertiam durante o dia e as bandas que tocavam

¹⁶ José Nazal tem 40 anos, é fotógrafo da Prefeitura Municipal de Ilhéus. Entrevista concedida em dezembro de 2001.



Figura 54: Itassussy, cantor ilheense.

Fonte: <http://www.ilheusamado.com.br>.

eram do próprio local (Figura 54).

O que se pode perceber ao observar as principais entrevistas realizadas é que a população local possui uma opinião formada em relação à organização do Carnaval de Ilhéus, no que se refere à interpretação e ao julgamento pessoal. É evidente que estas opiniões apresentam pontos de divergência, já que a multiplicidade de gostos é, também, uma característica intrínseca a esse povo. No entanto, estas opiniões devem ser ouvidas pelos gestores da festa carnavalesca ilheense, para que a organização do evento ocorra de forma participativa.

No segmento dos organizadores do carnaval, constatou-se uma preocupação relacionada ao respeito às identidades

culturais diversas que compõem o povo ilheense. Seus depoimentos, porém, demonstram que a forma como a cultura é tratada nem sempre corresponde ao ideal de liberdade cultural, às vezes, prevalecendo a necessidade de atender aos anseios dos turistas e da atividade econômica, em lugar do lazer específico da comunidade local.

Um dos organizadores do Carnaval de Ilhéus, Gerson Marques, gerente do Órgão Oficial de Turismo de Ilhéus, hoje denominado SETUR, fala da dificuldade que existe em relação à satisfação do público participante da festa, justamente pela diversidade de gostos e preferências. Para ele, tanto a criação do antigo Ilhéus Folia, quanto o seu término suscitaram crítica ao governo municipal, mas a idéia de “Carnaval Cultural”, como ocorre atualmente, unindo o trio elétrico ao carnaval tradicional, é a formatação mais adequada. Para Gerson¹⁷, o “Carnaval Cultural de Ilhéus”

não é só um título, é um conceito, que se baseava justamente na idéia do resgate desse Carnaval antigo de Ilhéus, de incentivar escolas, blocos. Ao lon-

¹⁷ Gerson Marques, gerente do Órgão Oficial de Turismo da Prefeitura Municipal de Ilhéus, hoje SETUR.

go desses 4 anos, o Carnaval Cultural cresceu, o conceito de certa forma ampliou, há uma repercussão sobre ele hoje, a comunidade entende a idéia do carnaval, já participa (MARQUES, 2002).

Como uma das pessoas que fazem parte da comissão julgadora que analisa os Blocos que desfilam no carnaval, Lindaura Kruschewsky¹⁸ faz uma análise das mudanças ocorridas na festa carnavalesca ilheense, inclusive as relacionadas ao público participante, afirmando que quem participava do Carnaval de Ilhéus

antigamente, com as escolas de samba, era o povo elitizado da avenida, misturado com pessoas que vinham de fora, turistas. Agora, a preocupação é resgatar esse carnaval de Ilhéus, que foi um carnaval conhecido em todo o território, mas também com o público do Carnaval Cultural, que é o povo de Ilhéus que desce dos morros e participa. Isso vem crescendo de ano a ano (KRUSCHEVSKY, 2002).

Um dos criadores do “Carnaval Cultural de Ilhéus”, o escritor Hélio Pólvora, também conceitua a festa relacionando-a

aos carnavais passados e, de certa forma, recusando a presença do trio elétrico, que não deixa de ter o seu público. Para ele,

o carnaval inclui todos os elementos de participação popular, é uma festa folclórica, é uma festa que depende da animação do povo, que inclui fantasias, inclui dança, inclui várias manifestações artísticas (PÓLVORA, 2002).

Preocupado com as questões econômicas relacionadas ao carnaval, Maurício Pinheiro¹⁹ dá sugestões de como a Prefeitura de Ilhéus e a comunidade local poderiam agir, contando com a parceria empresarial. A crise do cacau repercutiu em toda a sociedade ilheense, e o turismo relacionado ao carnaval torna-se uma saída para esse problema, pois, para ele,

deve haver em Ilhéus a parceria. O problema do cacau foi muito perverso, é muito pessoal, cada um com o seu. Essa crise do cacau ainda não foi suficiente para quebrar essa brecha. As pessoas são muito donas dos seus projetos. Essa comunhão que é necessária hoje para tudo na vida, a gente não consegue. Isso vale para parcerias comerciais (PINHEIRO, 2002).

¹⁸ Lindaura Kruschewsky é coordenadora da Casa de Cultura Jorge Amado.

¹⁹ Maurício Pinheiro é gerente de Espaços da Prefeitura Municipal de Ilhéus.

Em suma, a participação da Prefeitura Municipal de Ilhéus na organização do carnaval é bastante significativa, porém faltam as participações de outros âmbitos da socie-



Figura 55: Nação Vascaína, bloco de camisa, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: ASCOM.

dade ilheense na formatação da festa, como os presidentes de organizações carnavalescas, tanto os blocos afro quanto os blocos de camisa (Figura 55), os representantes de bairros e os empresários (SIMÕES, 2003).

Dos elementos observados *in loco*, alguns dos que mais chamaram a atenção foram as características dos Blocos Afro (Figura 56) que desfilaram na avenida, incluindo a formatação das alas, as danças executadas, a bateria, a música e a letra, além dos símbolos utilizados nas fantasias e outros elementos de decoração.



Figura 56: Bloco afro, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson.

No ano de 2002, O Bloco do Malhado trouxe para a avenida o tema “Mar de Ilhéus”, com mulheres e crianças (Figura 57) dançando em ritmo afro. Diversas fantasias foram apresentadas e a bateria acom-



Figura 57: Crianças na bateria do bloco afro.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Ed Ferreira.

panhou o enredo que foi amplificado através de um carro de som.

O Bloco Dilazenze apresentou o tema “África Viva”, em que todos os participantes utilizaram fantasias relacionadas à selva africana. Uma bandeira preta foi utilizada para simbolizar um pedido de paz, seguida de dançarinas usando a cor branca que faziam coreografias afro (Figura 58), além de



Figura 58: Carro alegórico do Bloco Afro Dilazenze.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

algumas alas em que mulheres utilizavam turbantes. Várias crianças participaram do desfile e as passistas do bloco fizeram uma coreografia especial para ser apresentada em frente à comissão julgadora do desfile.

O bloco Levada da Capoeira apresentou várias alas com diferentes passos de capoeira, e algumas com a utilização de instrumentos característicos, como berimbau, atabaque e pandeiro.

Com a apresentação de várias evoluções na coreografia de suas dançarinas (Figura 59), o bloco Leões do *Reggae* colocou



Figura 59: Dançarina do Bloco Afro, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson.

em primeiro plano, no desfile, o carro de som e, logo em seguida, a bateria. Meninas com fantasias no estilo afro seguiram as primeiras alas e, ao final, desfilou um grupo caracterizando uma roda de capoeira.

Dentre os pontos negativos observados no Carnaval de 2002 está a falta de um bom isolamento para que os transeuntes e as pessoas que assistem ao desfile dos Blocos não atravessem o trecho da ave-

nida em que acontecem as apresentações, para que não interfiram na formatação dos mesmos.

Além dos blocos, outros elementos foram analisados, como a decoração utilizada no ano de 2002, que é aqui avaliada como um ponto negativo, já que foi reaproveitada do ano anterior, com a utilização de bonecos de Jorge Amado vestidos com diversas fantasias. Salienta-se, ainda, que na época do Natal estes mesmos bonecos tiveram uma terceira utilização, pois estavam espalhados na cidade vestidos de “Papai Noel”.

Algumas falhas na organização geral da festa também foram observadas, como um *black-out* ocorrido na Praça Castro Alves, localizada no circuito do carnaval, que estava repleta de bares e lanchonetes, provavelmente provocado pela sobrecarga de energia, que deveria estar prevista e terem sido utilizados geradores ou recursos similares.

No ano de 2003, o primeiro Bloco observado foi o Zimbabuê, sediado no bairro ilheense Teotônio Vilela. Este bloco apresentou alas em que os participantes mostravam coreografias de capoeira, danças, músicas e letras com características afro. As principais cores utilizadas nas fantasias foram azul e amarela, que funcionam

como símbolos de representação do bloco.

O bloco Rastafari trazia uma bandeira abrindo seu desfile, e os participantes usavam as cores amarela, vermelha e verde. Participaram do desfile crianças e adultos. Um elemento de destaque é que algumas das alas utilizavam perucas que representavam o cabelo no estilo *rastafari* (Figura 60). As fantasias eram principal-



Figura 60: Bloco Afro Rastafary. Foto-Jackson.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

mente no estilo afro, inclusive confeccionadas com cordas e sacos. Alguns elementos simbólicos foram colocados em evidência pelo bloco, como a presença de fogo, através de tochas.

O Zambi-Axé trouxe para a avenida, na comissão de frente, peneiras e búzios, simbolizando trechos dos ritos do candomblé. As fantasias eram confeccionadas, principal-

mente, com as cores branca, amarela e marrom. Nesse bloco também foi utilizado fogo, colocado em cocos espalhados pelo trecho



Figura 61: Bateria do Bloco Afro.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson.

onde aconteceria o desfile. A bateria utilizou uma fantasia no mesmo estilo da roupagem característica do Bloco soteropolitano Filhos de Gandhi (Figura 61), e algumas mulheres usavam turbantes afro na cabeça.

O tema Castro Alves compôs o enredo e as alegorias do Bloco Mini Kongô, que também apresentou um Pai de Santo, juntamente com uma mulher de traços europeus, jogando pipoca na avenida, como um símbolo representativo dos rituais do candomblé (Figura 62). A bateria usou as cores branca e vermelha, que simbolizam o bloco, e quase todos



Figura 62: Símbolos do Candomblé, também utilizados durante o carnaval.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

os participantes vestiam fantasias de estilo afro. Uma das alas fazia apresentação de capoeira e um dos destaques era um carro alegórico em que um rapaz estava caracterizado como Castro Alves.

O penta-campeão dos desfiles até o ano de 2003, o bloco afro Dilazenze, apresentou principalmente as cores vermelha e amarela (seus principais símbolos), porém com uma utilização excessiva do dourado nas fantasias. Os componentes da bateria usavam uma coroa e o bloco, como outros, também possuía uma ala de capoeiristas. Danças e fantasias afro predominaram e um dos elementos diferenciais é que este bloco apresentou uma ala de senhoras e senhores, o que representaria uma espécie de ala da “Velha Guarda”.

Observou-se também que o número de pessoas durante os desfiles dos Blocos Afro, nas primeiras horas da noite, era reduzido, mesmo que o desfile seja considerado um dos principais elementos. Para um público com essa quantidade de pessoas, o número de policiais em serviço pareceu

suficiente, o que conta como ponto positivo em relação à segurança durante a festa.

A decoração utilizada no circuito do Carnaval de 2003 foi composta de círculos com faces simbolizando fantasias tipicamente utilizadas nos carnavais, como índio, *pierrrot*, mago, palhaço, pirata, baiana e outros. Cabe, no entanto, o comentário de que essa decoração poderia ser melhor formatada, dando mais ênfase às características locais, não só utilizando imagens amadianas, mas também retratando aspectos da economia, agricultura, turismo, natureza e cultura locais.

A NECESSÁRIA SUSTENTABILIDADE



As manifestações culturais que fazem parte do cotidiano das pessoas possuem diversos fatores que influenciam na atividade turística e devem ser colocadas em observação, visando à sua sustentabilidade. O contato entre o turista e a comunidade local, por mais simples e passageiro que seja, sempre provoca influências entre ambas as partes, podendo ser de cunho positivo ou negativo.

A evidente busca pelo diferente, que caracteriza as pretensões dos turistas da

atualidade, faz com que exótico, diferente, étnico sejam os termos mais utilizados pelo *marketing* em torno destes aspectos culturais, visando à atração dessa gama de turistas. O que já é uma característica própria da cultura - o contato com experiências externas e as mudanças - não pode ser visto como algo puramente prejudicial à preservação das tradições, já que a cultura, a partir da compreensão dos estudos culturais, denota a “idéia de contato, intercâmbio, permuta, aculturação, assimilação, hibridização, mestiçagem ou, mais propriamente, transculturação” (IANNI, 2000, p. 95). O turismo, desse modo, torna-se um dos principais agentes da transculturação, pois coloca em contato direto as mais diversas culturas.

A mescla entre as culturas altera as características originárias de um determinado grupo étnico, já que, com o tempo - que se caracteriza como agente transformador em todas as culturas - “nada permanece original, intocável, primordial. Tudo se modifica, afina e desafina, na travessia” (IANNI, 2000, p. 107). Desse modo, faz-se necessária a adoção de estratégias de sustentabilidade relacionadas aos cuidados que podem ser tomados para que os costumes locais não deixem de existir, mas sim, interajam com outros sem perder suas especificidades.

Apresentando sugestões de sustentabilidade cultural aplicadas ao patrimônio cultural imaterial, pode-se tomar como conceito de desenvolvimento sustentável

a gestão e administração dos recursos e serviços ambientais e a orientação das mudanças tecnológicas e institucionais, no sentido de assegurar e alcançar a contínua satisfação das necessidades humanas para as gerações presentes e futuras (CAVALCANTI, 1997, p. 55).

Destaca-se, então, a satisfação das pessoas não só no momento em que ocorre a atividade turística, mas também a preservação de valores para épocas posteriores. Como sugestão para uma política de desenvolvimento sustentável do turismo, há o conceito abordado por Beni, afirmando que

o que deve ser feito realmente na prática é a manutenção de um equilíbrio sustentável entre essa atividade e o desenvolvimento e conservação dos valores naturais e culturais, tarefa maior de todos os órgãos e autoridades regionais e locais, não exclusivamente da oferta e demanda de turismo (1995, p. 169).

Um turismo que ocorra de forma sustentável pode ser uma estratégia de planejamento viável que possibilite o atendimento

de necessidades dos turistas e da comunidade local ao mesmo tempo, a partir de princípios como a *Sustentabilidade Social*, que é

fundamentada no estabelecimento de um processo de desenvolvimento que conduza a um padrão estável de crescimento, com uma distribuição de renda, redução das atuais diferenças sociais e a garantia dos direitos de cidadania (SACHES, *apud* OLIVEIRA, 2000, p. 90).

Aplicando este princípio de Turismo Sustentável ao Carnaval de Ilhéus, pode-se perceber em que âmbitos as relações sociais ativadas durante a festividade satisfazem aos ideais propostos. No quesito da distribuição de renda, por exemplo, fica evidente que apenas uma parcela da população participa dos lucros advindos com a movimentação financeira durante as atividades turísticas (e o carnaval não foge a isso), fazendo com que a maior parcela da renda se concentre somente entre os grandes empresários envolvidos. Em relação às diferenças sociais, sabe-se que é impossível que ocorra uma redução satisfatória, já que a péssima distribuição de renda é uma característica da população, não apenas ilheense, mas de todo o território nacional.

Um outro princípio do Turismo Sustentável é a *Sustentabilidade Cultural*, que

implica, dentre outros aspectos, na preocupação relacionada à utilização da cultura e da vivência da população local para o aproveitamento na atividade turística, significando

a necessidade de se buscar solução de âmbito local, utilizando-se as potencialidades das culturas e o modo de vida local, assim como a participação da população local nos processos decisórios e na formulação e gestão de programas de desenvolvimento turístico (ibidem).

Mais uma vez a participação da comunidade local nas decisões relativas ao turismo é colocada como fundamental. Por isso, nas diversas atividades de cunho turístico e no carnaval, a comunidade ilheense pode ser representada pelos líderes de bairros, e as instituições envolvidas precisam ter voz ativa durante a organização e os preparativos de tais atividades, já que as conseqüências benéficas e maléficas advindas da utilização das estratégias de planejamento propostas (SIMÕES, 2003) incidirão diretamente sobre elas.

Para um planejamento sustentável do turismo ilheense

A execução de um planejamento que visa à sustentabilidade tem como principal

pressuposto a satisfação dos anseios socioeconômicos da comunidade envolvida. Para que as estratégias desenvolvidas a fim de atender às expectativas do desenvolvimento sustentável sejam executadas de forma satisfatória, é necessário que as partes interessadas estejam atentas à hierarquia entre os anseios econômicos e os sociais vinculados à atividade turística local, principalmente quando a lucratividade é colocada em primeiro plano. O importante é que a economia esteja a serviço da sociedade, e não o contrário, já que, em tese, a satisfação de toda uma comunidade constitui o objetivo primeiro do planejamento participativo.

Uma má interpretação dos objetivos relacionados à economia local pode ocasionar problemas para a atividade turística, como, por exemplo, o investimento que o turista fará no local visitado. O preço que o turista paga durante a estada numa localidade é um fator decisivo para que ele retorne ou faça uma propaganda informal (conhecida como “boca a boca”) positiva sobre o local. Ilhéus já é considerada por alguns turistas como uma localidade que possui preços altos e isso pode prejudicar fortemente o andamento da atividade.

É importante garantir que os turistas recebam algo que valha o seu dinheiro, mas é também vital que paguem o pre-

ço justo pelo que desejam adquirir. De outro modo não há como o turismo cultural ser sustentável, pois ou os autóctones ficarão aflitos por ter de subsidiar os turistas ou não se gerará renda suficiente para um apoio adequado aos recursos culturais (SWARBROOKE, 2000, p. 48).

Da mesma maneira que o preço deve ser o justo para o turista, também não pode estar abaixo das expectativas da comunidade local quando são justas. O turista está ali para investir suas economias em lazer, e este lazer custa um preço que precisa ser reconhecido como justo por ele. A união, pois, do preço justo com a valorização contribui para que o turista recomende o evento para parentes e amigos, além de fazê-lo compreender melhor o significado do turismo cultural.

Uma das formas mais efetivas de colocar a comunidade local como principal beneficiária dos lucros advindos a partir da atividade turística seria destinar parte da renda adquirida a partir do desenvolvimento de atividades turísticas à comunidade envolvida, seguindo o exemplo da *La Cinéscénie*, no *Ecomusée de la Vendée* em *Puy-du-Fou*, na França, que é

uma interpretação ao vivo de cenas da história da região. É integralmente representada por voluntários locais nos

terrenos de um velho castelo, e administrada exclusivamente pela comunidade local. A renda do evento é usada não apenas para ajudar na proteção do legado cultural da região, mas também para sustentar a comunidade que ali reside e suas atividades culturais. Nos últimos anos, os lucros têm sido usados na fundação de um clube arqueológico, na instalação de um centro de pesquisas das tradições locais, no apoio a uma escola de dança popular, na expansão do Ecomusée e no funcionamento de uma estação de rádio local (SWARBROOKE, 2000, p. 46).

Este é um exemplo claro de que muitas das estratégias sugeridas pela literatura relacionadas ao desenvolvimento sustentável são factíveis, e não podem ficar presas às obras ensaístas apenas.

A construção de uma consciência acerca da dinamicidade da cultura funciona como uma sugestão de comportamento mais prudente de análise da contemporaneidade, composta de atitudes como a de reconhecer que traços de modernização e de conservação possam existir concomitantemente com aspectos da atualidade. Segundo Giddens, existem “continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro forma um todo à parte” (GIDDENS, 1991, p. 14). É preciso, pois, ter consciência de que uma comunidade que se

insere no contexto turístico, rotulada como exótica ou típica, não possui, nem conseguirá possuir, mesmo se assim o quiser, elementos puramente tradicionais. A aquisição de elementos da modernização se dá naturalmente em toda e qualquer comunidade, por mais que se tente conservá-los em suas características originais. Assim, o ideal se constitui em administrar ambas as tendências de marcação temporal, para que se possa atender tanto aos objetivos turísticos dos gestores de Ilhéus, como ser fiel às vontades da comunidade local que se encontra como centro das atenções do turista.

É admitindo a convivência entre o novo e o antigo que surge, como necessidade, o estímulo à continuidade das atividades desenvolvidas no espaço do “Memorial da Cultura Negra” (Figura 63), local em que se reúnem diversas organizações relacionadas à comunidade negra de Ilhéus. Projetos como esse contribuem para a criação de novas formas de inserção da comunidade em atividades que desenvolvam aspectos socioculturais (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 1996)²⁰, tanto



Figura 63: Memorial da Cultura Negra, Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

relacionados ao passado, como inovações, constituindo um importante recurso para a prática da sustentabilidade relacionada ao turismo ilheense.

Como a festa carnavalesca está circunscrita a um pequeno espaço de tempo, a consolidação de um calendário anual de atividades referente a temas como planejamento, elaboração, eleições de representantes, permitiria que as pessoas envolvidas não perdessem o contato com seus grupos de identificação cultural e não fossem prejudicadas pela sazonalidade da atividade turística que traz grandes influências para a economia local (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 1996). Tal estratégia pode ser aplicada a Ilhéus; a cidade, inclusive, já possui alguns eventos em que as pessoas que participam do carnaval continuam a atuar em outras épocas do ano.

²⁰ Sugestões baseadas no Planejamento Estratégico da Cidade de Vitória, ES, no quesito Desenvolvimento Cultural.

Pode-se citar, como exemplo, o caso da Mostra de Música Negra, que surgiu em Ilhéus no ano de 1997.

Com o objetivo de divulgar e fortalecer a produção musical dos artistas do Movimento Afro de Ilhéus, a Fundação Cultural de Ilhéus, com o apoio da Ilheustur e Secretaria de Assistência Social da Prefeitura, realizou o evento, que integra o projeto de trazer para a avenida a música afro bastante difundida entre a comunidade negra (DIÁRIO DA TARDE, 1997).

Outra estratégia importante é a de utilizar agentes informantes para que ministrem palestras em escolas da cidade e outros segmentos da sociedade, a fim de que a comunidade ilheense possa tomar conhecimento acerca do que está sendo feito em relação ao turismo de Ilhéus, bem como ser conscientizada dos benefícios e dos malefícios que a atividade possa trazer. Isso significa que os órgãos competentes têm o acesso às escolas como recurso de aplicação das atividades de conscientização, que podem ser ministradas durante todo o ano letivo. É importante salientar que algumas escolas da cidade de Ilhéus já possuem em seu quadro de disciplinas o ensino sobre a atividade turística, o que funciona como importante recurso de conscientização

acerca das conseqüências que o turismo pode trazer para a comunidade local.

Assim como a comunidade local, também os turistas precisam receber orientação em relação à cultura daqueles habitantes, visto que o choque entre os costumes pode causar resultados negativos. Esse tipo de problema ocorre quando algumas das atitudes dos turistas, por exemplo, demonstram superioridade em relação aos ilheenses ou um total desconhecimento acerca das especificidades locais, ocasionando um comportamento que, mesmo involuntário, assuma uma significação de desrespeito para com os habitantes locais.

Todas as ações relacionadas à sustentabilidade cultural pretendidas neste estudo dependem de um trabalho feito em equipe, que deve ser composta, principalmente, de representantes da comunidade ilheense, dos órgãos públicos e privados, formando um grupo multidisciplinar. Com isso, a construção de um plano participativo oportunizará ações conjuntas, integradas, cooperativas. Assim, a comunidade ilheense assumirá um papel de grande importância, já que seus interesses serão reivindicados através de ações planejadas, de seus líderes de opinião, representantes de bairro ou presidentes de associações, junto aos órgãos e instituições gestoras.

As empresas mais diretamente relacionadas com a atividade turística podem receber incentivo fiscal, a exemplo do Selo Verde e do ISO, o que proporciona vantagens como a aquisição de lucros para a empresa, através do *marketing* societal, como pode ser observado em empresas como “O Boticário” e “Natura”, que assumem esse tipo de *marketing*, que traz benefícios para ambas as partes.

Com o auxílio do incentivo fiscal e de punições exemplares, os órgãos governamentais precisam investir em empresas que possam contribuir com a sociedade ilheense e multar as que assumem atividades prejudiciais à comunidade. A ação de incentivo pode ser efetuada através de financiamento de projetos que visem à melhoria da qualidade de vida da população de Ilhéus, como o aumento da oferta de empregos e a manutenção ou execução de saneamento básico, por exemplo.

As organizações não-governamentais também possuem um papel fundamental, no que se refere à fiscalização das ações, tanto dos órgãos governamentais quanto das empresas privadas. Além disso, essas ONGs assumem suas próprias ações, com o esforço relativo ao beneficiamento e melhoramento de diversos âmbitos da comunidade ilheense, como o exemplo do Centro

Cultural e Profissionalizante Fazenda Toromomba, localizado no município de Ilhéus.

Tanto o empresariado quanto as ONGs são importantes para que se consiga cobrir as lacunas deixadas pelo governo, através de ações próprias e da participação da comunidade. Assim, com esse tipo de organização, em que as responsabilidades são divididas, os órgãos públicos não são enfocados como os únicos responsáveis pela melhoria da qualidade de vida da comunidade local.

Government alone cannot secure needed social improvements in the tourism sector. Although it can legislate on matters relating to health and safety at work, health insurance and pensions, minimum wages, employment of women and young people. To be effective legislation has to be implemented, which tripartite social dialogue can facilitate. [...] In the same way that there is growing support for community participation in tourism development, there is a likely greater role for open communication, consultation, and negotiation between the social partners in all enterprises, regardless of their size (UNITED NATIONS, 1999, p. 05).

Bem a propósito do planejamento participativo, pode-se seguir o exemplo do documento das Nações Unidas, adaptando suas sugestões para que o planejamento

exija a participação da comunidade e seja coerente, sendo necessário que os órgãos públicos ofereçam uma equipe técnica especializada para a atividade, visando a um alcance mais rápido dos objetivos. Nesse sentido, a interação com a Universidade Estadual de Santa Cruz, através de seu Mestrado em Cultura & Turismo, garantiria a colaboração de profissionais capacitados para tal ação. Por outro lado, se a comunidade ilheense não dispõe, de imediato, desses profissionais especializados, os órgãos públicos é que precisam oferecer cursos de capacitação que atendam às necessidades profissionais para a execução das estratégias de sustentabilidade, mesmo que esta ação só apresente resultados a longo prazo.

É importante também que principalmente as pessoas da comunidade local estejam entre as que recebem a capacitação profissional, pois a utilização de mão-de-obra externa, não valorizando os moradores de Ilhéus, pode provocar um sentimento de repulsa em relação ao projeto de sustentabilidade, sendo importante ter o fundamental apoio da população. Este recurso só apresentará resultados a longo prazo, já que os efeitos de um investimento em profissionalização não são instantâneos. Por outro lado, os órgãos públicos não podem deixar de assumir esse tipo de res-

ponsabilidade, pois representa uma grande aplicação financeira, que dificilmente poderia ser ministrada por outro setor da comunidade.

Enfim, desenvolvimento e sustentabilidade, apesar de parecerem contraditórios, são elementos que precisam caminhar juntos, em benefício tanto daqueles que atualmente usufruem da atividade turística de Ilhéus, quando dos que posteriormente estarão inseridos nesse setor.

Para um planejamento sustentável do Carnaval de Ilhéus

Os cuidados relacionados ao planejamento do Carnaval de Ilhéus referem-se principalmente a cinco fatores, que são a execução de parcerias, a definição do perfil do turista desejado, a preocupação com a ambiência, os cuidados de proteção ao patrimônio cultural ilheense e a observação das conseqüências econômicas geradas pelo evento.

Como pode ser percebido a partir da observação da maioria dos depoimentos e análise do histórico das diversas atividades que envolvem a comunidade ilheense, à Prefeitura Municipal de Ilhéus cabe a maior parcela da organização e execução do car-

naval, implicando tal responsabilidade em liderar um planejamento com o envolvimento da comunidade e de empresários, inclusive no que se refere ao orçamento direcionado à festa. Tal fato faz com que se verifique uma sobrecarga de responsabilidade e investimento, tornando-se necessária a realização de parcerias entre as esferas pública e privada, visando a uma melhor captação de potenciais empreendedores (NASCIMENTO, 2001), proporcionando, com isso, uma melhoria na formatação da festa.

Uma das alternativas para diminuir a organização unilateral é o planejamento participativo. Um exemplo de estratégia que parece se adequar a esse tipo de planejamento é o Conselho Municipal do Carnaval, existente na capital baiana, Salvador, que pode ser tomado como modelo, desde que se façam as devidas adaptações. Este Conselho possui, entre outras atribuições, a função de atuar como facilitador na resolução de conflitos entre todos os segmentos do carnaval (mesmo que, muitas vezes, não consiga atingir os objetivos), representando diferentes instâncias de interesses subjacentes à festa, como

organizações públicas executivas, regulamentadoras, fiscalizadoras e outras de produção de serviços coletivos das três

instâncias de governo; organizações empresariais de significativo poder econômico, como é o caso das associações de blocos de trio, as de proprietários de som e iluminação e as de clubes sociais; organizações mais tradicionais do carnaval baiano, cujo conteúdo agregador é a produção de cultura popular negro-mestiça, como é o caso dos afoxés, dos blocos afro, blocos de índio e blocos de percussão; e as associações e sindicatos que representam categorias profissionais, tais como as dos barraqueiros de festas populares, vendedores ambulantes e feirantes de Salvador, artistas plásticos, músicos e cronistas carnavalescos (HEBER, 2000, p. 190).

O próximo fator a ser atentado em relação à festa carnavalesca ilheense são os benefícios econômicos ocasionados pelo crescimento do potencial turístico de Ilhéus. Esses não devem sobressair como elementos fundamentais, visto que podem provocar conseqüências negativas como a massificação, causando a superlotação ou a dramatização de manifestações culturais genuínas em função do olhar do visitante. Esse tipo de comportamento faz com que o carnaval deixe de ser um espaço para o divertimento e a participação ativa da população local (Figura 64).

Sendo um problema, também, de ordem econômica, a diferença de classes que



Figura 64: Bloco de Travestidos.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

Foto: Jackson.

o carnaval tradicional ilheense evidenciava, através da seleção de um público elitizado, é colocada em questão nos carnavais da atualidade, com a valorização da população, em sua maioria, composta de pessoas de baixa renda. Em entrevista, um dos organizadores do Carnaval de Ilhéus comenta a responsabilidade governamental para com esses fatores, informando que,

a grosso modo, a base da pirâmide é a maior, e é dali que a mudança tem que vir [...]. Se não tiver trabalho com o pobre, [...] a gente não vai conseguir fazer. A grande revolução que eu penso hoje é essa, através da cultura mesmo. Acho que a cultura é o elemento catalisador dessa mudança. É óbvio que para isso precisa haver vontade política, e fica di-

ficil você convencer uma estrutura jurás-sica como é o poder público a investir nisso (PINHEIRO, 2001).

Essas condições socioeconômicas também implicam nas opções de escolha do turista que visita o local, pois esse aspecto provoca influências tanto na determinação do tipo de turista quanto na percepção do turista em relação à comunidade visitada. Já que o Carnaval de Ilhéus possui caráter singular (principalmente pela participação dos grupos fantasiados e Blocos Afro), os gestores de turismo precisam definir o perfil do turista que se adeqüe mais a esse tipo de festa (NASCIMENTO, 2001)²¹ (Figura 65).



Figura 65: Bloco Chupa Rindo, irreverência nos carnavais de Ilhéus.

Fonte: www.ilheusamado.com.br.

²¹ Sugestões adaptadas da Monografia “Análise do Perfil do Turista de Ilhéus, Ba. Período 1998 - 2000”.

A definição desse perfil pode ser baseada num tipo de turista que faça parte das segmentações que se identificam melhor com manifestações populares, a exemplo das pessoas de maior escolaridade e faixa etária. O turista que se enquadra nesse tipo de perfil possivelmente compreenderá melhor o conteúdo, incutindo, assim, maior valorização à festa.

Após a definição do perfil do turista, um plano de *marketing* direcionado a esse tipo de visitante promoveria a sua atração. Ilhéus, então, seria vendida como um roteiro turístico diferenciado, através de materiais e meios de divulgação de caráter específico para o atendimento dos objetivos gerados durante a constituição do plano, como jornais, revistas especializadas, televisão, *wokshops*, *folder*, *cd-rom*, guias e mapas. As imagens e a linguagem utilizadas possuiriam um conteúdo capaz de persuadir o turista desejado. Pacotes promocionais voltados à época do carnaval funcionariam como mais uma forma de atrair um turista específico (NASCIMENTO, 2001).

O plano de *marketing* funciona melhor quando utiliza a estratégia da motivação como forma de atingir o público alvo especificado na definição do perfil do turista. A motivação funciona através da propaganda sobre o acontecimento, que engloba

todas aquellas actividades que se dirigen a conocer el producto turístico tanto al cliente intermedio como al final, com el objeto de motivarle a adquirirlo frente a otros de la competencia, com estrategias de comunicación: empresas que gestionan publicidad, patrocinio, relaciones públicas y relaciones com los medios de comunicación, márketing direto, merchandising, manifestaciones y acontecimientos (VALLS, 1996, p. 84).

Um aspecto que precisa ser atentado é o que se refere às imagens e mensagens transmitidas pela mídia, como antes explorado, em relação ao carnaval. O leitor, o ouvinte e o telespectador estão sujeitos a interpretar uma festa a partir do que é vinculado pela mídia. No entanto, o comportamento crítico em relação a essa linguagem deve ser adotado pelos pesquisadores e até pela comunidade que tem contato com a mesma, pois “atualmente, com a transmissão televisual das comemorações, ao lado do comemorável e do não-comemorável introduziu-se uma outra redução, a do mostrado e do não mostrado” (FERRO, s. d., p. 56).

A sinalização turística funciona como um importante recurso que o visitante possui para informar-se sobre o evento ou o local a ser visitado. No circuito do Carnaval de Ilhéus - em que cada grupo possui

uma história própria, símbolos particulares e participantes específicos de uma gama da sociedade - poderiam ser implantados postos de informação (NASCIMENTO, 2001), com pessoas capacitadas através de cursos, munidas de informações coletadas diretamente dos participantes do carnaval, para que o turista possa conhecer melhor a cultura ilheense e sua festa carnavalesca.

Há um aspecto de grande importância num planejamento que pretenda contemplar um projeto de resgate das tradições, como ocorre no Carnaval de Ilhéus, que é a ambiência. Toda cultura, toda manifestação cultural está inserida num contexto, num ambiente, que deve ser configurado de forma adequada e, no caso do carnaval, precisa estar em harmonia com o tema da festa. A própria literatura de Jorge Amado faz com que os visitantes busquem encontrar em Ilhéus o clima tropical e sensual descrito em *Gabriela, Cravo e Canela*, como no trecho publicado em um dos jornais da região:

Do eterno cheiro de cacau no ar que respiramos e transpiramos, numa alegre nostalgia que nos transporta não só para a época dos antigos coronéis, mas também para saborear um delicioso quitute preparado pelas sensuais mãos de Gabriela e beber uma revigorante cachaça genuína servida por Nacib (A REGIÃO, 2001).

Como já referido, o visitante que faz um percurso identitário em que passa do papel de leitor para o papel de turista (SIMÕES, 2002) começa a vivenciar o ambiente a ser visitado desde o primeiro contato com os livros.

O acesso rápido às informações, através de revistas, televisão e Internet, poderia funcionar como uma espécie de “Turismo Virtual”, que forneceria imagens sobre a ambiência do local. Mas esse tipo de “viagem” só poderia alcançar a satisfação do turista se o mesmo objetivasse apenas visualizar o local. Por outro lado, o que comumente ocorre é a procura por um ambiente que faça com que o turista interaja com a comunidade que visita, ouvindo músicas locais, saboreando pratos típicos e adquirindo *souvenirs* que lembrem a localidade que conheceu pessoalmente.

Em Ilhéus, a estratégia da ambiência pôde ser melhor observada no ano de 2001, quando, na tentativa de adequar a festa a um ambiente que se assemelhasse ao resgate histórico, a coordenação e os organizadores do carnaval executaram a festa num local diferente, como narra Hélio Pólvora:

No ano passado, no sentido de dar uma cor local mais forte a esse carnaval, nós transferimos o carnaval da Avenida Soares Lopes para um trecho do Quarteirão

Jorge Amado, que é o trecho mais antigo da cidade, [...] o que deu a ele uma ambiência mais aconchegante, porque ficou um carnaval mais compactado e [...] mais histórico (PÓLVORA, 2001).

Em contrapartida, no ano seguinte, a organização do Carnaval de Ilhéus recolocou a festa na Avenida Soares Lopes, talvez desconsiderando o valor do contexto, do ambiente para o resultado final da festa e, até mesmo, a opinião dos participantes, como pode ser percebida na mensagem jornalística, em que uma “pesquisa realizada pela Ilheustur também mostra que o folião aproveitou o Carnaval, tendo os turistas *opinando* [sic] favoravelmente, considerando a festa alegre e tranqüila” (A REGIÃO, 2001).

O último aspecto relaciona-se ao fato de que a cidade de Ilhéus possui um patrimônio cultural inegavelmente rico, e muitos dos seus elementos manifestam-se durante o carnaval. Dessa forma, se o patrimônio, de um modo geral, estiver protegido e for valorizado, o carnaval, por sua vez, terá mais chance de receber os bons resultados dessa proteção. O turista, que usufrui desse patrimônio juntamente com a população local, também está interessado em que o mesmo continue a existir, o que sugere que

o patrimônio cultural (entendido como o acervo de história, monumentos, fol-

lore, culinária, música, artes e manifestações populares tradicionais) deve ser protegido, valorizado e apresentado aos turistas, de tal maneira que cause estímulo à sua interação com a comunidade local, despertando neles, também, o desejo de retorno ao local visitado (MENDONÇA JÚNIOR, 2000, p. 36).

Por outro lado, é necessário que o termo “protegido” seja interpretado de forma aberta, não significando conservação do Carnaval de Ilhéus, tratando-o como algo que deva permanecer estático. A valorização por si só já funciona como uma estratégia de proteção às atividades carnavalescas, o que faz com que fique subentendido que esse é um trabalho que depende da conscientização da população e do crescimento da auto-estima das pessoas envolvidas com a festa.

O conceito de valorização, no entanto, pode adquirir interpretações errôneas, como no caso em que a comissão julgadora dos desfiles colocou como elementos de valorização dos blocos, atribuindo-lhes melhor nota, a padronização e a utilização de brilho. Tal fator ocasionou uma transformação nas características dos blocos, que procuraram se adequar às exigências da comissão julgadora, em lugar de atender às especificidades que realmente fazem parte de sua cultura. Existe a necessidade

de exploração do planejamento participativo que iria anular problemas como esse, em virtude de os próprios participantes dos blocos opinarem sobre a constituição dos quesitos de avaliação dos desfiles.

É justamente por motivo de as diversas manifestações presentes na composição da cultura de Ilhéus funcionarem como importante fator de atração turística que, mesmo antes de serem tratadas como um produto turístico, devem ser respeitadas como uma manifestação das diversas identidades do lugar. Este comprometimento com a identidade local permite a participação da comunidade em festas populares como o “Carnaval Cultural”, quando concebido a partir de uma organização consciente e planejada visando a sua sustentabilidade.

Por isso, o “Carnaval Cultural de Ilhéus”, preservando algumas das manifestações culturais tradicionais da cidade, não deve se fechar totalmente à modernização, que caracteriza a dinamicidade de identidade e seu processo de hibridismo por tradição e/ou tradução. O que pode ocorrer é a comunidade “vigia-la”, para que não se limite a absorver simplesmente as lembranças dos antepassados presentes na memória da população local.

Uma das sugestões de ordem prática para que este cuidado seja tomado é a construção e/ou manutenção de um arquivo público relacionado ao carnaval e a outras manifestações populares festivas de Ilhéus (PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, 1996). O arquivo é uma estratégia que permite a rememoração de acontecimentos, festividades e outras manifestações de cunho intangível que, comumente, são esquecidas tanto pela comunidade como pelos gestores, mas que admite as novas características inseridas na comemoração. Com esse recurso, a comunidade, bem como pesquisadores, em geral, podem ter acesso a informações acerca do percurso histórico por que passou o carnaval da cidade, inclusive observando suas transformações.

As manifestações populares que ocorrem na cidade podem adquirir influências de caráter externo, mas não seria benéfico ter suas principais características assimiladas. Por outro lado, é difícil que ocorra, por exemplo, uma homogeneização das culturas do município, já que a diversidade é um fenômeno que constitui a sua própria história. Por conseguinte, o Carnaval de Ilhéus não pode privilegiar uma só cultura, mas deve considerar as expressões cultu-

rais relacionadas à formação de sua identidade, como das etnias negra, indígena, branca, e de povos de outros estados ou países, como sergipanos e árabes.

Assim, em decorrência da tradução, identidades que atravessam e intersectam as fronteiras naturais (HALL, 2000), como ocorreu com os negros trazidos a Ilhéus pelos colonizadores, surgiu um hibridismo na região que se evidencia no próprio Carnaval de Ilhéus. Desse modo, torna-se necessário que os organizadores da festa procurem mecanismos para atender aos anseios das diversas identidades culturais que permeiam a comunidade ilheense, não privilegiando apenas os que desejam o reencontro com o carnaval tradicional, mas possibilitando aos outros grupos a oportunidade de entrar em contato com novas experiências, sentindo o caminhar da história e fazendo parte de sua evolução.

Enfim, retomando os pressupostos teóricos de Stuart Hall, é importante que se pense - também como sugestão de sustentabilidade para o Carnaval de Ilhéus - na mistura saudável entre as culturas de diferentes etnias e de diferentes épocas, já

que “hibridismo e sincretismo [constituem uma] fusão entre diferentes tradições culturais e são uma fonte criativa, produzindo novas formas de cultura” (HALL, 2000, p. 78). Apesar de possuírem custos e perigos, como o da assimilação e do hibridismo, assim como pode ser observado em alguns aspectos na cidade de Ilhéus e em diversas outras localidades, a mescla cultural resultou no enriquecimento das culturas ditas tradicionais, em decorrência da inserção de elementos inovadores ou advindos de outras origens. É necessário, principalmente numa cidade possuidora de uma ampla diversidade cultural, que haja este respeito às identidades, inclusive que essas sejam múltiplas, multifacetadas, e que seja possível garantir a satisfação da vontade dos indivíduos que fazem parte da comunidade local.

Conclusão





CONCLUSÃO

O carnaval é um evento que possibilita a existência de relações várias entre seus participantes, dentre as quais evidenciam-se os papéis identitários e a atividade turística do lugar em que acontece. Enquanto festa, o carnaval significa comemoração, um momento especial, de manifestação da alegria, que se intensifica através da música, da roupa, da dança, do desfile. Toma lugar de oposição ao tempo comum, que compõe o cotidiano das pessoas, tempo de liberdade, de desprendimento das obrigações religiosas. Nele, a fantasia configura-se como principal símbolo, mascarando determinadas faces da sociedade e desnudando outras, confirmando sua principal característica, que é a inversão de papéis identitários, proporcionando a co-existência, num mesmo ambiente e tempo, de aspectos contrastantes. A rua, a praça são por ele habitadas, intensificando o conceito de liberdade que lhe é intrínseco.

Os principais indícios históricos sobre o caminhar da festa carnavalesca demonstram a sua origem remota, que se confirma nos elementos relacionados ao passado de cada povo que a comemora. Das danças egípcias, passando pelas alegorias italianas,

até os divertimentos do Entrudo português, existem sempre evidências de algumas dessas ascendências nas comemorações carnavalescas atuais.

No Brasil, cada região configurou seu carnaval de forma diferente, mais propriamente de acordo com suas características culturais, que se mostram na festa através de caricaturas dos seus papéis sociais. Os traços étnicos, as posições econômicas, as variações etárias são alguns dos elementos que se manifestam durante a festa e evidenciam sua multiplicidade identitária. Isso faz com que a composição do carnaval seja diferente no Rio de Janeiro, em Recife, em Parintins e em Ilhéus, justamente por causa da caracterização identitária de cada lugar. A cultura indígena, no caso das variações étnicas, configura-se mais enfaticamente no carnaval comemorado na Região Norte, enquanto a negra se manifesta mais intensamente na festa baiana. Tais fatores não determinam, no entanto, que o carnaval possua, necessariamente, a participação de cada elemento das suas múltiplas manifestações culturais nas diversas localidades brasileiras.

A pesquisa concluiu que, mesmo tendo surgido na Itália, o carnaval configurou-se como a festa de maior identificação de brasilidade, especialmente quando surgiu

o Entrudo, manifestação que se mostrava opositora ao carnaval, constituída principalmente de negros e, ou pobres (como pode ser percebido ainda hoje no Brasil, quando se observa os aspectos socioeconômicos do país, e Ilhéus não foge a esse fato). Assim, no caso em foco (Ilhéus), o carnaval é considerado pela população local e pelos visitantes como a principal festividade comemorada na cidade, e as segmentações social, cultural e econômica que, desde os primórdios, fazem parte da caracterização do carnaval, ainda se encontram em evidência nos atuais carnavais ilheenses. Isso pode ser observado mais claramente nos blocos que possuem um grupo específico de participantes, como os de abadá, afro, da melhor idade, dentre outros.

A análise do Carnaval de Ilhéus evidenciou a constituição das identidades culturais que nele se mostram e/ou se mascaram, construindo um mapa sociocultural e também econômico que traduz o povo ilheense. Tais identidades mostraram-se possuidoras de múltiplas facetas, despidas ou travestidas, agrupadas ou solitárias, inertes ou em movimento, sinalizadas no conteúdo das fantasias utilizadas, no trânsito entre ver e ser visto e nas músicas ouvidas e dançadas. Alguns desses elementos, quando agrupados, formam grupos, ou tri-

bos, melhor identificados nos Blocos Afro, da Melhor Idade, de camisa, das Gabrielas. A união de pessoas num mesmo grupo salienta que, mesmo com a existência das identidades múltiplas que possuem, escolhem uma de suas facetas para salientar durante a participação no grupo, mascaradas ou não, para expor durante a festa, sendo elas, respectivamente, da comunidade negra, das senhoras participantes de uma organização, dos pagantes seguidores de trio elétrico, dos homens que se vestem como a personagem-símbolo da literatura amadiana. Em outros casos, a diversidade identitária mostra-se desagrupada, independente, através de fantasias solitárias que algumas pessoas vestem, ou daqueles que vão à festa com a intenção de vislumbrar o quê os outros vestem e fazem.

O Carnaval de Ilhéus, pela análise, mostrou-se rico de elementos culturais aparentes e sustentou a idéia inicial de pensá-lo, enquanto um recorte da realidade identitária da sociedade ilheense. Através da observação dos grupos que compuseram a festa durante toda a sua história e até a atualidade, pôde-se perceber que são atribuídos valores a símbolos como fantasias, instrumentos musicais, elementos decorativos e outros itens que consituíram tais festividades.

A partir da análise do conteúdo e da formação da festa, constatou-se que as características antes separadas e diferentes do Ilhéus Folia, antecipado, e do carnaval comemorado na data oficial, são atualmente encontradas na festa que, mesmo após a junção dos dois carnavais, continua a ser intitulada “Carnaval Cultural de Ilhéus”. Foi justamente a co-existência das características dos dois carnavais ilheenses que possibilitou a análise dos elementos evidenciadores de *tradição*, *tradução* e *hibridização*.

Observou-se, no corpo da festa, a evidência da *tradição* a partir da ocorrência de elementos que sinalizam características dos antigos carnavais de Ilhéus, bem como de antigos costumes ou rememoração de personalidades que marcaram a comunidade, não mais encontrados em seu cotidiano atual - identificados em fantasias como a da personagem Gabriela e nas fanfarras que tocam as antigas marchas carnavalescas.

Foram identificadas evidências de *tradução*, nos caracteres comumente atribuídos a um país estrangeiro, mas que se transportaram para o Brasil - identificados principalmente nos ritmos batucados, na utilização de símbolos e na referência a deuses de origem africana.

Foi observado, também, a partir dos

diversos componentes que integram a festa, que os aspectos de *hibridização* estão principalmente evidenciados na caracterização das fantasias que os foliões utilizam, em que foi identificada a ascendência de outros países mesclada à brasileira. Algumas dessas características estão nos costumes advindos de países da costa atlântica africana (identificados na música e nas vestimentas utilizadas pelos blocos afro), na caracterização dos grupos utilizando máscaras no estilo italiano (identificados nas máscaras dos blocos da Melhor Idade e de Pierrôs), nos trajes que demonstram influência médio-oriental (de pessoas vestidas de odaliscas), e na sinalização de costumes egípcios (em fantasias de múmias). O caráter híbrido da festa se confirma no momento em que se torna impossível separar todos os elementos de identificação de cada país, visto que são percebidas sinalizações, influências estrangeiras, mas sempre mescladas às características brasileiras; nunca isoladamente.

Enquanto manifestação popular, o carnaval é vislumbrado por pessoas que se encontram em trânsito, que saem de seu local de morada para conhecer novas culturas, povos diferentes. Tal comportamento toma forma a partir do fortalecimento do turismo cultural e, como tal, suscita a preocupação

de utilizar uma manifestação da cultura local como atividade econômica. Isso evidencia a necessidade de se configurar um planejamento com base na sustentabilidade para ser executado através de estratégias com ações direcionadas ao turismo e ao carnaval, sendo fundamental a participação da comunidade na sua elaboração.

A pertinência da valorização de símbolos que são evidenciados durante a festa carnavalesca sinaliza tanto sua permanência através do tempo, como a aquisição de novos elementos, integrando à festa características de diversas épocas. O desconhecimento ou a desvalorização de determinados símbolos implica no seu desaparecimento, ou na sua reconfiguração, identificados, na pesquisa, através de grupos que deixaram de participar do carnaval, como as escolas de samba, e da diminuição do número de pessoas que se fantasiavam durante a festa.

A evolução histórica da cidade de Ilhéus, desde a criação de sua Capitania até os dias atuais, apresenta diversos fatos identificados nas especificidades do carnaval, pois a temática escolhida para cada festa, como “Cacau”, “Turismo” e “George Amado”, acabou por traduzir acontecimentos importantes que ocorriam no cotidiano ilheense. Assim, a história do

carnaval torna-se, de certa forma, uma síntese da história ilheense.

Mesmo que apresente características atribuídas a grupos indígenas, orientais, negros ou brancos, a constituição étnica da cidade é principalmente imbuída de miscigenação. Costata-se, no entanto, que Ilhéus apresenta com mais intensidade a presença da comunidade negra, identificada mais precisamente nos blocos afro, que possuem lugar de destaque na sua festa carnavalesca, em comparação à participação das outras etnias. Enquanto a presença escassa de elementos indígenas no carnaval ilheense (apesar de existirem em grande quantidade na região) comprova a repressão sofrida por eles no período da formação da Capitania de Ilhéus, a ativa participação negra na festa, mesmo com a segregação associada ao grupo, demonstra que os negros construíram uma identidade de resistência, procurando dar seguimento aos seus costumes na terra ilheense.

A formação populacional da cidade apresenta-se também diversificada, no que se refere à inserção de imigrantes, em virtude dos grupos de estrangeiros que passaram a habitar o lugar, dentre os quais destacam-se os povos árabes.

O cultivo do cacau configura-se como o principal elemento da economia local,

mesmo depois das crises sofridas pela lavoura. Tal fruto está inserido na composição cultural da cidade, fazendo parte de sua identidade, inclusive apresentando influências sobre o carnaval, tanto no quesito dos investimentos financeiros para a formatação da festa, como na apropriação dos símbolos relacionados ao contexto da cacauicultura para fantasias, alegorias e temas dos carnavais.

Dentre os principais elementos integradores da cultura ilheense estão as obras produzidas por Jorge Amado, que ficcionalizam muito do cotidiano da cidade. A forte identificação dessa literatura com Ilhéus possibilita a formação de um segmento de leitores que passa a conhecer o lugar em virtude das influências provocadas pela literatura. O turista que visita Ilhéus tem contato com o cenário que compõe a obra amadiana e, do mesmo modo, o leitor amadiano passa a fazer uma “viagem literária” pelo lugar, antes mesmo de visitá-lo. No Carnaval de Ilhéus, a presença de elementos relacionados à ficção de Jorge Amado é bastante intensa, envolvendo diversos setores, como a composição das fantasias, a decoração, o tema e, com frequência, a propaganda.

A atividade turística em Ilhéus se intensifica a partir do seu reconhecimento

enquanto alternativa à economia degradada pelas crises do cacau. Ilhéus apresenta atualmente um fluxo turístico considerável, principalmente nos setores do ecoturismo e turismo cultural. Na época carnavalesca, que acontece comumente em período de férias, esse fluxo é ampliado.

Percebeu-se, no decorrer dos estudos realizados, que os turistas que visitam Ilhéus durante o carnaval procedem de diversas cidades do Estado da Bahia, de outras Regiões do Brasil e até do exterior. Dessa forma, o participante externo é colocado num grupo multifacetado, híbrido, que busca diversões bastante diferentes, que só uma festa carnavalesca consegue unir em um só momento, num mesmo lugar. Mas não apenas os turistas formam um grupo plural; isso ocorre também com a comunidade, que é constituída de manifestações identitárias plurais, que se juntam ao todo carnavalesco, mostrando-se, ao mesmo tempo, uno e diversificado.

Foi constatada a presença marcante dos grupos de descendência africana na formatação da festa, até porque os blocos afro se mostraram um dos mais importantes elementos integradores do carnaval ilheense, chamando a atenção dos turistas e tornando-se motivo de orgulho para a população local, que vê, nesses blocos, a

participação ativa e constante do povo ilheense. Foi justamente a partir da observação dos blocos afro que foram constatados os efeitos de massificação que uma festa de grande porte pode causar, com a ameaça de extinção sofrida pelos blocos, durante os primeiros anos em que se comemorou o Ilhéus Folia.

A análise da evolução natural por que passou o carnaval evidenciou que, a depender dos interesses que estão por trás de sua organização, os impactos da atuação dos órgãos gestores podem mostrar-se positivos ou negativos. Um deles se evidenciou quando, por interesses econômicos, os organizadores subtraíram da festa outros elementos culturais de menor lucratividade, dando prioridade ao trio elétrico (embora também cultural).

A manifestação de grupos folclóricos durante o carnaval contribui para a construção da história da cidade e manutenção de sua valorização no decorrer do tempo, visto que o carnaval é um bem intangível e de fácil transformação, sendo possível deixar de existir, como aconteceu em diversas outras cidades do Brasil.

As análises realizadas nessa pesquisa possibilitaram observar que a utilização pelo turismo das manifestações culturais fizeram com que ocorresse uma modifica-

ção no papel que a festa representa para a comunidade local, em virtude desta deixar de existir com a principal função de proporcionar lazer e diversão, para tornar-se uma alternativa de crescimento da economia da cidade.

Constatou-se, a partir da observação de planos participativos executados em outras localidades, que a formação de um grupo multidisciplinar para a elaboração e a aplicação das estratégias de planejamento relacionadas ao turismo e, especificamente nesse caso, ao carnaval, é imprescindível para que as diversas facetas da comunidade ilheense sejam atendidas em seus anseios. Esse grupo deve ser integrado pela comunidade nos seus vários segmentos, a fim de que suas perspectivas sejam colocadas em pauta desde o surgimento do planejamento.

Em relação ao desfile dos blocos afro, concluiu-se que organizadores do carnaval não devem interferir diretamente nas suas configurações, pois tal atitude pode causar um desvio na interpretação dos símbolos e das significações que permeiam a identidade cultural dos participantes dos blocos, além de provocar atitude de “adequação” da cultura às exigências da política do mercado turístico.

Ficou claro que a conscientização da população, no que se refere à atividade tu-

rística, é fundamental para o andamento sadio da mesma. É necessário que a comunidade tenha consciência dos impactos positivos e negativos que o turismo pode ocasionar, a fim de que possa planejar ações preventivas contra os perigos inerentes à atividade.

Percebeu-se que uma parcela de turistas e da comunidade ilheense não valoriza a presença dos grupos fantasiados e outros que fazem parte do “Carnaval Cultural de Ilhéus”, dando preferência apenas à presença de trios elétricos e de atrações musicais famosas. Esse fator fez com que se notasse a necessidade de utilizar a estratégia de *antimarketing*, que provoca a atração para o circuito do carnaval, no momento em que estes grupos desfilam, apenas do público interessado nesse tipo de manifestação cultural. Esta estratégia surge como sugestão a ser executada através de uma propaganda clara e direcionada, que consiga mostrar os momentos em que os diferentes tipos de atração do carnaval podem ser observados.

A hipótese do trabalho é afirmada quando se nota que o Carnaval de Ilhéus possui características que identificam o seu passado, num exercício de preservação da tradição, mesmo admitindo a inserção de novos elementos, como o trio elétrico. Isso

faz concluir que a massificação da festa ocasionou a perda de alguns elementos tradicionais, porém não colocou em extinção todo o conjunto de tradições que fazem parte da identidade ilheense, pois foram identificados elementos que silanizam um passado remoto, sendo o principal deles a presença de diversas pessoas fantasiadas no decorrer das comemorações e de bandas de fanfarra que tocam as marchinhas dos antigos carnavais.

Enquanto festa que integra as atrações turísticas da cidade, constatou-se que seus elementos constituintes atuais traduzem a verdadeira significação da festa carnavalesca, que é a de ser dotada de múltiplas facetas, um momento de comemoração conjunta entre pessoas de diversas idades, profissões, poder aquisitivo e identidades. É por isso que deve ser observada, analisada e cuidada, enquanto patrimônio cultural da cidade, respeitando as diversas identidades que dele fazem parte, suas preferências, seus gostos. O Carnaval de Ilhéus, atualmente, possui especificidades capazes de agradar à comunidade local, valorizando sua cultura, além de satisfazer aos anseios dos turistas, que pretendem conhecer o novo, o diferente, no mesmo momento em que se divertem na mais importante festa do povo brasileiro. Mas a potenciali-

dade do carnaval ilheense ainda não é por completo explorada, visto que existem indícios de que determinados segmentos da sociedade interna e externa possuem críticas ao mesmo.

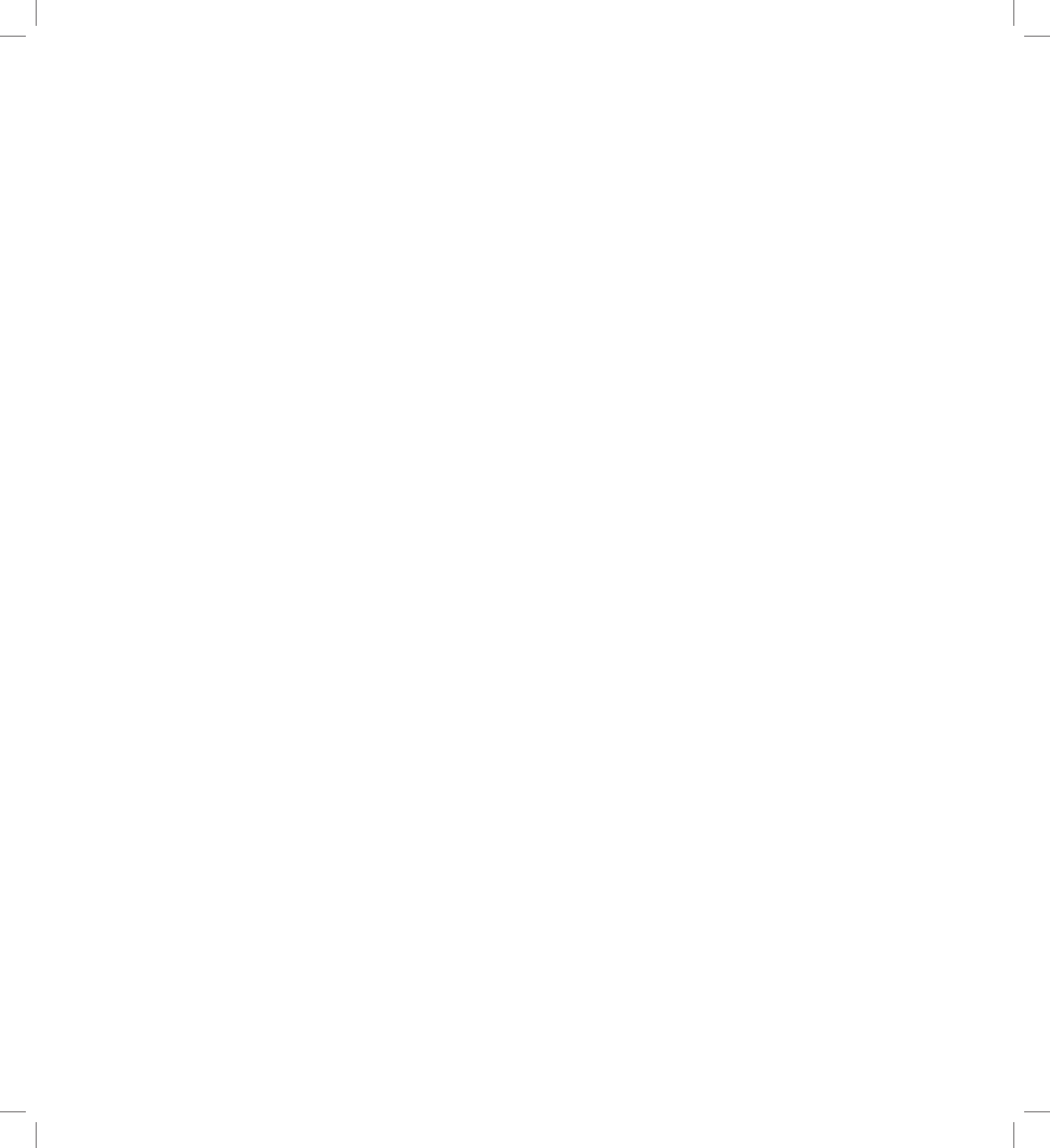
As políticas públicas relativas à festa carnavalesca devem contemplar prioritariamente os anseios da comunidade a fim de que ela se integre de forma positiva às ações turísticas. O respeito aos seus valores culturais, demonstrados no planejamento estratégico participativo, desencadeará ações responsáveis e duradouras.

Cada segmento social, imbuído das suas responsabilidades e atribuições, ga-

rantirá ações positivas e conseqüentes. Expressões culturais legítimas, por parte dos moradores; recursos para a execução das ações, por parte dos empresários; apoio e garantia de estruturas básicas, por parte do poder público, garantirão a sustentabilidade e preservação cultural, com eficiência e eficácia em atenção ao mercado turístico e ao valor da cultura local.

Referências





BIBLIOGRÁFICAS

ADONIAS FILHO. **Sul da Bahia**: chão de cacau. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1978.

ALMEIDA, Luiz Sávio de (Org.). O negro e a construção do carnaval no Nordeste do Brasil. Maceió: EDUFAL, 1996.

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**: crônica de uma cidade do interior. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 1976.

AMADO, Jorge. **São Jorge dos Ilhéus**: romance. 52. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

AMADO, Jorge. **Terras do sem fim**. 68. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARAÚJO, Hiran. **Carnaval**: seis milênios de história. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ARCHER, Margaret. Teoria, cultura e sociedade pós-industrial. In: FEATHERSTONE, Mike. (Org.) **Cultura global**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

ARMSTRONG, Piers. Aspectos estéticos e sociais na comunidade carnavalesca baiana: em busca do sujeito lírico nas letras de músicas de um bloco afro. In: PEREIRA, Rubens Alves (Org.). **Rotas & imagens**: literatura e outras viagens. Feira de Santana/Coordenação do Programa de Pós-graduação em Literatura e Diversidade Cultural, 2000.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Belo Horizonte: Itatiaia. São Paulo: EDUSP, 1980.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

- BARRETO, Raymundo Sá. **Notas de um tabelião de Ilhéus**. São Paulo: GRD, 1982.
- BASTOS FILHO, Jenner Barreto; AMORIM, Mádía Fernando Maia de; LAGES, U. Nobre. (Orgs). **Cultura e desenvolvimento**: a sustentabilidade cultural em questão. Maceió: Prodema, 1999.
- BENEVIDES, Ireleno P. Para uma agenda de discussão do turismo como fator de desenvolvimento local. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). **Turismo e desenvolvimento local**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- BENI, Mario Carlos. Política e estratégia de desenvolvimento regional: Planejamento integrado e sustentável do turismo. In: LAGE, Beatriz H.; MILONE, Paulo C. (Orgs.) **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BORNHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. In: BORNHEIM, Gerd A. et al. **Cultura brasileira**: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. São Paulo, Ática, 1997.
- BOSI, Alfredo. Cultura como tradição. In: BORNHEIM, Gerd A. et al. **Cultura brasileira**: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRAGA, Júlio. **Fuxico de candomblé**: estudos afro-brasileiros. Feira de Santana: UFFS, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. Campinas: Papirus, 1989.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, s.d.
- CANCLINI, Nestor. Culturas híbridas. 2. ed. Trad. Ana R. Lessa e Heloísa P. Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.
- CALVINO, Ítalo. Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTELLS, Manuel. A era da informação. In: Economia, sociedade e cultura. v. 2. 2. ed. O poder da identidade. Trad. Klaus B. Gerhardt. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito et al. **Desenvolvimento sustentável e planejamento:** bases teóricas e conceituais. Fortaleza: UFC – Imprensa Universitária, 1997.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia:** uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis:** para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo:** entrevista a Maria Serena Palieri. Trad. Léa Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DENKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** São Paulo: Futura, 1998.

FARACO, Carlos Alberto et al. **Diálogos com Bakhtin.** 3. ed. Curitiba: Ed. da UFPR, 2001.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura:** globalização, pós-modernismo e identidade. Trad. Carlos E. M. de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FERRO, Marc. **A história vigiada.** São Paulo: Martins Fontes, s.d.

FONTES, Maria Josefina V. **Turismo em Ilhéus:** vantagens comparativas versus vantagens competitivas. 2001. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FREITAS, Antônio Guerreiro de; PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. **Caminhos ao encontro do mundo:** a capitania, os frutos de ouro e a princesa do sul – Ilhéus, 1534 – 1940. Ilhéus: Editus, 2001.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GILROY, Paul. **O atlântico negro**. São Paulo: Editora 34, 2001.

GUIMARÃES, Elias Lins. **Os saberes de uma festa**: conhecimento e vivência de jovens negros no Bloco Afro Araketu. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GUMBRECHT, Hans U. **Modernização dos sentidos**. Trad. Lawrence Pereira. São Paulo: Editora 34, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HEBER, Florence. O Conselho Municipal do Carnaval. In: IVO, Anete et al. **O poder da cidade**: limites da governança urbana. Salvador: EDUFBA, 1999.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Trad. Celina Cerdim Cavalcante. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IANNI, Otávio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: 1996.

IANNI, Otávio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 1999.

ISER, Wolfgang. **Al acto de leer**. Madrid: Taurus, 1987.

LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar. Fundamentos econômicos do turismo. In: LAGE, Beatriz Helena Gelas; MILONE, Paulo Cesar (Orgs.). **Turismo**: teoria e prática. São Paulo: Atlas, 2000.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**: história de uma ideologia. 5. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1992.

LEMOS, Amalia I. **Turismo – Impactos sócio-ambientais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

- LIMA, Luís Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- LOPES, Edward. Discurso literário e dialogismo em Bakhtin. In: **A palavra e os dias**: ensaios sobre a teoria e a prática da literatura. São Paulo: UNESP, 1993.
- LUCAS, Sonia Maria de Mattos. Turismo cultural no Vale do Paraíba: uma experiência histórica. In: ANAIS DO 2º CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, Piracicaba, 2000.
Turismo: novo caminho no espaço rural brasileiro. Piracicaba: Oliveira, Moura e Sgai, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- MENDONÇA JÚNIOR, Érico Pina. **Turismo e desenvolvimento sócio-econômico**: o caso da Costa do Descobrimento Bahia - Brasil. Salvador: Omar G., 2000.
- MENEZES, Ulpiano T B. de. Os “usos culturais” da cultura: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fari A; CRUZ, Rita de Cássia A. da (Orgs.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- MOURA, Milton Araújo. **Carnaval e baianidade**: arestas e curvas na coreografia das identidades no carnaval de Salvador. 2001. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- MOURA, Milton Araujo. World of Fantasy, Fantasy of the World: Geographic Space and Representation of Identity in the Carnival of Carnival of Salvador, Bahia. In: PERRONE, Charles A.; DUNN, Christopher (Orgs.). **Brazilian popular music & globalization**. Gainesville: University Press of Florida, 2001.
- NASCIMENTO, Carla Moura. **Análise do perfil do turista de Ilhéus - BA**: período 1998 - 2000. 2001. Monografia (Graduação Economia) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus.

- OLIVEIRA, Antonio Pereira. **Turismo e desenvolvimento**: planejamento e organização. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- PAIM, Zilda. **Relicário Popular**. Salvador: EGBA, 1999.
- PELEGRINI FILHO, Américo. **Ecologia, cultura & turismo**. Campinas: Papyrus, 1993.
- PEREIRA FILHO, Carlos. **História e fatos de Ilhéus**. Ilhéus: CEPLAC, 1981.
- PESSANHA, José Américo Motta. Cultura como ruptura. In: BORNHEIM, Gerd A. et al. **Cultura brasileira**: tradição/contradição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- PETROCCHI, Mario. **Turismo**: planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 1998.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jacelyne. **Teorias da etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1996.
- PREFEITURA Municipal de Vitória. **Vitória do futuro**: Plano Estratégico da Cidade 1996 - 2010. Prefeitura Municipal de Vitória: Vitória, 1996.
- PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. A Produção e o Consumo do Espaço para o Turismo e a cultura. YAZIGI, Eduardo et al. In: YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fari A; CRUZ, Rita de Cássia A. da (Orgs.). **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1975.
- RUSCHMMAN, Dóris. **Encontro Brasil**. Grã-Bretanha: SEBRAE, 1998.
- SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em vias de extinção. (Parte I). **Revista MANA**: estudos de Antropologia Social. São Paulo, SP, v. 3, n. 1, abr. 1997.

SANGIRARDI, JR. **Deuses da África e do Brasil**: Candomblé e Umbanda. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

SANTOS, Roselys Isabel Correa dos. Conhecimento, conscientização e preservação do patrimônio cultural para a prática do turismo. **Turismo – Visão e Ação**: Universidade do Vale de Itajaí, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria – Mestrado: Editora da UNIVALI, Itajaí, ano 4, n. 8, jun. 2001.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte e vídeo-cultura na Argentina. Trad. Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UERG, 1997a.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginadas**: intelectuais, arte e meios de comunicação. Trad. Rubia Goldoni e Sergio Molina. São Paulo: Edusp, 1997b.

SILVA, Marlúcia Barros da. **O Carnaval de Ilhéus**: década de 60. 2001. Monografia (Especialização em História) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: **Revista brasileira de literatura comparada**. n. 1 (1991). Rio de Janeiro: Abralic, 2002 – v.

SOUSA, Antônio Pereira. **Tensões de tempo**: a saga do cacau na ficção de Jorge Amado. Ilhéus: Editus, 2001.

SOUZA, Marcelo J. L. de. Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local? In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). **Turismo e desenvolvimento local**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

SWARBROOKE, John. **Turismo sustentável**: turismo cultural, ecoturismo e ética. v. 5. Trad. Saulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2000.

VALLS, Josep Francesc. **Las claves del mercado turístico**: cómo competir en el nuevo entorno. Bilbao: Deusto, 1996.

VAZ, Gil Nuno. **Marketing turístico**: receptivo e emissor. São Paulo: Pioneira, 2001.

VIEGLER, Renate. A idéia de “sustentabilidade cultural”: algumas considerações críticas a partir da antropologia. In: BASTOS FILHO, Jenner Barreto; AMORIM, Mária Fernando Maia de; LAGES, U. Nobre. (Orgs). **Cultura e desenvolvimento**: a sustentabilidade cultural em questão. Maceió: Prodema, 1999.

VINHÁES, José Carlos. **São Jorge dos Ilhéus**: da capitania ao fim do século XX. Ilhéus: Editus, 2001.

VOVELLE, Michael. **Ideologia e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Trad. Viviane Ribeiro. Lisboa: Espaço 2, 2000.

YAZIGI, Eduardo et al. YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fari A; CRUZ, Rita de Cássia A. da. (Orgs.) **Turismo**: espaço, paisagem e cultura. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

MATÉRIA EM JORNAL

I MOSTRA de Música Negra acontece neste Sábado na Concha Acústica. **Diário da Tarde**. Ilhéus, 27 abr. 1997.

CARNAVAL Cultural de Ilhéus. **A Região**. Ilhéus, 25 fev. 2001.

CARNAVAL Cultural de Ilhéus. **A Tarde**. Salvador, 28 fev. 2001.

CARNAVAL de Ilhéus. **A Tarde**. Salvador, 23 fev. 2001.

CARNAVAL de Ilhéus. **Diário da Tarde**. Ilhéus, 5 mar. 1960.

CARNAVAL. **A Tarde**. Salvador, 12 fev. 2000.

CHEGOU o Carnaval. **Diário do Sul**. Itabuna e Ilhéus, 21 fev. 2001.

É CARNAVAL, viva a folia. **Diário da Tarde**. Ilhéus, 24 fev. 1989.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Caminhos da ficção nas terras do cacau. **A Tarde Cultural**. Ilhéus, 4 jul. 1992.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Políticas culturais no estado da Bahia. **A Tarde**. 5 jan. 2002. Caderno 02.

TURISMO em Ilhéus. **Folha da Praia**. Ilhéus, 18 jan. 2002.

TURISTAS argentinos para o Brasil. **Diário da Tarde**. Ilhéus, 2 fev. 1972.

ELETRÔNICAS



BAKHTIN, Mikhail. **Bakhtin**. Disponível em: <http://www.lereagir.com/magdaco2humaita.htm>
Acesso em: 18 jan. 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Bakhtin**. Disponível em: <http://www.members.tripod.com/~1felipe/Bakhtin.html>
Acesso em: 18 jan. 2003.

HEINE, Maria Luiza. **História de Ilhéus**. Disponível em: <http://www.ilheus.com.br>. Acesso em:
12 out. 2002.

HISTÓRIA do Carnaval. **Carnasite**. Disponível em: www.carnasite.com.br/carnaval/historia.asp
Acesso em: 23 out. 2002.

ILHÉUS. **Banco de dados**. Disponível em: <http://www.ilheus.com.br/festasnoverao>. Acesso
em: 10 jan. 2001.

ILHEUS. **Festas Populares**. Disponível em: http://www.ilheus.com.br/prog_verao.htm. Acesso
em: 22 jan. 2001.

ILHÉUS. Ilhéus. **Ilhéus**. 11 jan. 2001. Disponível em: <http://www.ilheus.com.br>. Acesso em: 27
jun. 2001.

ILHEUSAMADO. **Imagens de Ilhéus**. Disponível em: <http://www.ilheusamado.com.br>. Acesso
em: 15 jul. 2003.

MELO, José Marques de. “Imagens Norte-Sul do Carnaval. Estudo de um fenômeno brasileiro de folk-mídia”. In: **Coloquio Panamericano “As Indústrias culturais y diálogo de las civilizaciones en las Américas”**. Montreal, 2002. Disponível em: <http://www.er.uqam.ca/nobel/gricis/actes/panam/MarquesdeMelo.pdf>. Acesso em: 29 mai. 2003.

SARAIVA, Daniela Costa. **Festas religiosas no século XVIII**. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.br/hi/Daniela/bakhtin.htm>. Acesso em: 12 jun. 2003.

SEBRAE. **Turismo**. Disponível em: <http://www.bitsnet.com.br/~sebrail/sebrae33.htm> Acesso em: 4 abr. 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. “Identidade cultural e turismo: cravo e canela na terra da Gabriela”. **Revista Espaço acadêmico**. Ano II - nº 18. Novembro de 2002. Mensal - ISSN 1519.6186. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/18csimoes.htm>. Acesso em: 23 nov. 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. “Onde há vontade política a educação está entre as prioridades” 2002. **Agora-online**. Disponível em: <http://www.agora-online.com.br/entrevista.htm>. Acesso em: 11 jun. 2003.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Turismo cultural e sustentabilidade**: exemplo da região do sul do estado da Bahia, Brasil. In: Congresso Internacional Del Turismo. Argentina. Disponível em: www.naya.org.ar/turismo/congreso/index.htm. Acesso em: 14 out. 2000.

UNITED NATIONS. **Tourism and social development**. United Nations Environmental Programme, 1999. Disponível em: <http://www.E/CN.17/1999/5/Add.2> Acesso em: 18 set. 2001.

DEPOIMENTOS

KRUCHEWSKY, L. **Lindaura Kruchewsky**. Administradora da Casa de Jorge Amado: depoimento [18 nov. 2001]. Entrevistadora: A. Nascimento. Ilhéus: Casa de Cultura Jorge Amado, 2001. 1 fita cassete (120) min 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

MARINHO, O. **Osmar Marinho**. Presidente do Bloco Afro Dilazenze: depoimento [12 fev. 2003]. Entrevistadora: A. Nascimento. Ilhéus: Memorial da Cultura Negra, 2003. 1 fita cassete (120) min 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

MARQUES, G. **Gerson Marques**: depoimento [27 jan. 2002]. Entrevistadora: A. S. B. Nascimento. Ilhéus: Sede da ILHÉUSTUR, 2002. 1 fita cassete (120 min), 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

NASAL, J. **José Nazal**. Fotógrafo, Secretário do Setor de Informática da P. M. I.: depoimento [11 jan. 2002]. Entrevistadora: A. S. B. Nascimento. Ilhéus: Prefeitura Municipal de Ilhéus, 2002. 1 fita cassete (120 min), 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

PINHEIRO, M. **Maurício Pinheiro**. Gerente de Espaços da Prefeitura Municipal de Ilhéus: depoimento [11 jan. 2002]. Entrevistadora: A. S. B. Nascimento. Ilhéus: Teatro Municipal de Ilhéus, 2002. 1 fita cassete (120 min), 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

PÓLVORA, H. **Hélio Pólvora**. Presidente da Fundação Cultural Casa de Jorge Amado: depoimento [11 jan. 2002]. Entrevistadora: A. S. B. Nascimento. Ilhéus: Fundação Cultural Casa de Jorge Amado, 2002. 1 fita cassete (120 min), 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

SANTA FÉ, J. M. S. **Joana Maria da Silva Santa Fé**. Diretora Escolar do Ensino Fundamental: depoimento [09 jan. 2002]. Entrevistadora: A. S. B. Nascimento. Buerarema: Residência, 2002. 1 fita cassete (120 min), 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

SANTANA, F. **Fernanda Santana**. Estudante: depoimento [27 fev. 2002]. Entrevistadora: A. Nascimento. Ilhéus: Avenida Soares Lopes, 2002. 1 fita cassete (120) min 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

SANTOS, T. **Tiara Santos**. Funcionária Pública: depoimento [2 mar. 2003]. Entrevistadora: A. Nascimento. Ilhéus: Avenida Soares Lopes, 2003. 1 fita cassete (120) min 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

SANTOS, W. **Wilton Santos**. Militar: depoimento [2 mar. 2003]. Entrevistadora: A. Nascimento. Ilhéus: Avenida Soares Lopes, 2003. 1 fita cassete (120) min 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo.

SILVA, N. **Noeli Silva**. Estudante: depoimento [12 fev. 2003]. Entrevistadora: A. Nascimento. Ilhéus: Memorial da Cultura Negra, 2003. 1 fita cassete (120) min 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.

SOUZA, M. A. **Marcos Antonio Souza**. Presidente do Bloco Afro Raízes Negras: depoimento [12 fev. 2003]. Entrevistadora: A. Nascimento. Ilhéus: Memorial da Cultura Negra, 2003. 1 fita cassete (120) min 3 ³/₄ pps, estéreo. Entrevista concedida ao Mestrado em Cultura & Turismo, UESC/UFBa.



Anexos



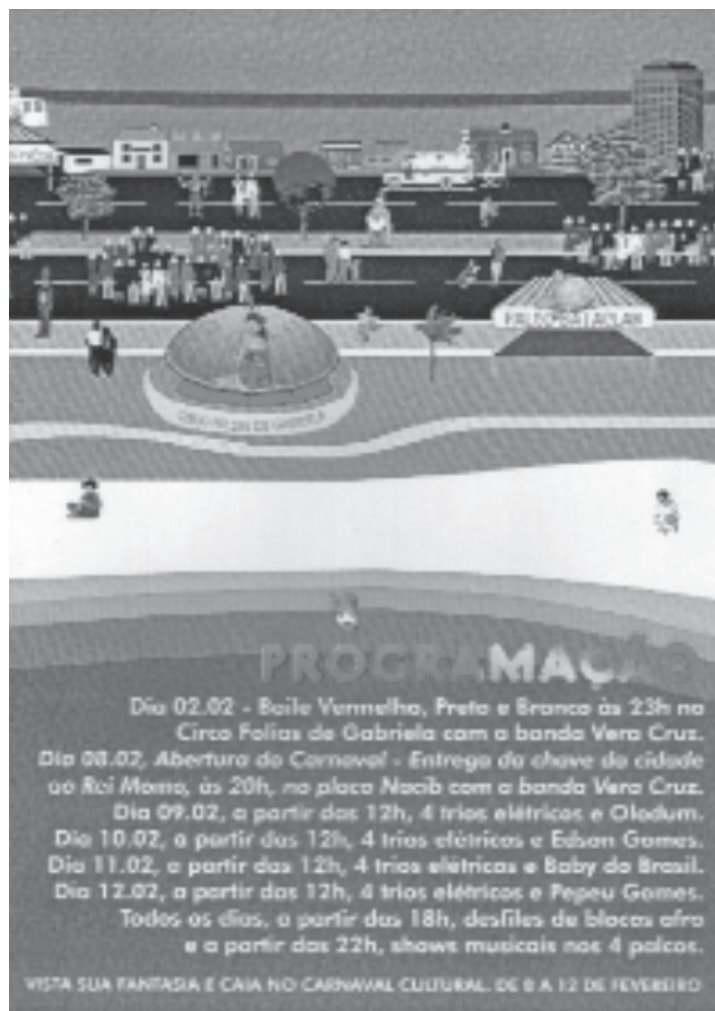




Capa do Folheto 1: "Carnaval Cultural no Planeta Amado".



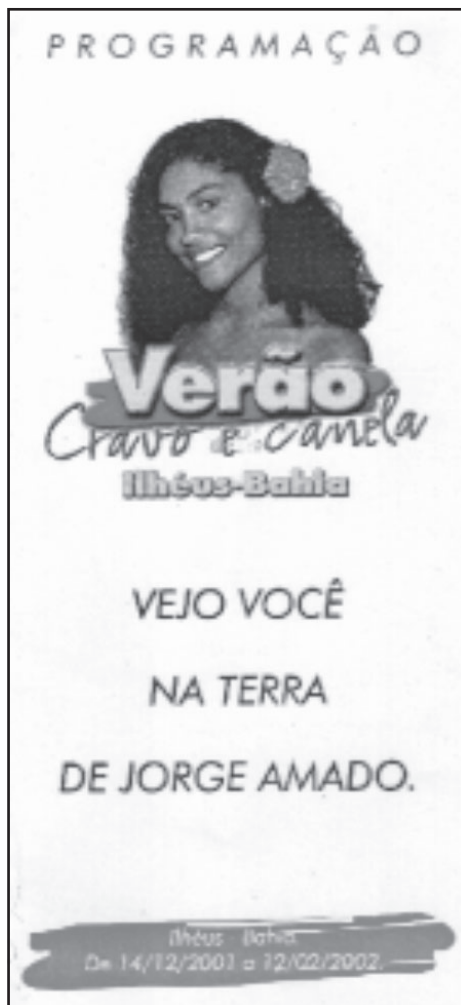
Contracapa do Folheto 1.



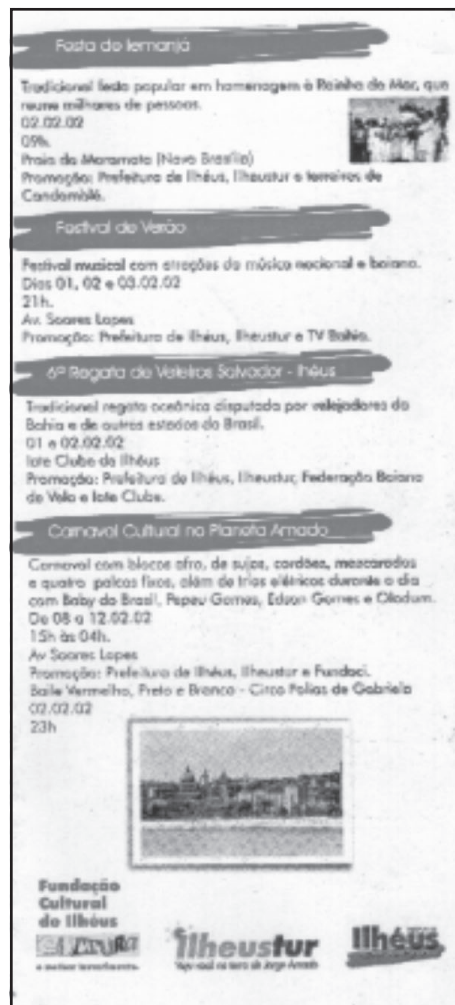
Parte interna do Folheto 1.



Capa do Folheto 2: "Programação Verão Cravo e Canela 2003".



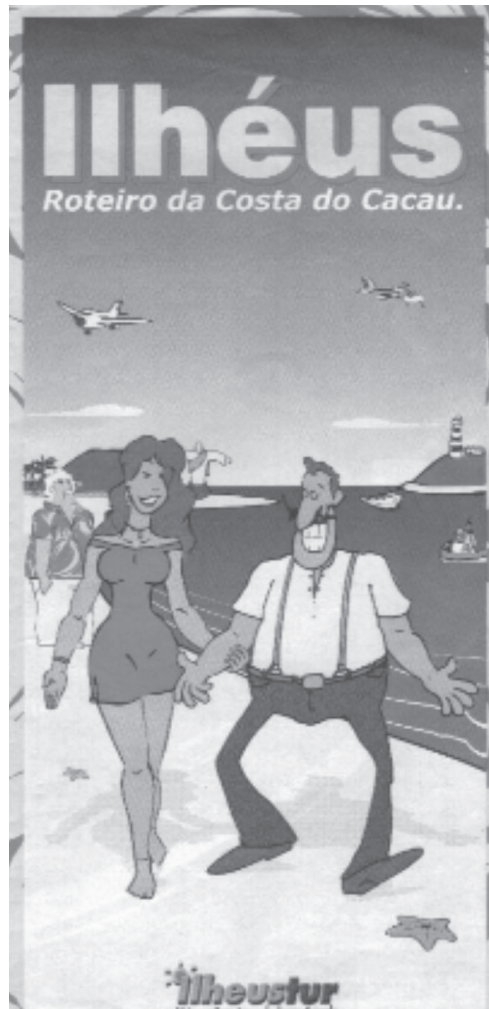
Capa do Folheto 3: "Programação Verão Cravo e Canela".



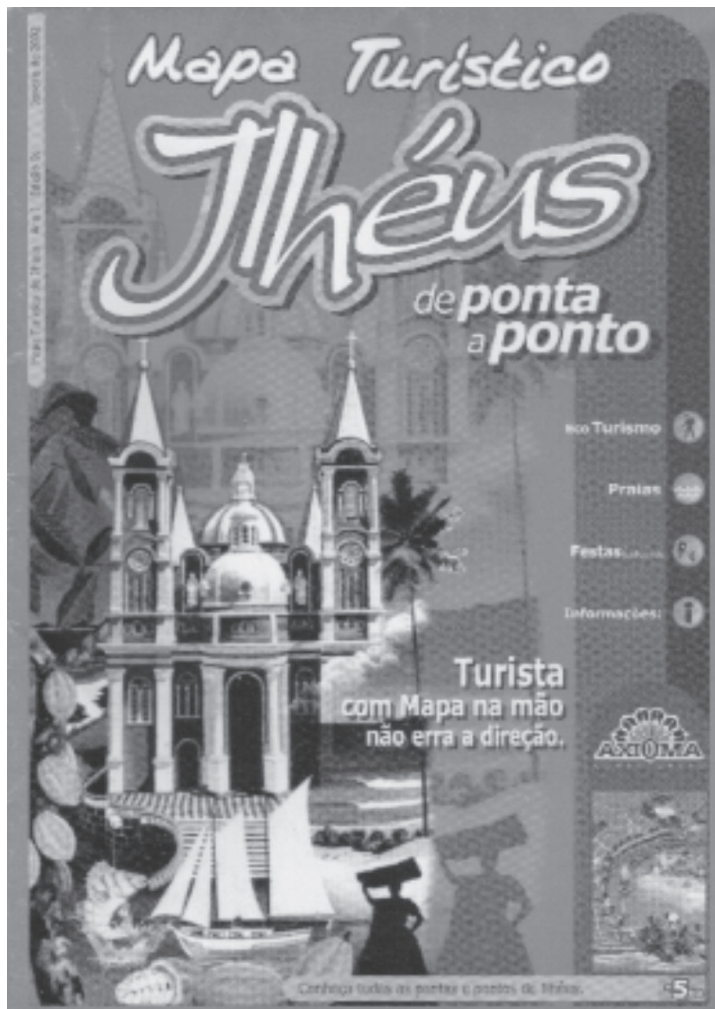
Verso do Folheto 3.



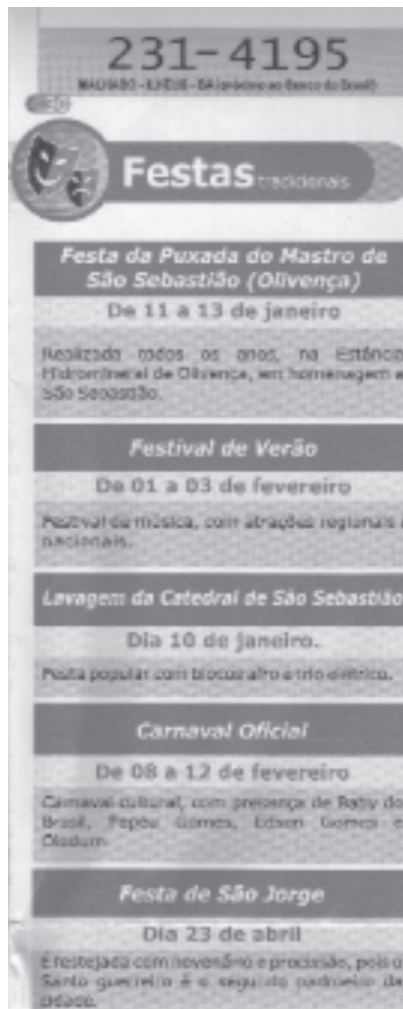
Capa do Folheto 4: "Ilhéus: Bem vindo à terra de Jorge Amado".



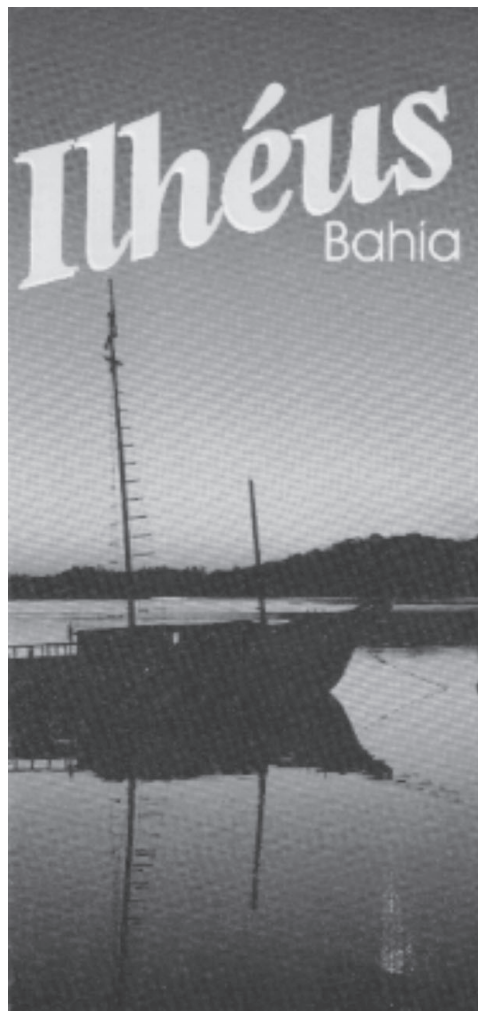
Capa do Folheto 5: "Ilhéus, Roteiro da Costa do Cacau".



Capa do Folheto 6: "Mapa turístico Ilhéus de ponta a ponto".



Parte interna do Folheto 6.



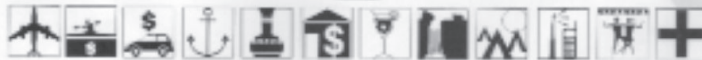
Folheto "Ilhéus Bahia"



Os "barileiros" vivem milhares de pessoas nos centros urbanos e a cidade tem dois centros, o Ilhéus Turismo, desenvolvido e com dois eixos, o Centro Cultural, na área urbana e com a grande expressão de edifícios alto-baixas. Tinha muitas lojas se destacavam a de artesanato, inaugurando a "Baía do Mar" do Condomínio, a Laragem das Sociedades do Comércio de São Sebastião, com "água de cheiro", e a Praça do Marro na Estação Internacional de Olinda, uma das mais antigas e que permaneceu uma ilha que resolveu a ilha, a ilha e a ilha, todos reunidos por uma R. Inabalável em São Sebastião. Além dos atores liberais, a ilha e a ilha, todos reunidos por uma R. Inabalável em São Sebastião. Além dos atores liberais, a ilha e a ilha, todos reunidos por uma R. Inabalável em São Sebastião.



Seja qual for o seu interesse, Ilhéus está pronta para receber a sua visita e vai fazer de tudo para proporcionar a sua estadia. Não há, aí, forças conquistadas e estamos aqui, esperando você!



Folheto "Bahia, Brasil, Ilhéus, "Vejo você na terra de Jorge Amado".



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

COORDENAÇÃO GRÁFICA: Luiz Henrique Farias

DESIGNER GRÁFICO: Cristovaldo C. da Silva

IMPRESSÃO: Davi Macêdo e André Andrade

FOTOMECÂNICA: Antônio Vitor

ACABAMENTO: Nivaldo Lisboa

SECRETÁRIO: Adilson Arouca

IMPRESSO NA GRÁFICA DA **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ** - ILHÉUS-BA